Revista da Semana

ANNO XXVII -- N. 18

24 de Abril de 1926

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Séde Social: Avenida Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado.
79.° Sorteio — 15 de Abril de 1926

99.941—Enéas Marques dos Santos — Curityba—Paraná.
148.706—Antonio Luiz de Arêa Leão — Floriano — Piauhy.
119.975—Antonio Moreira de Oliveira Filho — — Milagres-Ceará.
102.675—Franklin Ribeiro Viegas e esposa — S. Luiz-Maranhão.
139.132—Manoel Corrêa Dantas — Aracajú — Sergipe.
1° 139.456—Benedicto N. dos Santos Passarinho — Belém-Pará.
155.734—José Francisco Glavam — Florianopolis — Santa Catharina.
149.388—Eugenio Lengler — Itaqui-R. G. Sul.
113.812—Beatriz da Silveira Nunes Leite — Maceió-Alagôas.
109.045—José Fernandes de B. Lima Filho — Idem-Idem.
130.270—João Nepomuceno Jambeiro — B. do Rio das Contas — Bahia.
104.070—Godofredo Almeida Espirito Santo — Itabuna-Idem.
137.089—Alime Chuque — C°. Itapemirim — E. S.
139.624—Manoel de Freitas Calazans — Victoria — Espirito Santo.
155.461—Ranulpho Barbosa dos Santos — Cachoeiro de Itapemirim-Idem.
2° 134.265—Archimedes Bandeira de Mello — Recife-Pernambuco.
133.972—Herculano Bandeira de Mello — Idem Idem.
149.062—Luiz da Silva Gusmão Filho — Idem — Idem.
115.446—Aristides Bezerra Leite — Idem-idem.
3° 137.910—Jayme Estacio de Lima Brandão. — Idem-Idem.
155.648—Evaristo Lobato — Idem-Idem.
138.127—Salvador Moreira de Mattos — Morro Agudo-Estado do Rio.
4° 115.503—Julião Jorge Nogueira — Barra Mansa — Idem.
139.028—José Mansur — Campos-Idem.
133.860—Alvaro Teixeira de Freitas — B. Jesus Itapemirim-Idem.
135.303—José da Silva Padilha—Petropolis-Idem.
104.500—Mario Ururahy Macedo — Cataguazes—Minas Geraes.
119.892—Juvenal Abreu — S. P. Muriahé-Idem.
98.983—Leandro Castilho de Moura Costa — Barbacena-Idem.
152.984—Jocelino Barbosa — B. Horizonte-Idem.
153.485—Raul de Paula e Silva — Idem-dem.
108.783—José Dias Fernandes — Fructal-Idem.
116.213—Aristides de Araujo Silva — Ouro Preto — Idem.
142.318—José Francisco de Queiroz — E. A. Furtado-Idem.
158.356—Ignacio Villela — C. Parnahyba-Idem.
151.562—Carlos Fonseca Brandão — Corintho — Idem.
154.471—Ernani de Moraes — P. Nova-Idem.
144.462—Agrippino Aguiar — Capital Federal.
5° 97.368—Emilio Martins Sá — Idem.
131.285—Oscar Moreira Barbosa — Idem.
142.294—Candido da Silva Carvalho Pessôa — Idem.
151.370—Oswaldo Boaventura — Idem.
134.020—Carlos Lage Sayão — Idem.
90.886—Alfredo Prisco Barbosa — Idem.
125.495—José Antonio de Azevedo — Idem.
6° 120.863—José M. da Silva Rosa Junior — Idem.
97.655—Eulalie Bordagorry de Mascarenhas—Idem.
7° 142.119—Armando de Oliveira Bernardes — Idem.
154.579—Carlos Oliveira Junior — Idem.
105.059—Armando Ramos — Idem.
132.278—Alvaro Guimarães de Oliveira — Idem.
8° 142.430—João Domingues Sampaio — S. Paulo.
125.279—José Albuquerque Lima— Santos-Idem.
127.449—Irenio Corrêa de Moraes — Baurú-Idem.
(*) 138.111—José Araujo Guerreiro — S. Paulo.
137.724—Frederico Gerin — Idem-Idem.
159.035—Odorico Osorio de Freitas — Orlandia —Idem.
119.202—Domingos José Martins — S. Paulo.
158.855—João Paulo Botelho Vieira — Barretos — Idem.
122.804—Arnaldo Ferreira de Aguiar—Santos-Idem
104.530—Maria Liner Martins — S. Rita P. Q. — Idem.
147.095—Rachid Saad — S. Paulo.
116.322—Aristides C. Corrêa da Cunha — Santos-Idem.
9° 98.103—Frediano De Luca — S. Paulo.
156.158—Vicente de P. Teixeira Assumpção — Idem-Idem.
(*) 138.110—José de Araujo Guerreiro — Idem-Idem.
158.578—Arthur da Silva Lisboa — R. Bonito — Idem.
10° 116.061—Braz Altieri — S. Paulo.

(*) — O Sr. José de Araujo Guerreiro teve a felicidade de ver DUAS APOLICES suas contempladas neste sorteio.

1° — O Sr. Benedicto Nobrega dos Santos Passarinho teve a sua apolice n. 139.454 sorteada em 15 de Outubro de 1924.

2° — O Sr. Archimedes Bandeira de Mello teve a sua apolice numero 114.799 sorteada em 15 de Abril de 1921.

3° — O Sr. Jayme Estacio de Lima Brandão teve a sua apolice n. 137.909 sorteada em 15 de Abril do anno findo.

4.° — O Sr. Julião Jorge Nogueira teve a sua apolice n. 115.509 sorteada em 16 de Janeiro de 1922.

5° — O Sr. Dr. Emilio Martins de Sá (pela 3.a vez contemplado) teve a sua apolice n. 85.129 sorteada em 15 de Outubro de 1918 e a de n. 85.131 em 15 de Abril de 1920.

6.° — O Sr. José Maria da Silva Rosa Junior teve a sua apolice n. 43.334 sorteada em 15 de Abril de 1908.

7° — O Sr. Armando de Oliveira Bernardes teve a sua apolice n. 106.548 sorteada em 15 de Abril de 1922.

8° — O Sr. João Domingues Sampaio teve a sua apolice n. 142.003 sorteada em 15 de Outubro de 1924.

9° — O Sr. Frediano De Luca teve esta mesma apolice sorteada em 16 de Julho de 1917.

10° — O Sr. Braz Altieri teve a sua apolice n. 116.057 sorteada em 16 de Outubro de 1922.

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 2.565 apolices no valor de 11.905:369$500, importancia paga em DINHEIRO aos respectivos segurados, com direito aos sorteios ulteriores.

COPIA — Recebi d'A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Sociedade de Seguros sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (Rs. 5:000$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Abril de 1926, em suas apolices sorteaveis em dinheiro, e no qual foi a minha apolice, pelo n. 134.020 contemplada, permanecendo a mesma em vigor nos termos do actual contrato do seguro: menos 500$000 de imposto federal.

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1926 — CARLOS LAGE SAYÃO. — LUIZ P. VELLOSO, testemunha. — Firmas reconhecidas.

A CARTA A LAPIS

No Almanach des Lettres, *publicado pelo Sr. Leon Treich, veiu uma phrase decisiva da escriptora Rachilde.*

Uma senhora, que a visitava, pediu-lhe desculpa de lhe haver escripto, por causa da sua fraca vista, uma carta a lapis.

— Não tem de que pedir desculpa... respondeu-lhe Rachilde. — Uma carta a lapis é como uma conversa em voz baixa..

INSCRIPÇÕES REVELADAS

Nos centros archeologicos europeus, despertou o maior interesse a descoberta do architecto de Milão, professor Antonio Cavalazzi, que encontrou a chave da lingua etrusca e que já decifrou mais de cem inscripções, com o total de mais de mil palavras.

A maior parte dessas inscripções estão nos museus de Florença e Perusa. Ha tambem algumas no British Museum, de Londres. Foram encontrados em sarcófagos espelhos de bronze, pedras preciosas e vasos.

Fallar de "vasos etruscos" é empregar uma expressão completamente errada, pois que os vasos assim denominados são gregos e foram exportados de Athenas no seculo VI antes da era christã. As inscripções desses vasos e as doutras reliquias etruscas são em caracteres gregos. E a provavel razão disso é que, no tempo em que a civilização grega penetrava na Italia, a lingua etrusca não tinha ainda forma escripta e por isso se adoptavam as letras gregas...

OS THEATROS INGLEZES E AS PEÇAS AMERICANAS

Os theatros de Londres estão sendo invadidos por peças de escriptores norte-americanos. A' data do jornal donde extrahimos esta nota, representavam-se na capital ingleza nada menos de treze comedias escriptas do outro lado do Atlantico. E citavam-se cifras realmente de impressionar. A famosa peça Nono, Nanette *deu em Londres, em alguns mezes, mais de 150 contos de lucro liquido. E* Rose Marie, *tambem norte-*a m e r i c a n a, *rendeu mais ou menos a mesma coisa.*

Em vista disso, os autores inglezes pediram ao Governo que lançasse um imposto sobre as peças vindas da America. Defesa!

SPORT EM MATTO GROSSO.—Senhorinhas do *team* azul, de Ponta Porã, jogando o *basket-ball*.

Agentes em França: DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE.) 9, Rue Tronchet—PARIS
Agentes nos Estados Unidos—S. S. KOPPE & Co., Inc. Times Building—New York

ESTA REVISTA TEM 44 PAGINAS

ANNO XXVII || Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1926 || NUMERO 18

Mãe Preta

por Saul de Navarro

A *Noticia* lançou a generosa idéa de ser consagrada a *Mãe-Preta* num monumento symbolico, para exprimir a nossa gratidão á raça humilde e martyr que gemeu no captiveiro e foi, pela sua abnegação e ternura, o regaço e o acalanto da nossa nacionalidade.

Venho applaudir essa opportuna e admiravel iniciativa, que despertou em meu coração uma grata alegria, porque devemos glorifical-a como fonte de nosso sentimentalismo de povo amoroso, idealista e triste, como origem da bondade brasileira, que nos distingue no mundo, bondade que nos fulge nos olhos, suaviza a nossa linguagem, augmenta o nosso coração e dilata a nossa alma, fazendo de nosso paiz um paraiso da hospitalidade e o regaço de todas as raças. E si assim o somos, devemol-o aos carinhos de nossa Mãe de criação, negra de pelle e branca, alvissima de alma, mulher santa, simples e heroica, que nos pagou em bem o mal que lhe fizemos, amamentando-nos, repartindo comnosco o leite destinado ao filho de suas entranhas, e envelhecendo no trabalho e na magnanimidade, sempre ao nosso lado, fiel e bonissima, tendo na voz, no olhar, no gesto e no sorriso uma grande renuncia, porque sua vida de escrava, de victima e de martyr foi para nós a bondade vigilante, a bondade sem preço, a bondade christã que dá tudo e nada recebe, que retribue em mel os espinhos que ferem e tornam a existencia um exercicio divino do amor pelo proximo, na pratica da mais bella e util caridade. Foi o nosso genio familiar. Pobre mãe preta! Morreste livre, pela mão da princeza Izabel, que só por esse gesto feminino devêra ser canonizada, e pelo verso de Castro Alves, o genio que cantou chorando a tua desventura. Mas, morrendo já liberta, nos fizeste escravos... Somos escravos de amor e de reconhecimento á tua obra anonyma, mas admiravel, grandiosa e fecunda. Deixaste em nossa alma de povo tudo quanto concorreu para o milagre de tua excelsitude, filha da dôr e da abnegação!

O Brasil, um gigante que hoje vive a vertigem de sua civilização e de suas energias, cresceu ao calor do teu carinho, ouvindo o teu idioma de ternura humana, que não fala senão pelas lagrimas e pelos sorrisos, e tudo expressa num olhar, numa bençam e num gemido; o Brasil gigantesco foi acalentado no teu collo, bebeu a seiva de teus seios opulentos: tu o criaste!

Sim, do teu seio nocturno de escrava e martyr, de mãe por instincto e pelo devotamento, bebemos o leite purissimo, que nos foi alimento para o organismo e para a alma, porque desse leite generosamente dado dimana a nossa bondade, que nos singulariza como raça affectiva, que tem o dom do agrado e a virtude suprema do perdão.

A minha geração ainda conheceu o influxo de tua maternal grandeza e de tua capacidade christã de sacrificio, recebendo no berço e na infancia a doçura de teus olhos tristes, que sempre choravam, mesmo quando uma alegria momentanea abria o clarão de um sorriso.

Foste a imagem da abnegação e da bondade humanas. Em nosso lar havia, então, o teu suave encanto, o suavissimo milagre de teu stoicismo feminino, porque eras um poema de dedicação, uma existencia votada ao holocausto, alma que diffundia claridades divinas, como um lyrio que só florescesse á noite...

Pedro II ao collo de sua *mãe preta* (quadro attribuido a Debret, collecção Rego Barros).

Nabuco, que foi a eloquencia attica do abolicionismo, glorificou a sua *mãe-preta*, quando escreveu com o coração as paginas maravilhosas que evocam a sua meninice em Massangana, e o seu *engenho* patriarchal em Pernambuco.

Os nossos maiores poetas cantam essa raça escura e obscura; raça soffredora, cuja alma ardente tem a extensão e a dolorosa expressão das selvas e desertos africanos; raça que vibrou no verbo de Patrocinio, e que se elevou no estro de Cruz e Souza, esse negro que trazia na sua noite o turbilhão dos sóes e das constellações...

Ergamos um monumento votivo á *Mãe-Preta*, como symbolo dessa raça que crucificámos, dessa raça que soffreu por nós, cujo sangue corre em nossas veias, cujo leite nos deu vigor, cuja alma nos fez bons, sentimentaes e compassivos, cujas lagrimas nos foram o banho sideral da fé que nos veio dar alma e o leite que lhe bebemos.

A idéa lançada por *A Noticia* deve encontrar o apoio de todos os corações brasileiros.

Despertou em mim esse gesto de alma uma evocação de minha *mãe-preta*, que vive ainda, trabalhando e envelhecendo na Bahia, terra que não é a do meu nascimento, mas que é minha porque foi o berço de meus paes e avós, e é o berço da minha nacionalidade, o berço do Brasil.

Maria Luiza — assim se chama a dôce mãe que me criou.

Boa e suave mãe-preta!

E's tambem minha mãe branca, porque me déste leite... Mãe de peito, logo mãe quasi do coração.

Não sabes ler o que aqui escrevo em tua intenção e em teu louvor. Não te ensinaram a ler, nem nos tempos negros da escravidão, mais negros que a tua pelle, se ensinava a ler aos escravos, com o receio de que, dando-lhes a luz, se tornassem menos escravizados, porque até as almas, as almas brancas e luminosas dos negros deviam ficar captivas com o corpo captivo...

Não sabes ler com os olhos, mas podem os teus olhos chorar quando ouvires estas palavras, quando estas palavras te fôrem lidas: e com o teu coração de mãe de outros filhos e de outras mães, mãe por bondade humana e por amor divino de caridade, tu, quando te lerem estas palavras, sentirás, chorando, uma alegria que será maior do que a que tiveste quando deixaste de ser escrava e continuaste escrava do amor e da abnegação.

Devolvo-te, nestas palavras sentidas, um pouco do leite que me déste com tanto amor e generosidade, um pouco desse leite que ainda existe no meu sangue e no meu espirito, porque ainda existe na minha alma e no meu coração...

Abençôa, ó mãe da bondade, ó mãe preta, mãe de minha bondade, minha branca mãe de leite, o teu filho por adopção, que é escravo do teu carinho!

Saul de Navarro

O crime do detective

Conto de OCTAVIO ROY COHEN

Ao ver abrir-se a porta e aparecer seu filho, o official de policia secreta Max Rogers ficou outro homem. Da sua physionomia aguda e voluntariosa sumiram-se os signaes de tedio e aprehensão que a vincavam. O odio de que pudesse estar possuido contra alguem desvanecia-se no coração do velho chefe dos detectives, uma vez que delle se aproximasse o filho adorado. E naquelle momento, pondo a mão no hombro robusto de Eddie, chegou a esquecer o homem que sem cessar o preocupava, como uma ameaça, uma hostilidade permanente, o detective Jim Maggiore.

— Orgulho-me de ti... disse Max ao filho, em voz profunda. — Levaram tempo a tirar-te do serviço da rua e a livrar-te do uniforme; agora, porém, que já subiste á policia secreta, has de ter outras promoções.

O rapaz sorriu. Era extraordinariamente afavel e atrahente a expressão que lhe illuminava o rosto sympathico. Entre os olhos do pae e do filho, havia grande differença; os do moço sorriam, ao passo que os do pae tinham um brilho agudo, um reflexo de dureza fria. Nunca, porém, Eddie Rogers, que tinha vinte e cinco annos feitos, reparara naquella implacabilidade. E' que Max lhe servira, ao mesmo tempo, de pae e de mãe; e o affecto que consagrava ao filho tocava as raias da idolatria.

Apenas o rapaz se retirou, Max reassumiu a sua expressão cruel e dirigiu um olhar rancoroso para a porta que separava o seu gabinete do de Jim Maggiore.

*

No mesmo dia em que Max Rogers soube que seu filho ia passar para a policia secreta, teve informação, e o mais segura possivel, de que o novo Chefe tencionava aposental-o a elle proprio, Max, e pôr em seu logar Jim Maggiore. Sem duvida, estava já demasiado velho para exercer funcções que exigiam tamanha actividade... Reconhecia isso. Não deixava, porém, de pensar ao mesmo tempo que, se Maggiore não fosse um homem tão competente e dedicado, ninguem se lembraria de effectuar taquella troca de logares. Por isso, detestava Maggiore, votando-lhe um rancor profundo, visceral, que por vezes chegava ao desvairamento...

*

O sargento de guarda entrou precipitadamente no gabinete de Rogers, fez continencia e informou:

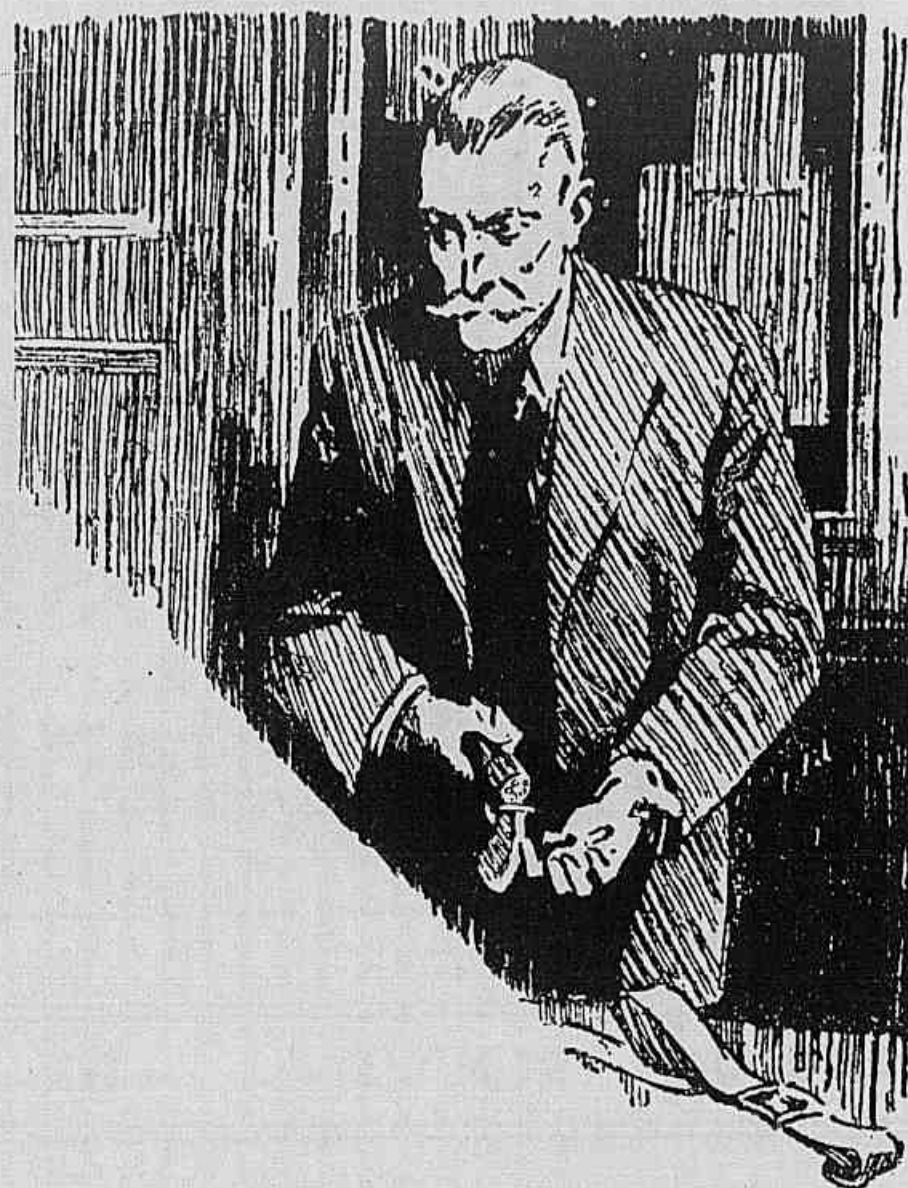
— Ha novidade no Hotel Madison, Sr. Rogers. Um dos hospedes fechou-se no quarto e desatou aos gritos, ameçando céos e terra. Está furioso. O creado de quarto acha provavel que seja um caso de entoxicação pela cocaina. A verdade é que o homem não quer sahir do quarto e grita que receberá a tiros quem quer que tente desalojal-o. O gerente do hotel pede para não mandarem agentes fardados; receia que isso prejudique a boa fama do estabelecimento; e diz que ficaria muito obrigado se designassem para esse serviço homens da policia secreta.

Max Rogers despediu o sargento com um gesto e tocou a campainha. Acudiu ao chamado o detective Jim Maggiore. Era um homem sympathico, alto, delgado, de olhos negros, vivos e perscrutadores.

— Prompto, Sr. Rogers... disse, em tom respeitoso, o detective que ignorava a rancorosa inimisade do seu chefe immediato.

Rogers explicou-lhe o que se passava no hotel Madison e acrescentou serenamente:

— Vá lá e prenda esse homem.

O semblante do subordinado não acusou a menor alteração. Maggiore foi á sala contigua, deixando a porta aberta, e despendurou dum cabide o cinto com o estojo do revolver. Com toda a calma, tirou a arma da bolsa de couro; era um bello revolver, de aço azulado. Maggiore fez girar o tambor, verificou que estava carregado e os cartuchos intactos, tornou a collocar o revolver no estojo e o cinto no cabide e com uma ligeira inclinação de cabeça, disse:

— Muito bem, Sr. Rogers; vou immediatamente.

Maggiore retirou-se da sala por um momento. Rogers sabia onde elle ia: ao vestiario, buscar o chapéo e o sobretudo. Ao mesmo tempo, porém, que o seu pensamento acompanhava o subordinado naquelle curto trajecto, acudiam-lhe á mente varias outras coisas... Ia ser aposentado porque Maggiore era um homem mais activo do que elle. Se Maggiore desapparecesse, conserval-o-hiam no logar. E Rogers desejava, queria ardentemente permanecer no seu posto, pelo menos durante os primeiros tempos de serviço do filho...

Entrou na outra sala, tirou o revolver do cinto de Jim Maggiore... Depois, em movimentos rapidos, esvasiou o cylindro, metteu as balas na algibeira, e tornou a pôr a arma no seu logar.

Instantes depois, voltava Maggiore. Poz o cinto, experimentou ainda se o revolver sahia facilmente do estojo e retirou-se rapidamente.

Rogers conhecia perfeitamente o caracter de Jim Maggiore e previa os acontecimentos... O detective empunhava o revolver, mettia a porta a dentro com um encontrão, entrava, disposto a fazer fogo, no quarto do louco furioso... E o revolver estava descarregado.

Max Rogers não sentia sombra de remorso. Os seus olhos despediam o brilho agudo e frio que seu filho não conhecia. Sentia-se, em verdade, diabolicamente satisfeito de si...

Cerca de vinte minutos depois, sahia elle do seu gabinete para ter uma entrevista com o Chefe, sobre questões de serviço. E á porta da sala do Chefe, com quem se ha de encontrar? Com Maggiore. Franziu o sobrolho, perguntou:

— Que faz por aqui, Maggiore? Julguei que tivesse sahido...

— Justamente quando ia sahindo, o chefe me mandou chamar e, depois que lhe expliquei onde ia, disse-me que precisava de mim para outro serviço. Fiquei com elle até agora e eis a razão porque ainda não tinha avisado o Sr. Rogers...

— Bom... — resmungou Max Rogers... e nesse meio tempo que loucuras terá feito o homem do Hotel Madison?

— Não ha duvida. O chefe mandou seu filho prendel-o.

— Meu filho? Eddie? — E Max Rogers mal poude disfarçar a sua horrivel commoção. — Mas o rapaz não sabe de certo como se avir num caso destes. E' capaz de entrar no quarto... E nem sequer foi armado!

— Quanto a isso, esteja o Sr. Rogers descançado... respondeu o detective, affectuosamente. — Emprestei-lhe o meu revolver.

Max Rogers fitou-lhe os olhos, sinistramente. Naquelle momento, o seu odio ao outro tomou proporções desmedidas, desvairadas.

— O seu revolver! Mas então o senhor empresta as suas armas?

— Foi na presença do chefe, por sua ordem, e elle mesmo deu a Eddie as instrucções necessarias...

— Que lhe disse?

— Que abrisse a porta de repellão, enfrentasse o louco, de revolver em punho, e, se o outro lhe quizesse tocar, fizesse fogo. Emfim, o que, nesses casos, se diz a todos...

Nesse momento, o sargento que trouxera a primeira noticia apresentou-se de novo. Vinha extremamente palllido...

— Sr. Rogers... Mandam dizer... que falhou a arma.

Para a gente da policia, aquella expressão "falhou a arma" tem a mais terrivel das significações...

Max viu então como fôra infame e desastrado. Com certeza seu filho morrera ás mãos do demente. E assim o destino castigava da maneira mais cruel o seu tresloucado egoismo.

UM HEROE

Em Saint-Germain en-Laye, onde exercia as modestas funcções de porteiro de hotel, falleceu o mez passado Paul Bourdais, um dos maiores heroes da França contemporanea.

Paul Bourdais, o "Pére Paul" como lhe chamavam, salvou em successivos actos de coragem e abnegação algumas dezenas de vidas humanas. Em 1864, contava elle então quatorze annos, salvou um rapazinho e uma menina da sua edade que, brincando á beira do Sena, tinham cahido á agua. Em 1870 podia-se já gabar de sete salvamentos. Alistou-se no exercito, fez toda a campanha de 70, e depois fez o serviço militar da lei, no 7.° de artilharia. Durante esse periodo salvou ainda um homem que se afogava e então recebeu a primeira medalha.

Mais tarde, em Nantes, salvou Bourdais varias pessoas no incendio dum convento e retirou da agua cinco passageiros duma chalupa a vapor que fôra a pique no dia do lançamento do cruzador République, nos estaleiros de Indret.

Em 1879, no Pecq, Paul Bourdais salvou uma familia de marinheiros e recebeu então a medalha de ouro de segunda classe. Dezesete annos depois, foi-lhe conferida a medalha de ouro de primeira classe, depois de haver realizado trinta e tres salvamentos officialmente reconhecidos.

COMO SE CONSTROE UMA CIDADE

Na America do Norte constroe-se uma cidade emquanto o Diabo esfrega um olho. Tal o caso de Longview, no Estado de Washington, edificada em menos de tres annos por um opulento negociante de madeiras, o sr. Long, com a colaboração do sr. Nichol, creador da "Country Club District".

Em Março de 1922 o logar onde está hoje Longview era uma vasta planicie, entre colinas arborizadas, e onde nenhum edificio de certa importancia existia. Dois mezes depois, começavam os trabalhos. O solo era revolvido, retalhado, transformado por uma legião de operarios e um material mechanico comprehendendo os ultimos aperfeiçoamentos do genero. Tão rapidamente se desenvolveram os trabalhos que, ao cabo dum anno, havia, entre numerosos edificios publicos e particulares já concluidos, um hotel de 200 quartos e com todo o conforto moderno. Foi então a cidade officialmente reconhecida como tal.

Em Julho de 1925, as ruas, exgotos e canalisações diversos representavam uma cifra consideravel de kilometros; o numero de casas, "villas" e palacetes particulares subia a 1.400. E existia já um theatro, cuja construcção importara em cerca de mil contos da nossa moeda.

E' um record... de velocidade.

O MAIS VELHO RELOGIO DO MUNDO

O mais velho relogio de torre que existe no mundo, trabalha ainda na perfeição precisando apenas, como qualquer outro, dum ligeiro concerto de vez em quando.

Trata-se do relogio da egreja parochial de Ryo, no Sussex, Inglaterra, o qual foi construido em 1515 e custou o que na nossa moeda corresponderia hoje a quarenta mil réis.

A corrente desse relogio, de feitio pouco commum, é de ferro e chumbo, e os ponteiros de ferro forjado. O pendulo mede 6m,50 e é carregado com balas vasias.

Conforme já dissemos, o relogio regula muito bem; mas é preciso dar-lhe corda duas vezes por dia.

QUEDA DO CABELLO?

Cabellos Brancos?

Formula do grande botanico dr. Ground, cujo segredo custou 200 contos de réis.

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capillares. Não mancha a pelle e não é nociva. E' uma formula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro, e analisada e autorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1.) — Desapparece a Caspa.

2.) — Cessa a queda dos cabellos.

3.) — Os cabellos brancos descorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva, sem ser tingidos.

4.) — Detém o nascimento de cabellos brancos.

5.) — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6.) — Os cabellos ganham vitalidade tornando-se lindos e sedosos, e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

Encontra-se nas bôas perfumarias, drogarias e pharmacias.

UNICOS CESSIONARIOS PARA A AMERICA DO SUL

ALVIM & FREITAS

RUA DO CARMO 11 — Sobrado
S. PAULO — Caixa Postal 1379

Senhorinhas Albertina e Amelia, filhas do almirante Alberto Moutinho.

UMA ADVOGADA DE CÔR

Acaba de ser inscripta na Suprema Côrte de Justiça dos Estados Unidos, em Washington, a primeira bacharel negra admittida a advogar perante esse tribunal.

Miss Violette Andersen, a advogada em questão, tem já uma bella carreira. Nos ultimos annos exerceu com muita dignidade o seu mister perante o principal tribunal do Estado do Illinois. E foi graças a esse antecedente que ella conseguiu, sem grande difficuldade, ser admittida entre os advogados do Supremo Tribunal norte-americano.

——

A ociosidade é como a ferrugem, estraga mais que o trabalho.

M. ALANIE.

Associação dos Anjos da Caridade de São Vicente de Paulo. Festa da Paschoa realizada na parochia de Nossa Senhora da Gloria no dia 11 do corrente, sob a presidencia da sra. Margarida Anysia de Sá.

Nova York — Março.

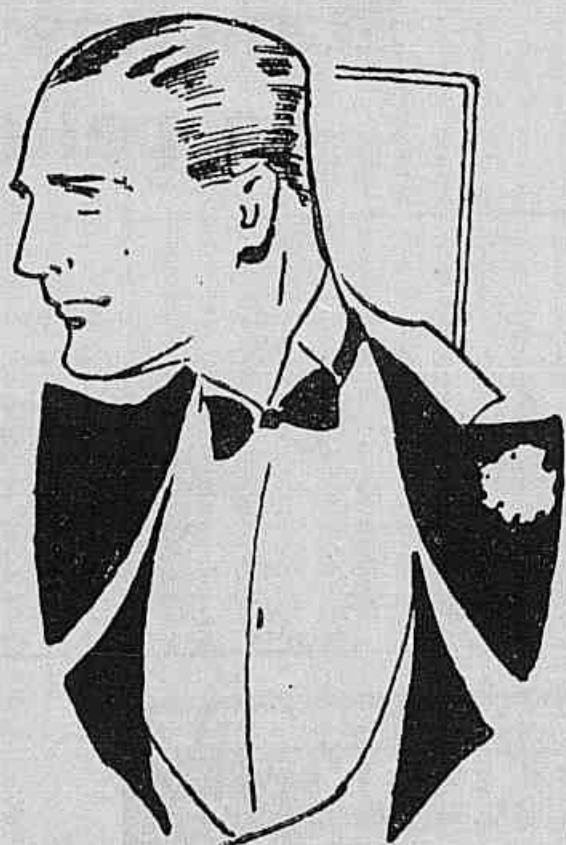
A FLOR VERMELHA É ELEGANTE

O *smoking* é um dos trajes mais elegantes, e talvez o mais elegante que o homem póde vestir.

O smoking não está completo se não tiver uma coisa: uma pequena flor vermelha posta á lapella.

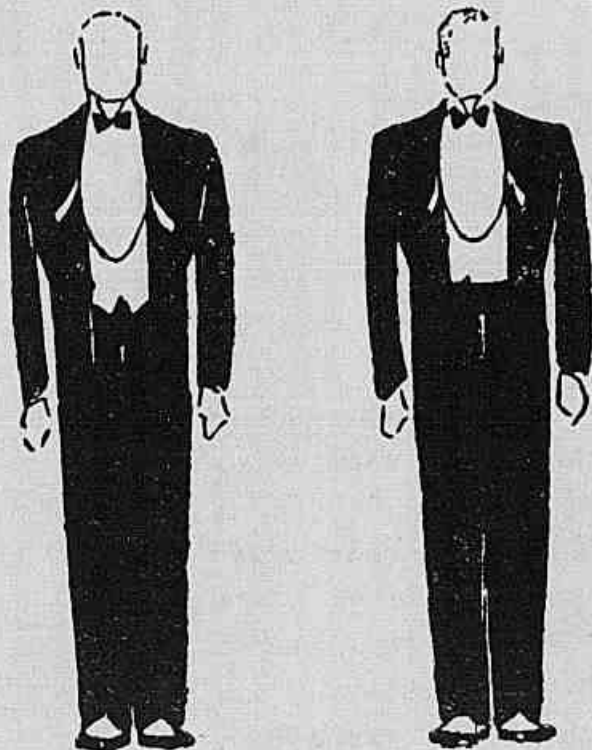
A nota vermelha sobre a severidade do preto é de um effeito verdadeiramente elegante, e que agrada aos olhos das mais exigentes e difficeis pessoas.

E isto tanto mais é verdade quanto as flores vermelhas estão em moda nesta capital. Por toda a parte vemos cava-

lheiros de roupas escuras e severas, com flores vermelhas á botoeira, viçando com gosto e elegancia.

Não é, porém, elegante usar chrysanthemos, peonias ou quaesquer outras flores grandes e que não são vermelhas. Ou pequenas flores vermelhas, ou cravos, ou orchideas ornamentaes de uma côr entre o vermelho e o violeta.

Seja lá como for, porém, o facto é que as flores vermelhas estão em moda. Demais a mais, ha muita gente que as usa, porque ao longe o observador tem a impressão de que se trata de pessoa condecorada com a Legião de Honra ou com qualquer outra ordem extrangeira.

APPARENCIAS QUE ILLUDEM

Lancemos os olhos para as duas figuras que illustram esta pequena nota, e perguntemos com os nossos botões qual a figura que parece maior. Se concordarmos diremos que é a figura do lado esquerdo. Mas, se tomarmos a precaução de medirmos a ambas, verificaremos que são do mesmo tamanho, se bem que uma pareça maior do que a outra.

Neste caso a razão póde ser encontrada no meio de cada figura ou para sermos exactos, no botão do collete. O collete do lado direito é cortado pela parte inferior em linha recta, e o do lado esquerdo em pontas.

A linha horizontal do outro collete corta a figura em duas, ao passo que o collete em ponta dá a impressão de que elle é maior, fazendo illusoriamente com que a figura pareça maior.

Esta differença é muito importante quando se quizer usar colletes em traje a rigor, colletes que suggiram a impressão de que a pessôa é um pouco mais alta do que na verdade é.

O collete de trespasse branco é tão distincto para casaca como o collete branco simples.

As cores brancas e claras em geral dão sempre a impressão de que a pessoa é sempre mais alta e mais larga, ao passo que as cores escuras diminuem esta impressão.

Para concluirmos. As pessôas baixas devem sempre usar collete branco pontudo. As pessoas altas collete em linha recta.

A QUESTÃO DAS LAPELLAS

Se olharmos para a illustração que acompanha esta pequena nota, notaremos que a pessoa em questão é magra, mas que as lapellas fazem com que ella pareça de corpulencia mais larga.

Examinemos a figura: as lapellas largas e o jaquetão proporcionam a impressão de que o rapaz tem um peito muito largo.

E aqui se encontra uma lição muito importante, que interessa não só aos alfaiates mas tambem a toda a gente: uma pessoa magra, usando jaquetão, se quizer dar a impressão de ser mais gorda, deve usar no mesmo

lapellas largas. A reciproca tambem é verdadeira. Mas aqui o exagero é fatal: uma pessoa magra usando lapellas largas como navios dará uma impressão verdadeiramente ridicula, e póde ser coberta de motejos e de chufas.

E' preciso, porém, que nos lembremos que as lapellas estão em razão directa com os paletós ou jaquetões.

O mesmo se dá com as gravatas. As gravatas largas, listadas, dão a impressão de que a pessoa tem um peito mais largo do que é, dando-se o contrario com as gravatas estreitas e sem listas.

Peter Greig.

(Serviço do Blue Features Syndicate Inc).

PENSAMENTOS

E' um erro (duplo erro) julgar-se mais do que se é, e estimar-se menos do que se vale.

A grande arte consiste em aprender a viver comsigo mesmo.

serviço de mesa completo, em prata, e tudo exactamente como se ella fosse fazer uma refeição.

Surprehendidos no primeiro momento, os herdeiros cumpriram á risca a letra do testamento. Na duvida, deram elles a entender, preferiam cumprir as determinações de uma pessoa de pouco juizo a incorrer nas maldições de uma defunta...

A RAINHA DE HESPANHA E A MODA

¡Segundo uma correspondencia de Madrid para o Daily Mail, a Rainha de Hespanha tomou uma decisão de grande effeito, sem duvida, na moda feminina actual. Trata-se de acabar com as mangas curtas e com o decote excessivo.

Diz-se que foi em razão de um pedido do Papa que a Soberana resolveu modificar assim a sua toilette. Numa grande festa, em Madrid, apresentou-se com vestido fechado até ao pescoço e com a manga comprida de maneira a só lhe deixar ver as mãos. E esse vestido, que lembra os usados pelas damas da nobreza italiana da Edade Media, termina por uma longa cauda!

A felicidade no casamento depende de tantas cousas que é uma loucura querer reunial-as todas. E' preciso primeiro garantir as mais importantes; quando se encontram as outras gozam-se; quando faltam, passa-se sem ellas.

ROCHEBRUNE.

A mulher amada é sempre bella.

O THEATRO DE STRAFORD

O theatro de Straford, de Londres, onde se representavam as peças de Shakespeare e que, o mez passado, ardeu completamente vae ser substituido por uma casa de espectaculos mais adequada áquelle fim e para cuja construcção tinham sido subscriptos, á data do jornal onde encontramos esta noticia, mais de trezentos contos.

O illustre escriptor theatral Bernard Shaw, interrogado a esse respeito por uma jornalista, declarou:

— Sinto muito, por causa do proprietario, que o Theatro de Straford tivesse ardido, mas devemos reconhecer que era um dos peores do mundo. Não tinha valor algum como architectura e não se prestava absolutamente ao repertorio shakespereano. Por isso, francamente, o incendio que o devorou não deixou de me dar certo prazer.

SURPRESAS TESTAMENTARIAS

Falleceu recentemente em Roma uma solteirona que ha muito tempo vivia na Italia, ao que se dizia por causa das suas crenças religiosas.

No momento de collocarem o corpo no caixão, foi aberto o testamento — e ainda bem porque nelle havia algumas linhas justamente relativas aos funeraes. Entre as suas ultimas vontades deixou a dama determinado que a vestissem de seda preta e puzessem no véu, além de enorme quantidade de pedras preciosas, um pouco de vinho e uma aza de frango assado, com um

O CARNAVAL NO RECIFE

Automovel em que o dr. Gustavo Pinto e sua familia tomaram parte no *corso* carnavalesco e que conquistou os primeiros premios, pela artistica ornamentação.

A MAIS ANTIGA DYMNASTIA DO MUNDO

O Japão celebra, como festa nacional, o anniversario do dia em que subiu ao throno o Imperador Jimmu.

Ora esse acontecimento remonta — se é possivel determinar-se tão longinquo passado — ao anno 1500 antes de Christo. Desde o anno 600 antes da nossa era que essa familia tem reinado sem interrupção, e nem a revolução dos Shoguns, no seculo XII, a desthronou.

A primeira capital do imperio foi Yamato, que permaneceu como séde do poder de mais de cincoenta mikados. Ainda existe, nas visinhanças dessa primeira cidade imperial, o templo de Horyuji, construido em madeira, ha cerca de 1.300 annos, e o qual contém preciosas reliquias. E' sem duvida o mais antigo edificio de madeira que existe no mundo.

Sob o reinado do imperador Genmyo, de 708 a 715 da nossa era, foi a capital transferida para Nara e em 794 para Kioto. E esta cidade ficou sendo a residencia dos mikados até 1868, anno em que, por sua vez, teve que passar o sceptro a Tokio.

CRIME DE LESA-MAJESTADE

Em Skoplje, antiga Uskub, foi recentemente julgado um curioso caso de lesa-majestade e a decisão do tribunal creou um precedente mais curioso ainda.

Num bate-bocca domestico, um veterano das guerras balkanicas agarrou no seu casaco, ornado de uma fila de medalhas honorificas e, em apoio dos seus argumentos, agitou-as aos ouvidos da esposa, exaltada e insolente. Esta respondeu que taes medalhas só provavam ser um perfeito idiota o Rei que as conferira a um sujeito tão ordinario. E, para bem provar o despreso que as condecorações lhe mereciam, arrancou-as do casaco e atirou-as ao chão.

O veterano vendo que perdera, dentro do seu lar, toda a força moral — e naturalmente a outra tambem — deu parte á Justiça local que instaurou processo contra a esposa por insulto á pessoa do rei Alexandre. E o tribunal de Skoplje condemnou a culpada a nada menos de tres annos de prisão.

A curiosidade perdeu muito mais donzellas do que o amor.

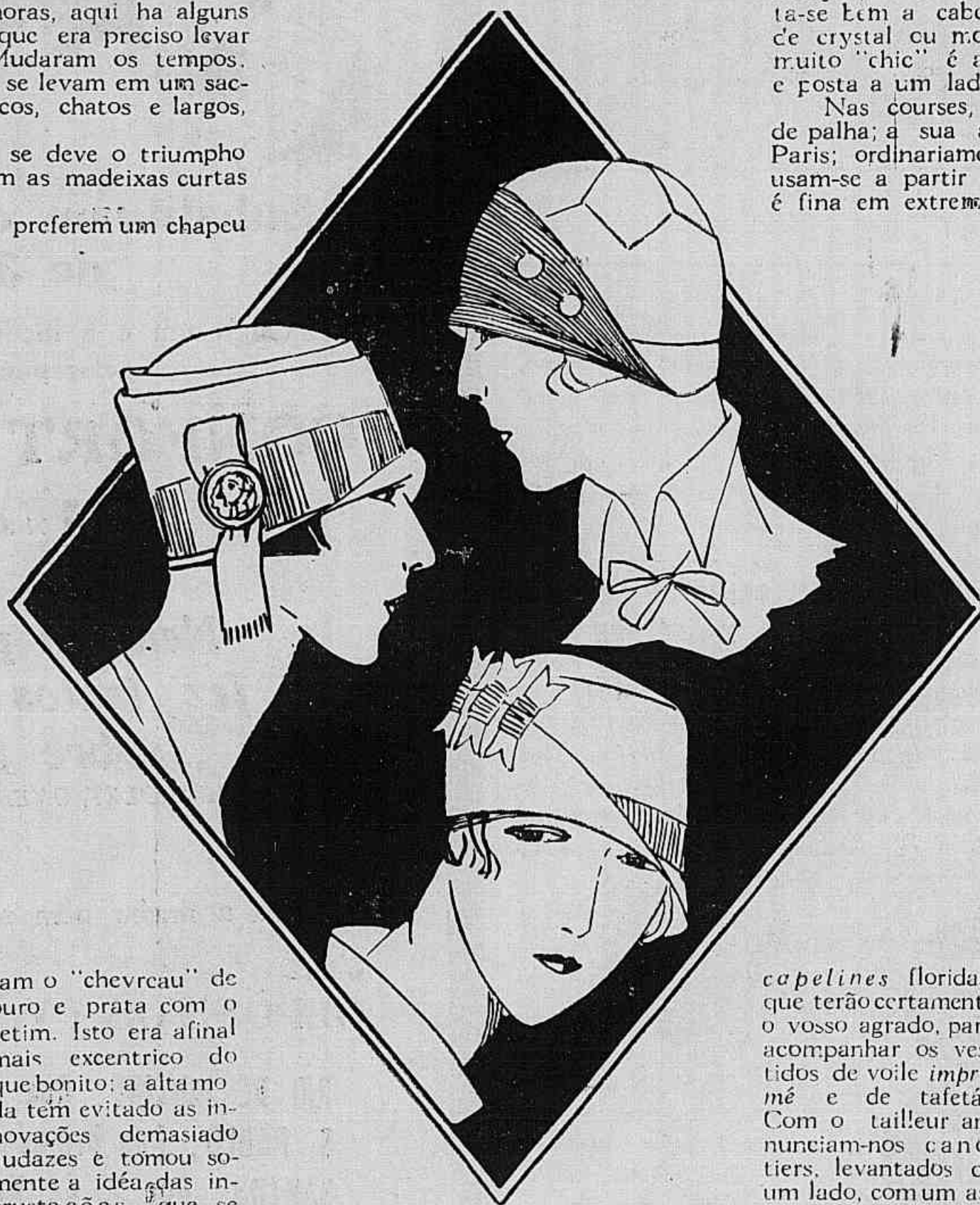
OS NOVOS CHAPEUS

Devem ainda lembrar-se, minhas senhoras, aqui ha alguns annos, da immensa pilha de chapeleiras que era preciso levar em viagem, e que tanto as embaraçava. Mudaram os tempos. Os chapeus da moda são tão pequenos que se levam em um sacco de mão, sobretudo n'estes grandes saccos, chatos e largos, que tanto se vêem agora.

E' á moda dos cabellos cortados que se deve o triumpho do *petit bibi*: a alliança do *Gainsborough* com as madeixas curtas não seria feliz.

As mulheres que levam uma vida activa preferem um chapeu pratico, a minuscula cloche tão facil de pôr quando se vae almoçar a Rambouillet.

O "taupé" está em voga desde janeiro, tendo triumphado em Paris e na Riviera. E' o "drapé" do fundo que dá a variedade a esta forma; ora a copa "froissée" se fixa por dois pontos enquadrando o rosto, ora ella se prende somente de um lado; outras teem a parte deanteira cortada e o fundo é "ramené", fixado por meio de uma costura ao longo da abertura.

Fazem-se chapeus de fitas "gros grain", de um aspecto vistoso, mas que cahiram já na banalidade; as grandes modistas obteem effeitos originaes por meio de incrustações, de tecido e côr differente; esta idéa imprevista foi inspirada pela Exposição de Artes Decorativas; as formas apresentam desenhos cubistas e misturam o "chevreau" de ouro e prata com o setim. Isto era afinal mais excentrico do que bonito: a alta moda tem evitado as innovações demasiado audazes e tomou somente a idéa das incrustações, que se prestam ás interpretações mais felizes.

Os "tendus" de setim e principalmente

de tafetá de nuances claras estão indicados para a meia estação; o "faille" é solido e bonito; com taes chapeus enfeita-se bem a cabeça. A borda levantada ostenta alfinetes de crystal ou motivos em simili. Um outro enfeite que tem muito "chic" é a "palette", plissada, simulando uma aza e posta a um lado.

Nas courses, nas reuniões mundanas vêem-se chapeus de palha; a sua apparição é tardia este anno, pelo menos em Paris; ordinariamente apparecem com as primeiras neves e usam-se a partir de janeiro. A palha que se usa este anno é fina em extremo e fazem-se com ella pequenas "cloches" encantadoras.

Estes chapeus mostram completamente a nuca, graças á aba levantada ou quebrada; o fundo é *froissé* e muito trabalhado. O enfeite consta de uma cocarde de veludo, posta ao lado, ou de uma flor *pailletée*.

Os pesados enfeites, que se usavam dantes, estão postos de parte; o que dá o *chic* a estes chapéus é a arte de os *draper* e a qualidade da palha. Devemos notar que não ha variedade no feitio dos modelos de primavera; a novidade consiste somente na confecção. Isto, porém, torna-se monotono e as mulheres desejam ardentemente uma variedade.

Tranquillizae-vos, minhas senhoras, este verão recomeçará a offensiva das grandes

capelines floridas, que terão certamente o vosso agrado, para acompanhar os vestidos de voile *imprimé* e de tafetá. Com o tailleur annunciam-nos canotiers, levantados de um lado, com um aspecto um tanto hespanholado. Mas por agora, neste principio de primavera, é a *cloche* que triumpha.

1 — Chapéu de tafetá furta-côres (azul, verde e malva), guarnecido na frente com uma volta de palha preta. 2 — Chapéu *taupé*, com fita de pelle ou segura por uma medalha de ouro. 3 — Chapéu de *remaillé* alourado, guarnecido com fitas lustrosas do mesmo tom.

Motivos de *ponto adiante* para bordar um avental de creança

Redingote em *drapella* azul sobre uma saia estreita do mesmo tecido, collete de velludo negro e guarnições de *drapella* branco.

Conjuncto de *kasha* verde-amendoa e séda crúa

UMA VELHA MISSÃO DE GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL

Quem diria a dois destes homens que figuram na photographia tirada, ha quasi dezenove annos, em Inhambane os destinos que os esperavam em gloria e em tragedia?

Era em 1907, em Inhambane. Estava-se bem longe das catastrophes politicas e das subversões sociaes. O avião era ainda um mytho para as longas travessias. Pensava-se muito nos balões dirigiveis, nos Zeppelins de larga fama.

Gago Coutinho, capitão-tenente da armada, era o chefe da missão geodesica nos districtos de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane, e encarregado do reconhecimento da costa desde o Govaro ao Limpopo.

Para ligar os homens entre si não ha como essa existencia quasi nomada, trabalhando longe das povoações, indifferentes ao que se passa na Europa, começando a amar o sertão e a querer descobrir-lhe os mysterios.

Eram seis os companheiros desses trabalhos levados a fim com bello exito: Gago Coutinho, capitão-tenente; Sacadura Cabral, então segundo-tenente; o medico de primeira classe da marinha dr. Augusto Pereira, ainda os primeiros-tenentes Vieira da Rocha e Felippe de Carvalho, tendo como agregado o alferes Castilho.

Por lá andaram labutando. Seria curioso saber-se o que combinavam nessa occasião os dois officiaes que a gloria espreitava, que a immortalidade requeria.

Havia entre elles uma grande differença de edades e de postos e, no emtanto, já deviam ser amigos, porque de certo de longe vinha aquella attracção que os levou a ambos á gloriosa acção da travessia aerea ao Rio de Janeiro, a qual nunca é demais lembrar.

Andavam, pois, por Inhambane, em 1097, aquelles dois companheiros do glorioso lance: um que vive e é a maior figura da historia portugueza contemporanea; o outro que se perdeu no mar quando queria juntar, á sua gloria e á da Nação, glorias novas.

Os outros officiaes de certo recordam as peripecias daquelles trabalhos, os ditos de Gago Coutinho, a sua verve sempre feliz, a alegria desenvolvida á sua volta, a fórma de collocar acima de todas as cousas, mesmo nas occasiões menos officiaes, a Patria que tanto honra.

Depois daquelle periodo em Africa é que o sonho teria chegado a tomal-os a ambos, a enchel-os da anciedade de vencer. Foram sempre officiaes de trabalho, de vida intensa, de fortes ambições, não de dinheiro ou de mercês, mas de sensações intensas e, por isso, pouco se detinham na metropole, luzindo as fardas pelas ruas, attrahindo os olhares, vagueando.

Foram tanto como os que junto delle se encontram pioneiros da Africa e só quando outro genero de perigos os tentou deixaram de seguir aquella rota. A aviação, ao tomar incremento, encontrou-os decididos, emquanto outros ainda a receavam.

Foi dos rapazes que partiu o enthusiasmo para essa nova arma á qual estava reservado um futuro immenso; a mocidade entregou-se, de alma e coração, a essas experiencias no exercito e na marinha; accorreram officiaes moços a alistar-se.

Gago Coutinho já era edoso; Sacadura Cabral tambem já não tinha bem as illusões de um guarda-marinha; mas apresentaram-se e puzeram-se a trabalhar no seu novo anceio os camaradas da geodesia em Inhambane no anno de 1907, quando ainda não se ouvia por sobre as cidades o ruido dos motores dos aeroplanos que parecem ainda uma extranha phantasia.

Agora, a 19 annos de distancia daquella epoca, se fossem preguntar ao glorioso aviador se preferia o tempo de outr'ora ao actual, elle de certo responderia que para a velha photographia vão seus votos, pois até de bôa vontade daria a gloria que o envolve para que vivesse ainda o seu companheiro ao qual quiz com um intenso e doce amor de irmão mais velho.

(Do A B C, de Lisbôa).

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — Mãe e filha: S. A. a princesa Yolanda da Italia e sua filhinha. 2 — A Casa dos Estudantes, em Paris. O sr. Paul Léon, director das Bellas-Artes, inaugurou o painel decorativo executado por Paul Bret na sala das festas da associação geral dos estudantes de Paris. 3 — Madame Lambrino, a primeira mulher do principe Carol, e seu filho em Paris. 4 — O povo, em massa superior a cem mil pessôas, celebrando o *Dia da Republica* em Hamburgo. 5 — O tenente Collot voando sob os arcos da Torre Eiffel. 6 — O apparelho do tenente Collot após a tragedia da Torre Eiffel. 7 — Um maravilhoso xylophone, exhibido á chegada de Pavlova a Johannesburg.

1

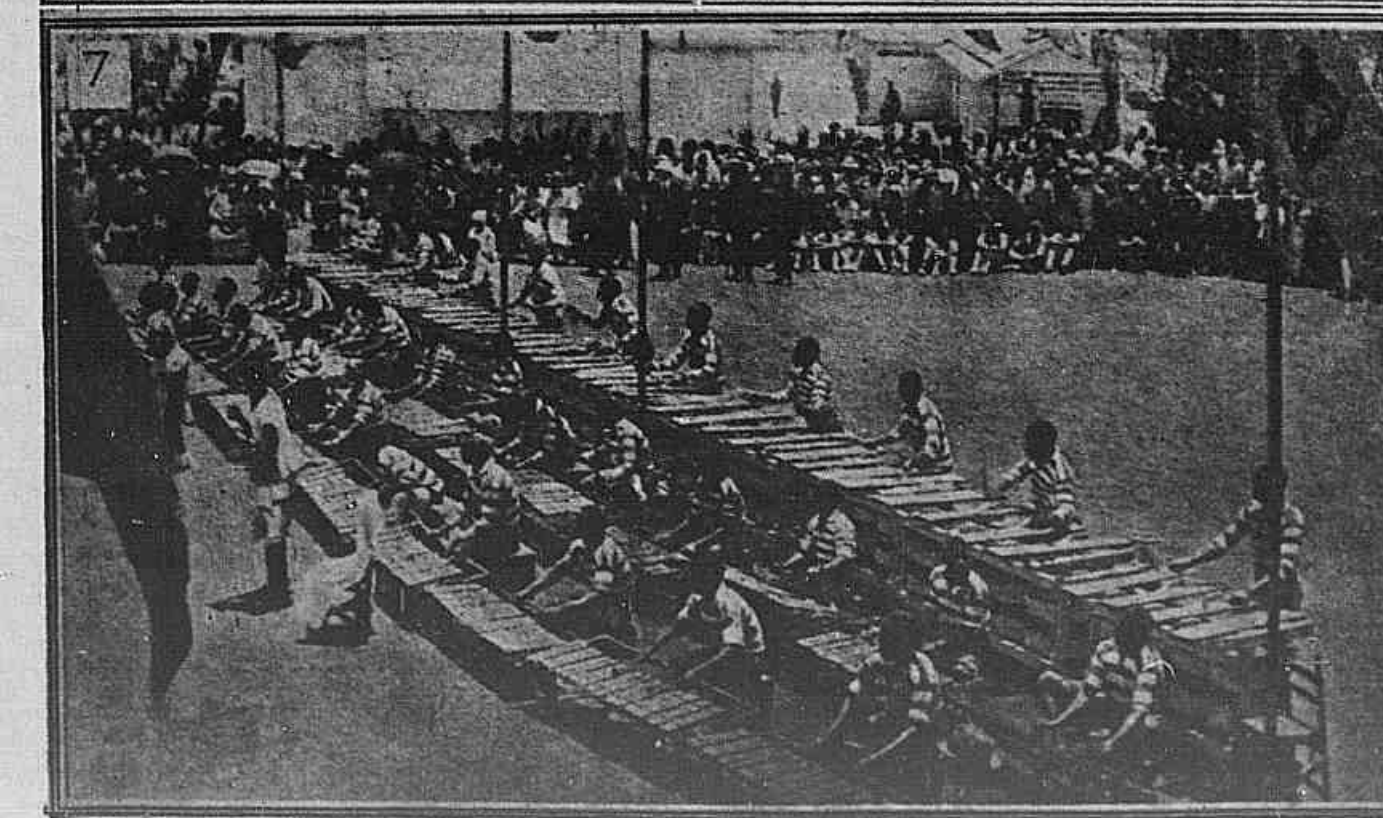
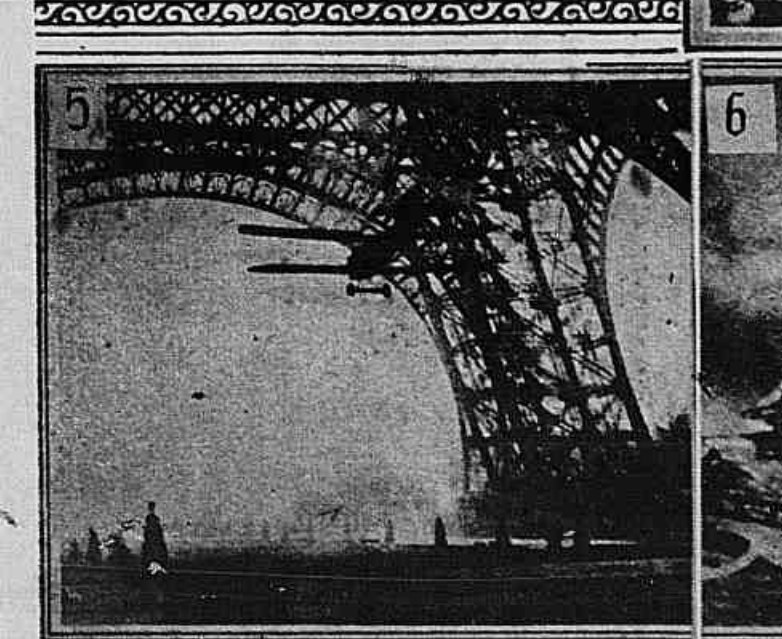
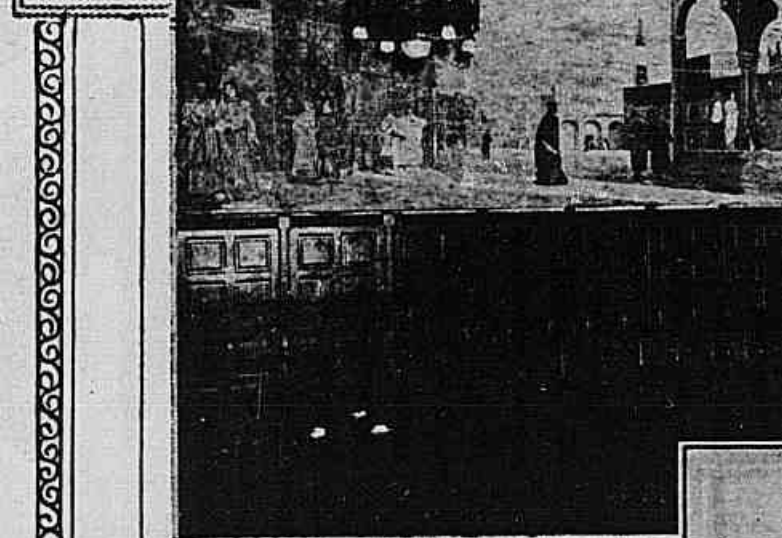
2

3

4

5

6

7

(DE UMA LENDA GOYANA)

Em Goyaz.

A terra é esverdeada. Humus fecundante, calor, humidade. As estradas cançam-se de voltear. E o olhar da gente de seguir as voltas das estradas. Vegetam colossalmente os jequitibás de cerne herculeo. Em derredor aos gygantes, o mundo meúdo, indefinivel, das folhas de todas os verdes, n'uma incrivel confusão de caules e de ramagens.

Por vezes a terra-rôxa de S. Paulo resurge recordando os cafezaes da fartura, as bellas terras de D. Iria.

Goyaz.

Goyaz é um dos nossos estados em que as lendas, os malassombramentos, as pragas e as maldições vivem uma vida quasi real, palpavel atravéz da alma que crê no feitiço e no máo olhado.

Tinhamos cortado, já havia tempo, os ultimos garimpos do Rio das Garças. A noite vinha do matto atirando constellações tão vívidas como nunca eu vira. As estrellas redobravam de luz e o colorido das scintillações falava uma linguagem de indizivel mysterio.

Passáramos o silencio que se pospõe ao crepusculo e que é o preludio da noite selvagem e immensa.

Já nas macegas altas como o milharal maduro nos vinham os arruidos confusos dos orthopteros. Depois cresceu a melodia desconhecida e as vózes daquella incontavel fauna nocturna espalharam-se nas selvas, nos mattagaes ou nas escampas semi-aclaradas pela imitação de luar que os astros faziam.

Longe branqueou um casario.

— "Que é? indaguei do guia.

— "Um cemiterio, doutor"

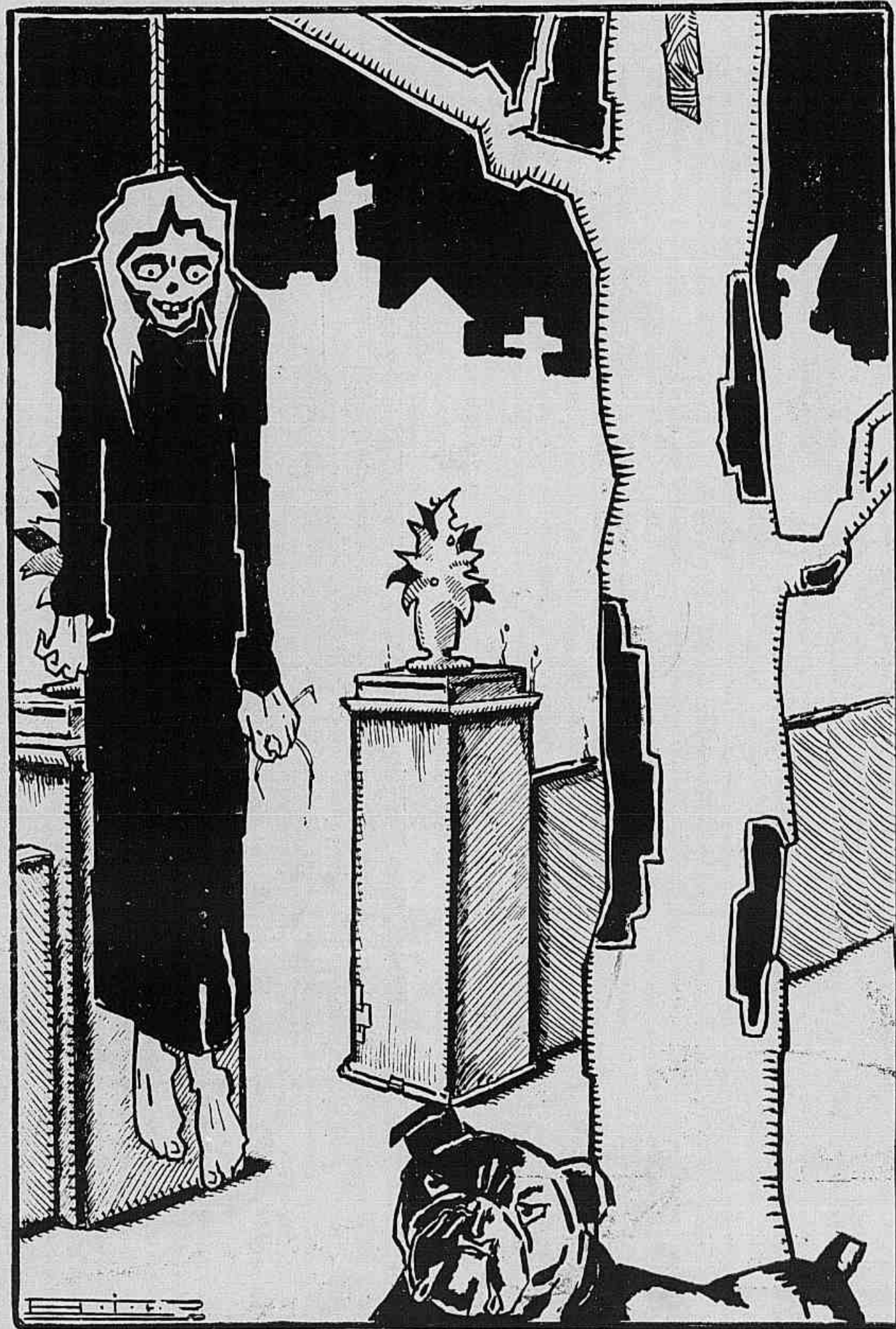
— "Ah!"

— "O cemiterio da Enforcada"

— "Por que da Enforcada?..."

Meu guia ageitou-se na montaria, poz o palito atrás da orelha e:

— "Ha muitos annos, no tempo antes do Abolicionismo, vivia aqui uma senhora D. A...., que possuia muita riqueza. Dizem mesmo que era a maior fortuna em terras e escravos. Mas tanto tinha de rica quanto tambem de má. Qualquer falta do negro era surra e mais surra, azorrague, palmatoria até rachar a mão, ferro em brasa nas costas, estaca e, o que é mais, uma imitação da tortura chineza da forca que ella propria construira. Para encurtar: D. A... mandava levar a victima para um pateo interno onde se erguia um caibro com uma travessa em esquadria no cimo na qual passava uma corda grossa. Com uma laçada prendia o pescoço do paciente de mãos atadas ás costas. Depois subiam-no a um banco alto, deixando-o, com a corda ao pescoço, em equilibrio sobre o banco. A corda tensa, a outra extremidade solidamente fixada, se o banco fosse retirado ou cahisse o enforcamento teria fatalmente de se dar.

Pois bem, D. A... que já era uma senhora de sessenta e tantos annos, com netos e até um bisneto, idealisou para o seu maximo prazer um plano para augmentar o supplicio do escravo. Conforme suas ordens, construiram um banco alto cujos pés serviam de arestas para uma especie de pyramide truncada com uma das faces apenas atrevessada por um orificio circular de regulares dimensões. Um auxiliar collocava, logo após a subida do negro, alguns pedaços de carne no chão ou dentro do banco, depois vinha da prisão um enorme mastim, especie de "mastif" inglez, faminto. O cão em pé não alcançava a victima amedrontava-a apenas. Mas, farejando a carne, forçava a entrada do orificio até derribar ou afastar tanto o banco que a asphyxia se produzia por enforcamento.

Quando o escravo desmaiava era retirado e soccorrido ou, se merecesse, segundo as ordens da patrôa, era deixado morrer balouçando-se sinistramente.

Uma noite, D. A..., dizem, ouviu o uivo do canzarrão na jaula. Todos dormiam. Ergueu-se, virou os sapatos e chamou a criada. Ninguem lhe respondeu. Tornou a chamar. Silencio!

No dia seguinte acharam-n'a morta...

Em sua mão esquerda havia fibras de corda, presas aos dedos contraturados pelas ultimas crispaturas. E uma *queimadura* arrôxeada em torno ao pescoço como signal de corda que a tivesse apertado.

Morrera fechada á chave por dentro do quarto e com a lingua pendente.

Francisca, sua creada intima, contou que se persignara ao ouvir o cão quando sentiu que a patrôa a chamava. Quiz erguer-se para attendel-a quando perdeu o accordo de si até que clareou a madrugada.

Annos após o seu enterramento iam levar a effeito o recolhêr dos ossos pessôas da familia.

Espanto! Horror! A velha mumificara-se!

Os vermes haviam respeitado a horrenda carcassa que servira de abrigo á podridão da alma. Com elle a nojeira, a immundicie, a deterioração haviam fugido do cadaver. A pelle grudára-se á ossamenta que se desenhava em detalhes, desde as orbitas immensificadas pela mórte aos metacarpianos cylindricos e finos.

O olhar não morrera, embaciara-se apenas. O corpo era de cêra, na alvura pardacenta do sub-solo. Mas ao pescoço viva, muito mais viva agora, berrava a nota vermelha de uma esfoladura, longa, lembrando uma corda que em violento raspão arrebatasse a pélle ao nivel da garganta.

Retirado do ataúde, foi o corpo reenterrado em terra pura. Ainda assim a terra não o quiz. Nem a roupa que o vestia deteriorou-se. Perfeita!

As poucas pessoas dessa familia que ainda existiam aqui no logar se haviam mudado. Ninguem reclamava mais a ossada. O que se havia de fazer?

O coveiro um dia resolveu o problema: procederia a sua cremação.

Pois creia, doutor, foi inutil; nem o fôgo a queimou! Muita gente, que lhe posso apontar, estava presente na hora.

Agora vem o fim da historia.

No anno que rebentou a Guerra na Europa o coveiro que era de origem allemã tinha ficado, em roda de amigos, fóra de casa até alta noite.

Seguia, conta elle, em *charrette*, ao longo da estrada de volta, quando á luz do luar mingoante viu um enorme cão preto de olhar feroz a puxar com os dentes uma corda presa ao cadaver da velha... Como bom christão, temente a Deus, fez o signal da Cruz e resou o *Credo*, dando de rédeas ao animal que sahira em disparada louca!

No outro dia, após a divulgação do facto, encontraram o corpo mumificado a balouçar-se a um eucalyptus fronteiro ao cemiterio. Lá está. Quando tentam retiral-o dali qualquer desgraça sobrevém. O ultimo promotor de Corumbá aqui a passeio morreu afogado ao atravessar um riosinho, de volta a sua casa.

Todos respeitam a mulher e o seu destino".

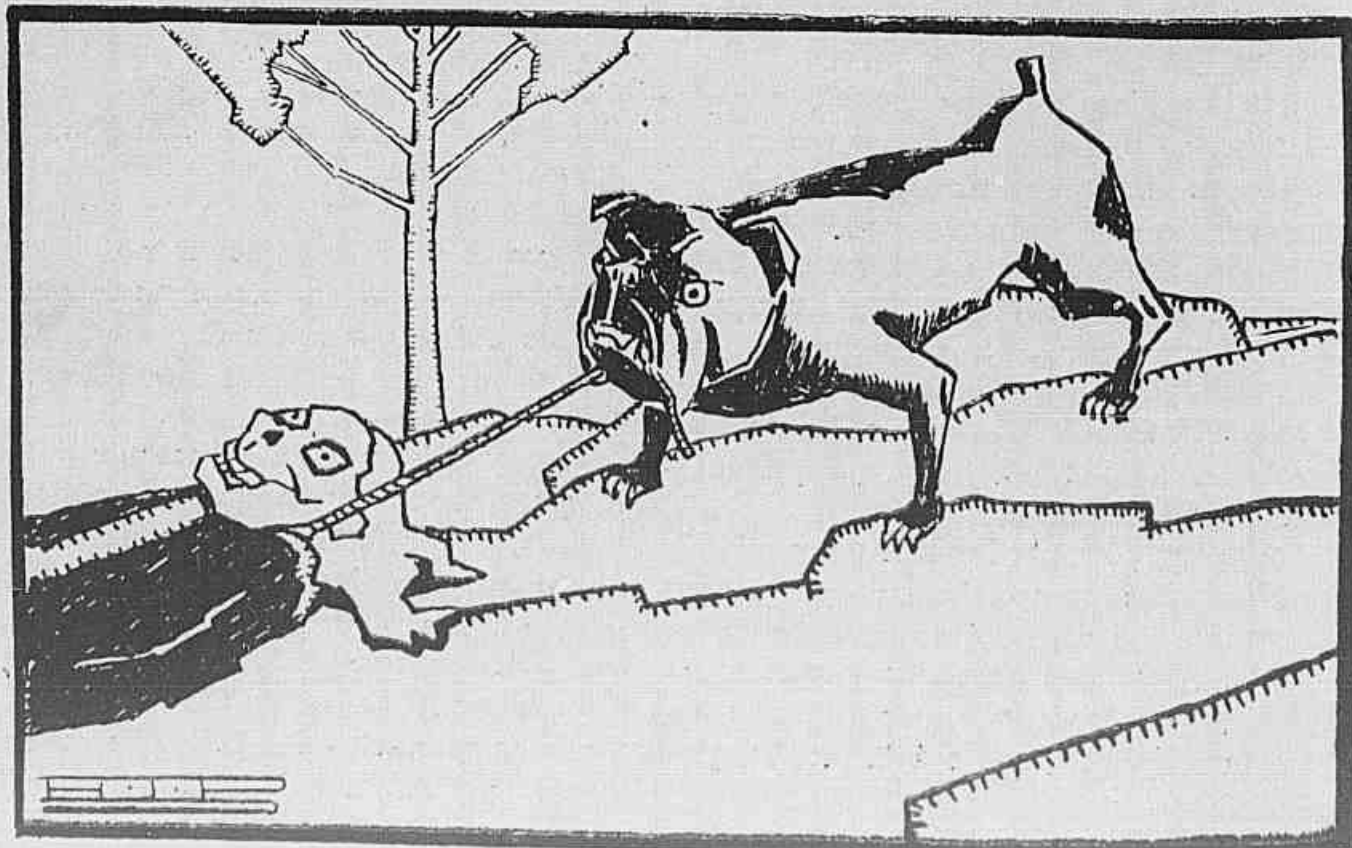
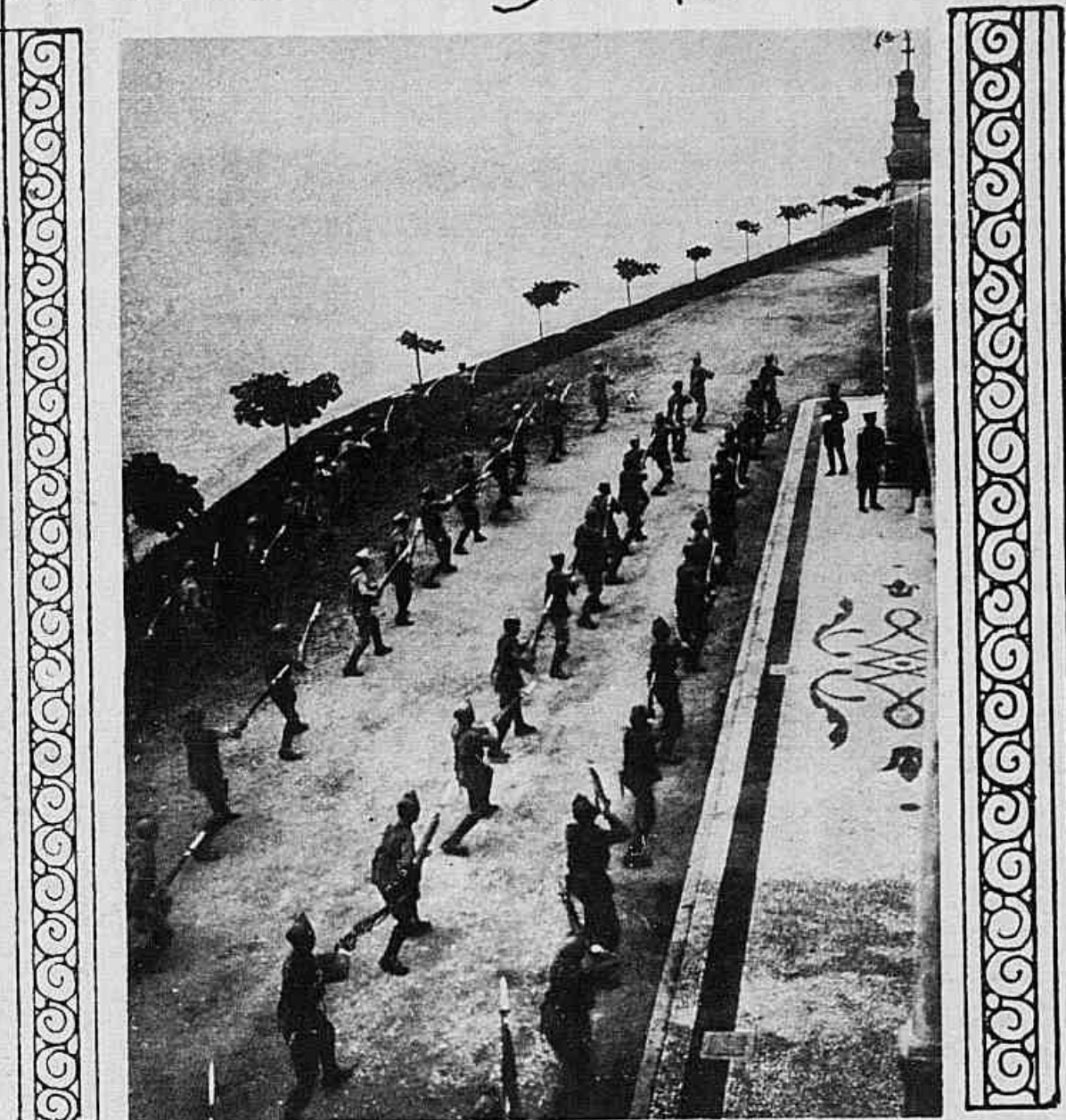
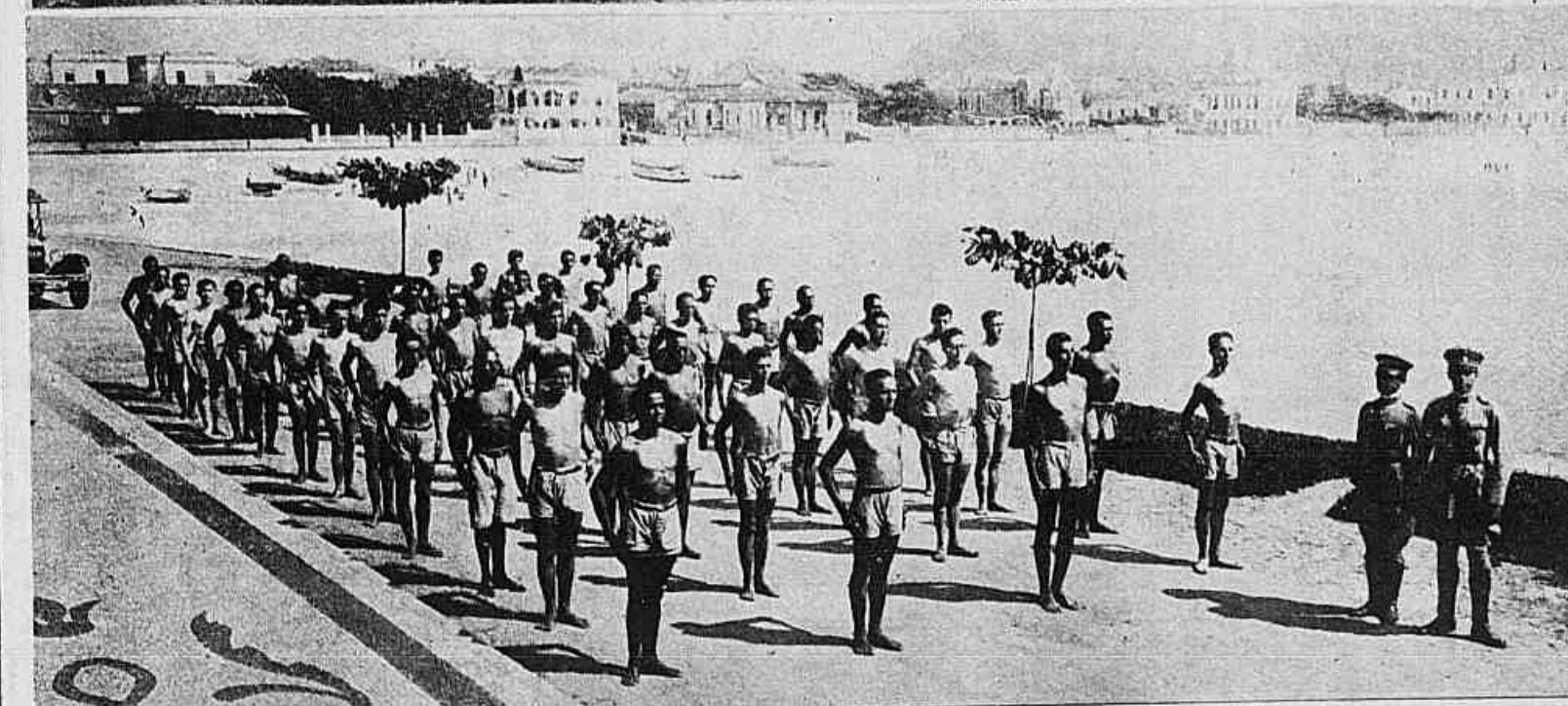
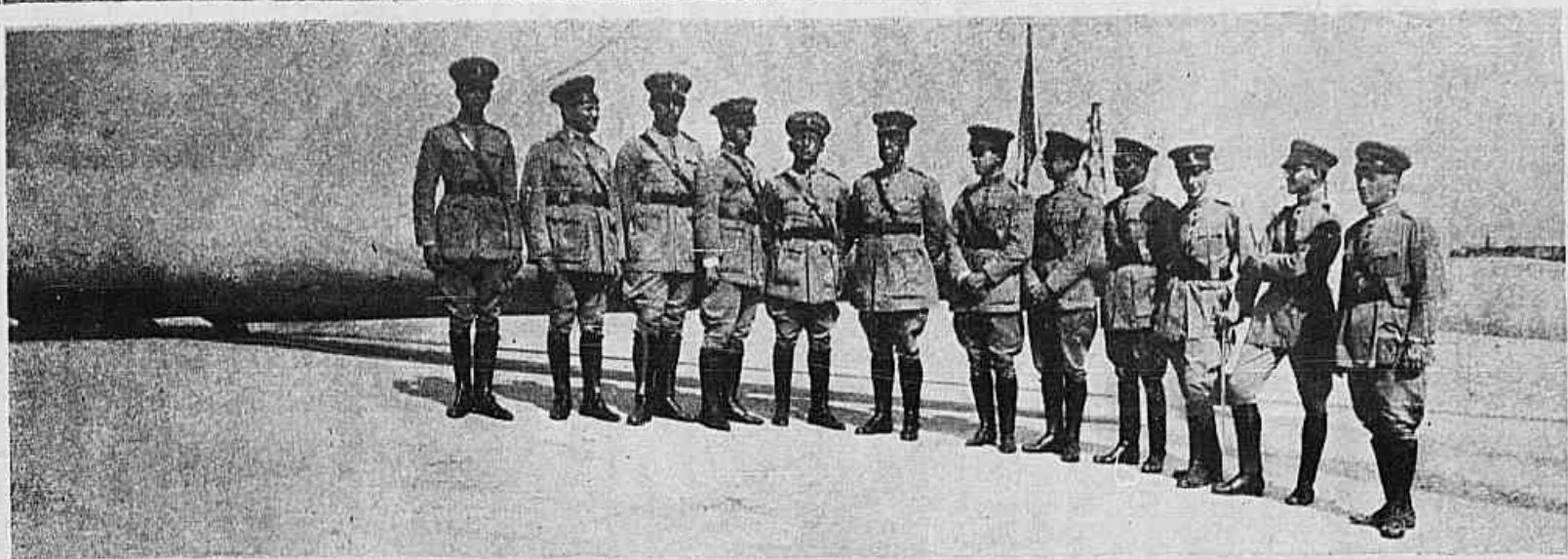
Olhei para trás. Ainda se podia distinguir na planura o recanto aclarado pela cidade da Mórte.

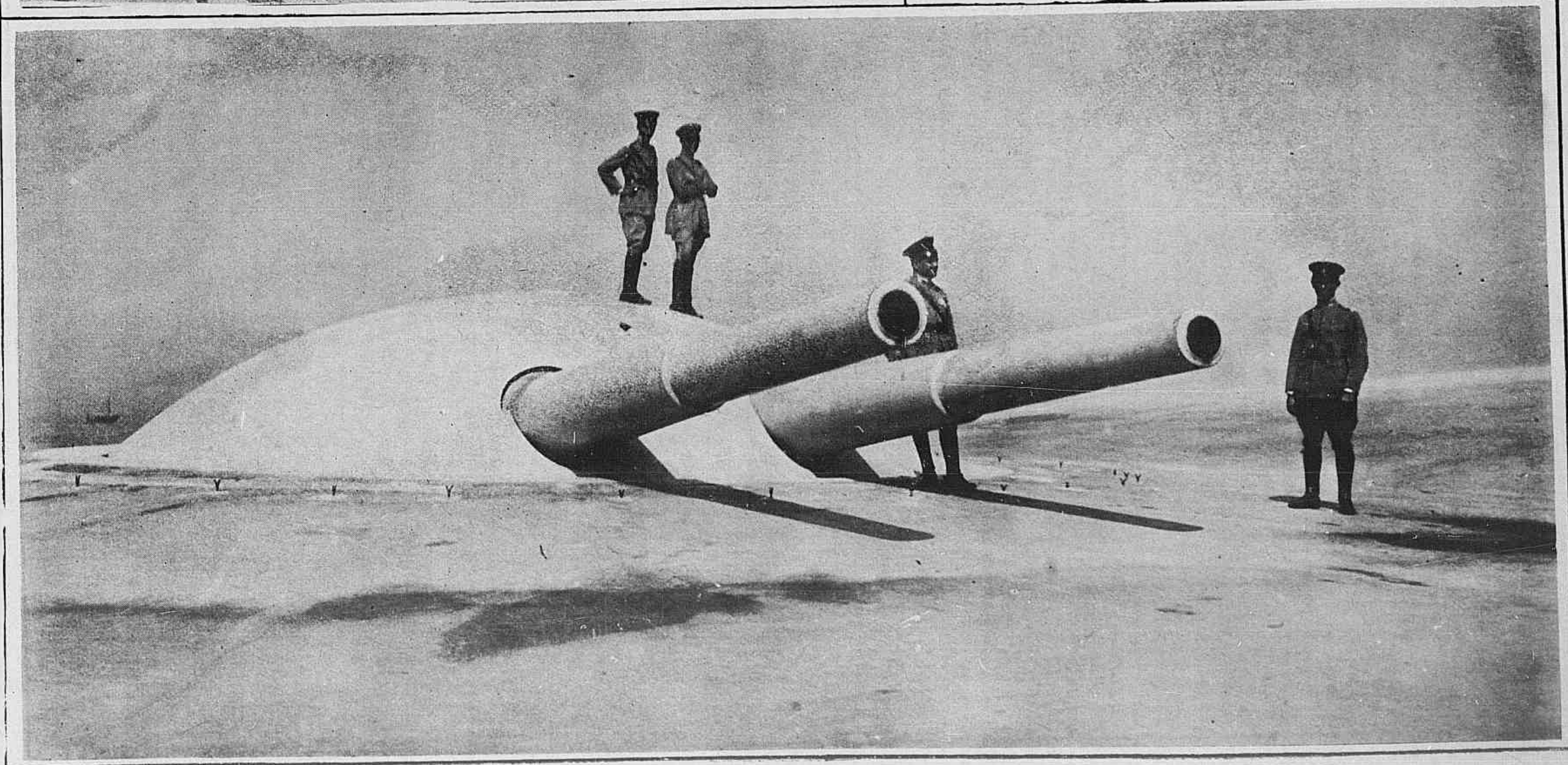
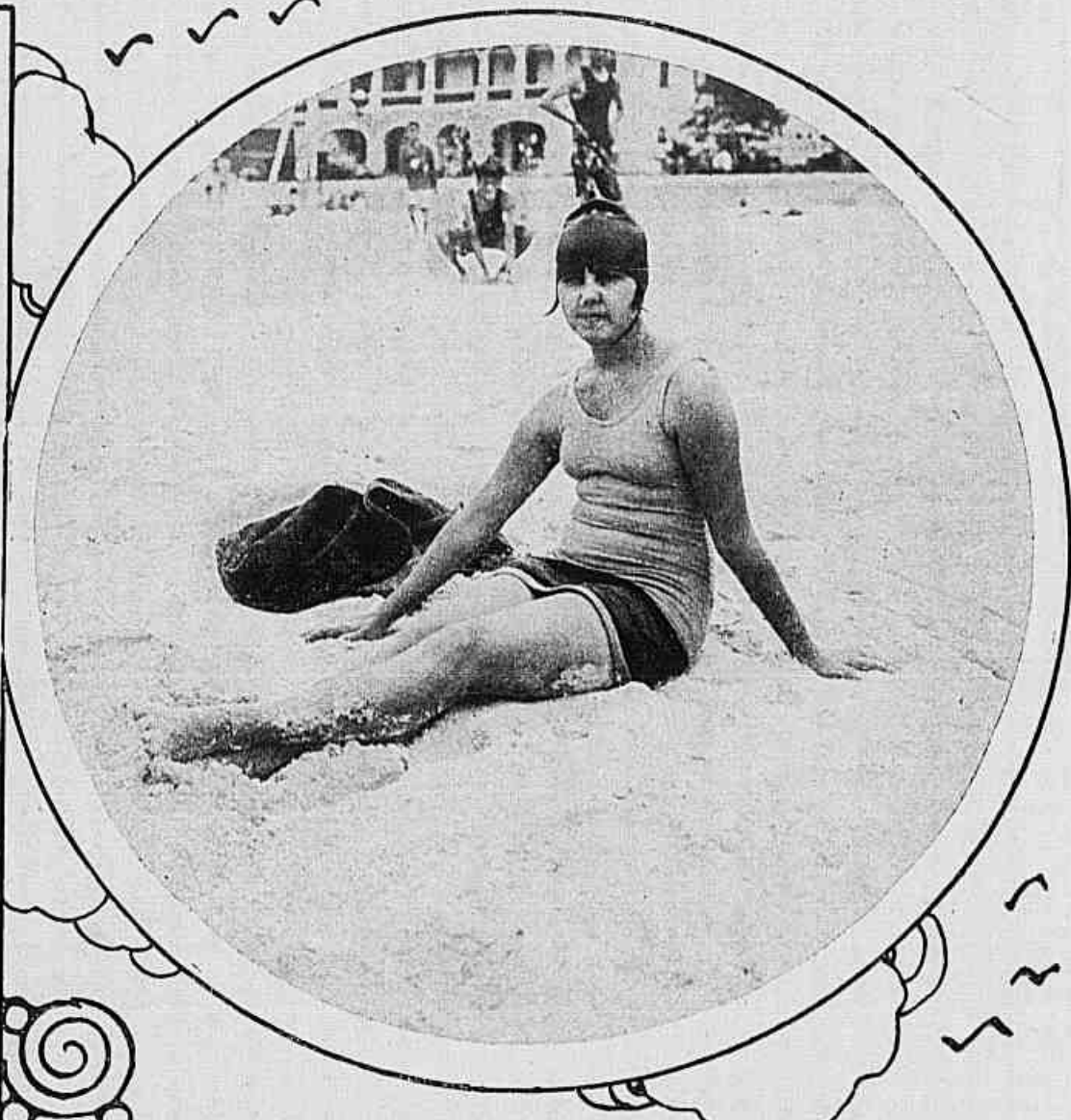
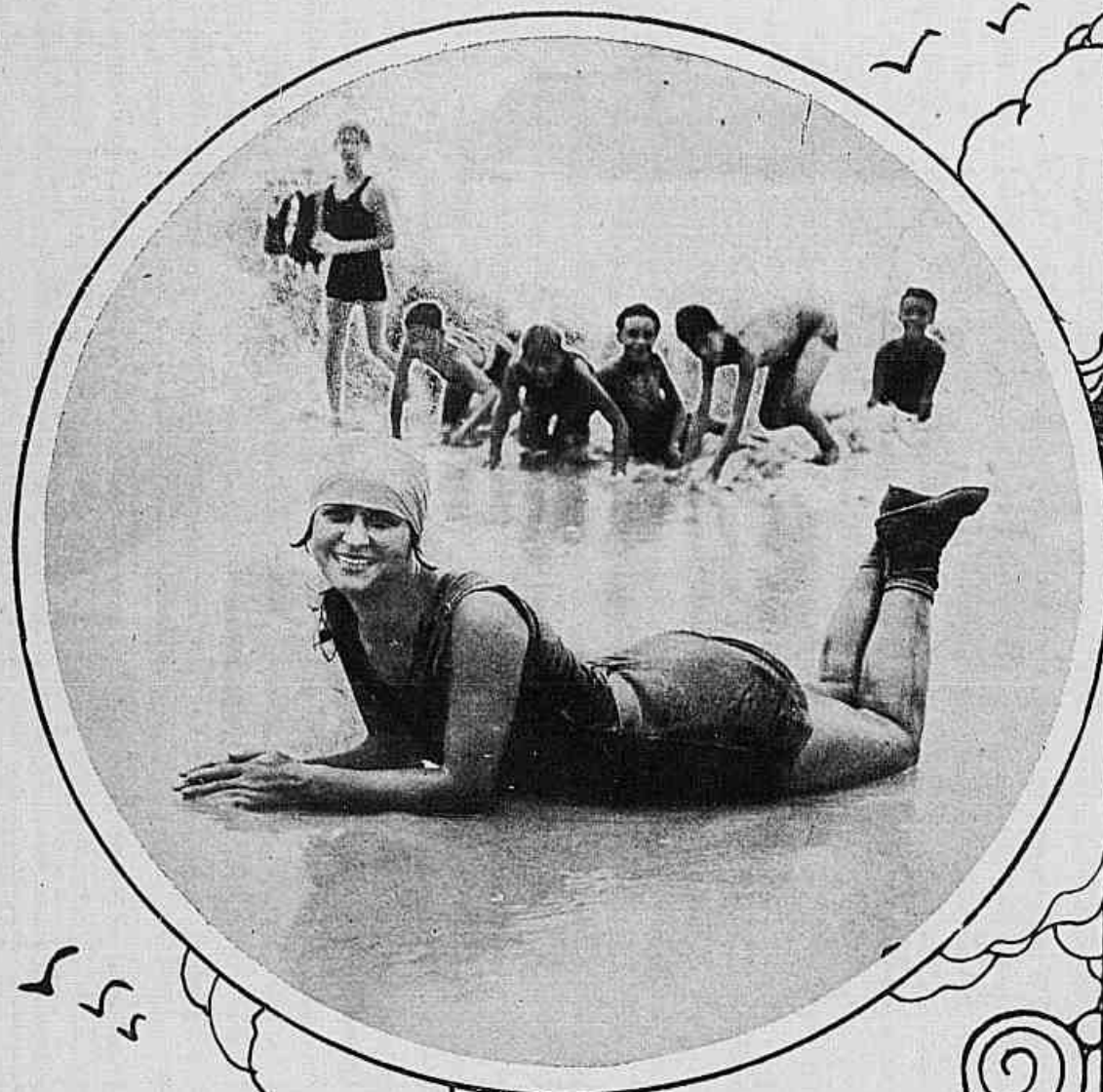
Nisso ouvi um uivo sinistro, ao longe. Prolongado... como um lamento de dôr.

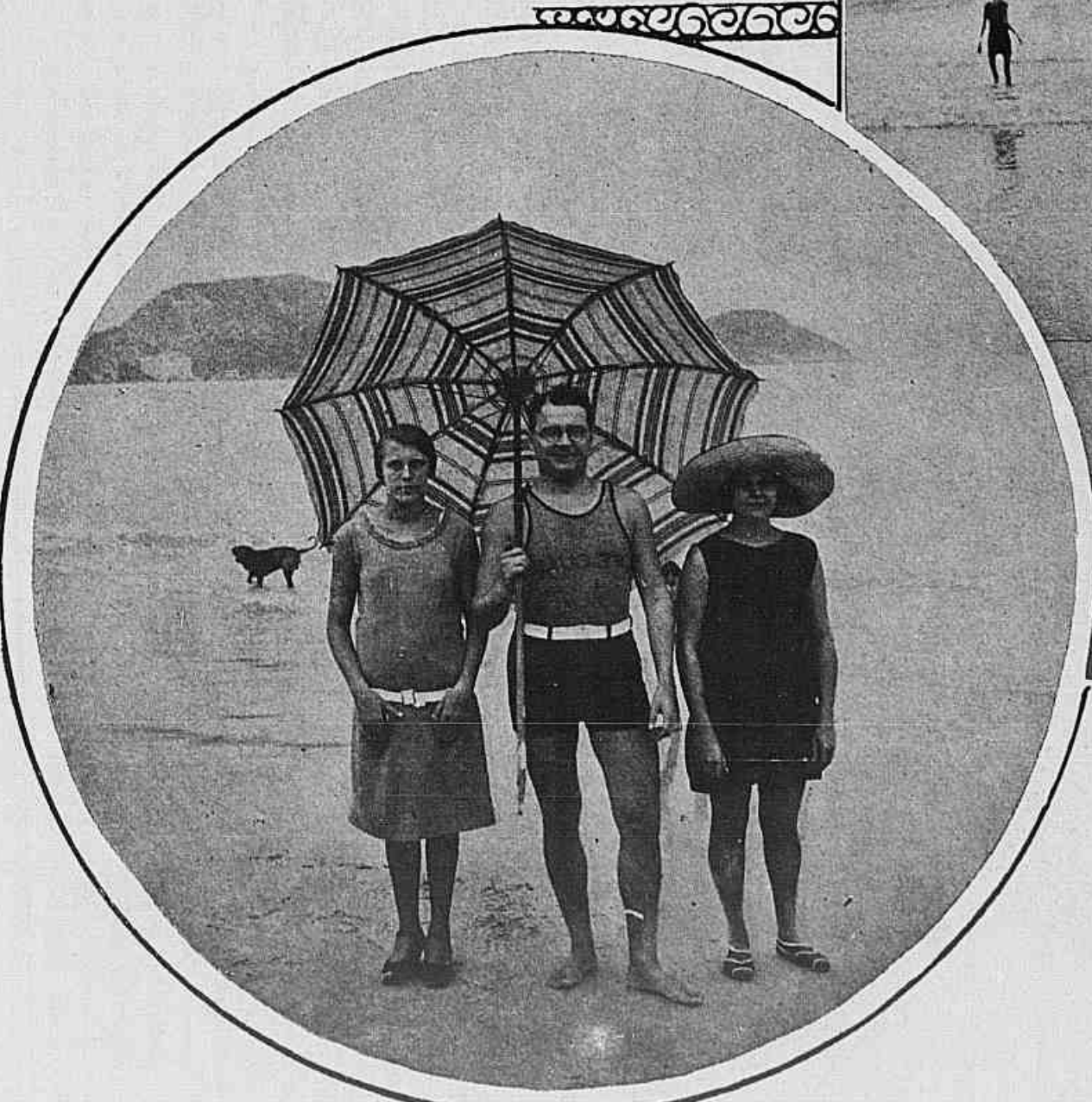
O guia benzeu-se e terminou:

— "Hoje é sexta-feira. Contam que nesta noite sempre o animal vem farejar a velha."

HERNANI DE IRAJÁ.

(Illustrações do autor).

A INSTRUCÇÃO DO NOSSO EXERCITO

Com os exames realizados no Forte de Copacabana, passado o primeiro periodo annual de instrucção, conta o nosso Exercito com mais uma turma de conscriptos. Consistiram os exames em provas de instrucção, esgrima, nomenclatura summaria de artilharia e instrucção das torres e cupula, hygiene, nomenclatura do fusil Mauser «Hotchins» e do fusil «1908» e noções de tiro.

As nossas gravuras mostram: 1 — O commandante e officilidade do Forte de Copacabana. 2 — O banho dos conscriptos. 3 e 4 — Exercicios durante os exames. 5 — A formatura dos conscriptos, após o banho, diante do Forte. 6 — Cupula do Forte de Copacabana mostrando os dois canhões que dominam o horizonte.

Os ultimos banhos da estação

As praias começam a despovoar-se... Já não existe nellas a garrula affluencia que o verão impõe e o outomno supprime. Outomno! Em verdade, só o conhecemos de nome, através do que dizem os outros povos, que vêem as suas arvores cobertas de folhas amarellas e, logo após, esqueleticas e ostentando apenas os braços nús...

Se não temos arvores que se cubram de folhas de ouro e que depois apresentem o espectaculo da quéda das folhas, temos o banho de mar! O banho é que indica o outomno! Quando este chega, acaba aquelle. Isto é: as praias começam a soffrer a nostalgia dos dias alacres em que se bordavam de silhuetas elegantes, e agora apresentam as ultimas sereias e os ultimos tritões. Surprehendemol-os no Flamengo e em Copacabana, e fixámol-os nos instantaneos que ornam estas duas paginas.

Capellas de Fazenda

por Escragnolle Doria

COMO aliás todas as nações do mundo, fomos envenenados pela escravidão negra, ellas de longe, nas colonias, nós de mais perto, como os Estados Unidos, na propria patria.

Aquellas nações conseguiram mais cedo libertar escravos, apresentando-se algumas depois como philantropas; os Estados Unidos foram inundados de discordia e sangue pela abolição; nós a tivemos incruenta, embóra de consequencias tão sensiveis ainda.

Durante largo espaço de tempo a vida de fazenda representou, pois, muito na existencia nacional, favorecida pela producção agricola do braço captivo.

Não faltaram fazendas ao Brasil inteiro, de varia especie, em diversas provincias: a fazenda ou estancia de gado: a fazenda ou o engenho de assucar, a fazenda de algodão em Pernambuco. A verdadeira fazenda porém foi sempre a de café. Ella, segundo a observação de estrangeiro illustre, concentrava as actividades, as ambições, os capitaes; n'ella se deparavam as terras melhor beneficiadas, as officinas mais completas, os mais vastos e amplos edificios, algumas fazendas de café mais á larga e mais populosas do que muitas freguezias.

Para a maioria dos seus habitantes, a vida de fazenda era trabalho e monotonia.

Viajai pela Central do Brasil, no ramal paulista, podereis vêr, aqui, alli, acolá restos de fazendas, ao longo do curso do Parahyba, "o rio da escravidão", a deslisar ou cachoar conforme os obstaculos do curso, ora desimpedido, ora semeado de pedras ou de ilhas cuja vegetação pende chorosa sobre o soluçar das aguas.

Observareis, na planicie ou na encosta, velhos casarões tristonhos; recordam tempo impossivel de tornar, vida impossivel do sahir do tumulo.

Na casa principal da fazenda viviam o senhor da propriedade e a familia; na ausencia d'estes, de residencia na Côrte (o Rio de Janeiro) ou em qualquer capital de provincia, moravam o administrador e os seus.

Ao redor ou ao flanco da "casa grande" levantavam-se as senzalas, em renques, ou grupos, ou em fórma de aquartelamento, conforme o terreno, habitações da escravatura grossa onde, disse Ribeyrolles, "jamais vi uma flôr, pois não ha ahi nem esperança nem recordação".

A escravatura grossa era formada pela quasi totalidade dos captivos, em cujo seio havia privilegiados: as mucamas, criadas das sinhás moças; os pagens, ás ordens dos sinhôs moços, sujeitos todos á fiscalisação de sinhá velha ou dá dona da casa.

De manhã cedo, mal o dia bocejava na aurora, batia o sino ou estridulava a corneta, acordando o feitor, os capatazes, pretos chefes de turmas, e os escravos.

Distribuido o serviço, servido o café, seguiam todos para o cafezal onde permaneceriam até nove ou dez horas, momento do almoço cuja base era o feijão com farinha servido na cuia.

Após a refeição havia meia hora de repouso, á vontade, permittido n'algumas fazendas o uso do cachimbo a cujas espiraes de fumo muitos sonhavam, uns com fito outros sem elle.

Findo o repouso, o feitor chamava as esquadras á fórma, para recomeçar a colheita ou a capina, conforme a estação, o estio vermelho, o outono cinzento, o inverno prateado de neblinas, a primavera rindo em flôres.

A's duas ou tres horas serviam o jantar no qual era muito apreciado o angú e consentida a sesta, de meia ou uma hora, tornados muitos ao cachimbo e ás scismas acompanhando as fumaças, levando a alma longe, longe, de continente a continente.

Recomeçada a lida, ia até o pôr do sol, hora de regresso ás senzalas e da cangica. Vigorava em muitas fazendas o uso, duas vezes por semana, da distribuição de carne secca, fresca ou de porco, ao jantar.

Contados os escravos, após a ceia, fechavam-se as senzalas para "prevenir evasões, conciliabulos sediciosos, entrevistas de amor, tudo quanto pudesse diminuir a escravatura, a disciplina ou as forças".

Em geral nas fazendas existiam officinas servidas por carpinteiros, alfaiates, ferreiros, sapateiros e pedreiros.

Na fazenda opulenta, além dos officiaes parasitavam pagens, copeiros, mucamas, moços de estribaria e de curral, gente com os habitos do languoroso desapertar para a esquerda.

"Salvo os grammaticos, gladiadores e philosophos, que ha do's mil annos têm tido grande accesso, encontra-se n'estes dominios a antiga constituição do patriciado romano". Assim disse Ribeyrolles ao correr o nosso interior de então e ao fornecer-nos preciosas informações sobre a vida de fazenda.

O mundo é desigualdade, no homem principia pelos dedos e nem siquer o tumulo, externamente, a termina.

Emquanto a escravatura grossa mourejava no cafezal, a gente de côr da fazenda trabalhava sem aperto e, aproveitando a sésta frequente dos senhores, dava a taramela, boquejava e bocejava.

Que differença entre a mucama e negra da roça, a colher de sete a oito alqueires de café por dia, verificado por observadores ser a mão feminina mais ligeira e habil do que a dos homens! D'ahi a pouca folga das negras quando o grão estava maduro ou uma trovoada se annunciava, de nuvens crescendo cada vez mais escuras no alcantil das serras.

A's gravidas ninguem impunha o serviço do campo, ficavam como mucamas honorarias; nascidas as crianças, tinham as mães comida e alojamento especial,

Vista da entrada da capella da fazenda do Padre Corrêa, hoje Hotel D. Pedro, em Corrêas, visinhanças de Petropolis.

afastadas de serviços pesados no periodo da lactação.

Em muitas fazendas o medico de partido assistia os doentes: n'outros os proprios fazendeiros se tratavam e tratavam os escravos pela homeopathia. "Ils sont pour le feitor et pour Hahnemann", escreve Ribeyrolles.

Nem tudo, porém, na fazenda dizia trabalho e dôr. Nos sabbados á noite, nos domingos e santificados de nota, gozava a escravatura de uma ou duas horas

A capella historica da fazenda do Padre Corrêa onde esteve hospedado D. Pedro I, em Corrêas, Estado do Rio.

para folgar no terreiro, sobretudo dansando quasi sempre o batuque, ou o caxambú, opposto ao quimbête das povoações, ao som rouco do urucungo, espraiando tristezas em "dansas loucas na qual olhos, collos, quadris, tudo fallava, tudo provocava".

Vida material, só da terra, só de labor e sentidos, aqui e alli illuminada por um relampago de crença vaga e de religião intermittente.

Assim por exemplo, em algumas fazendas, antes de partir para a roça, a escravatura encontrava o senhor á janella ou na varanda. Estendia-lhe as mãos, pedindo a benção, ajuntando as palavras sacramentaes: "louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo", correspondida a saudação com outras palavras sacramentaes: "para sempre louvado seja".

"Como é diuturna essa ironia de Jerusalém! commenta Ribeyrolles; e accrescenta: " muitas vezes parei ao ouvir os crucificados da terra balbuciarem coagidos o nome do grande libertador."

Comparou alguem, a nós alheio, a fazenda ao mundo no estado primitivo, ella cheia de estranhas figuras e de maravilhosos andrajos.

"Mais rica em farrapos, dizia a penna estrangeira, só conheço a Irlanda, porém os negros, filhos do sol, trajam melhor do que os pallidos filhos do Norte, e alguns d'aquelles vi sahindo do matto virgem verdadeiramente esplendidos sob os trapos".

Aos desherdados da sorte ainda restava consolo no captiveiro, um pouco de religião christã. Nem todos a seguiam, preferindo-lhe as superstições, por ella tão combatidas e tão da indole africana, temerosa do feitiço e da mandinga, que o mysterio muito se embrenha pela ignorancia ou pela ingenuidade.

Todas as fazendas possuiam capella ou pelo menos altar e os fazendeiros mais opulentos contratavam capellão effectivo para o serviço religioso da casa.

Os padres de fazenda confessavam, administravam os sacramentos e vinham dizer missa uma vez por mez. Chegavam no sabbado á tarde e logo promoviam ladainhas, cantadas pelos escravos.

No domingo celebravam para a escravatura, de joelhos, como na vespera, assistida a missa pelo fazendeiro e pela familia, rematado todo o serviço divino, algumas vezes, por uma pratica do sacerdote.

Que diria a homens escravisados pelos semelhantes no seu continente e fóra d'elle, a homens vendidos pelos seus, em geral como prisioneiros de guerra e a troco de barricas de aguardente, de espelhos ou de quinquilharias!

Tinha o sacerdote de pregar ironicamente humildade aos humilhados e servia não raro de padrinho aos evadidos capturados.

Nas fazendas era de tradição que o fugitivo não fosse castigado se alguem o apadrinhasse, um visinho, uma pessôa da familia, um hospede, um sacerdote, com palavras, por meio de uma carta, ou outro meio qualquer, voltando o quilombola ao cafezal e á senzala sem soffrer pena.

Ainda ha pouco, viajando, teve alguem ensejo de passar por antiga fazenda, mais ou menos tal e qual a deixou a escravidão, embóra apropriada a outros misteres.

Quasi tudo é alli outr'ora, as salas espaçosas, os largos soalhos para seculos, os quartos amplos, sobretudo a capella, recinto pequeno, silencioso de meia-luz, ao fundo do qual surge altar-mór antigo e unico, porém cuidado, vestido de alva toalha, Nossa Senhora no logar de honra, imagens de santos formando-lhe côrte de respeito.

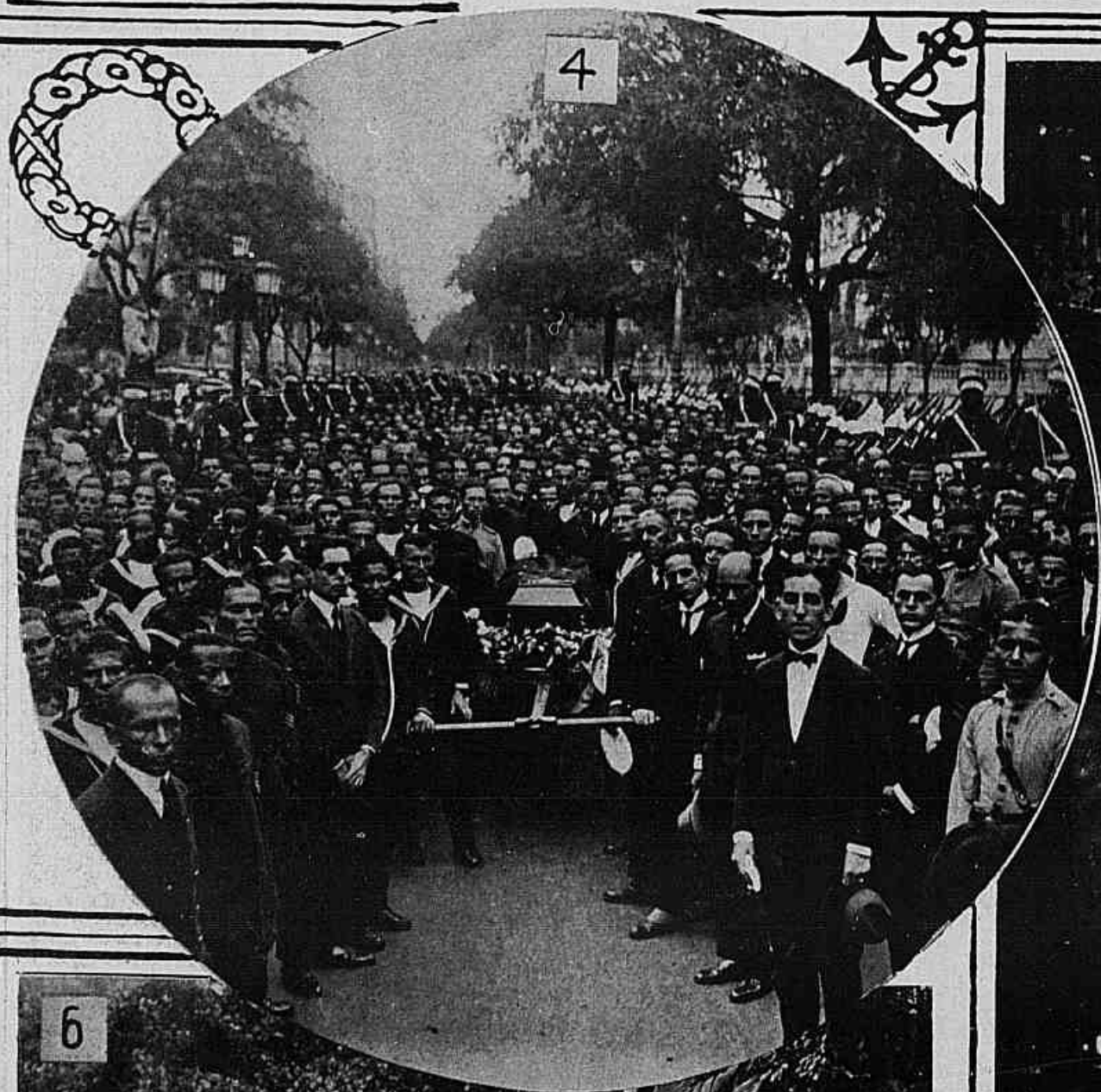
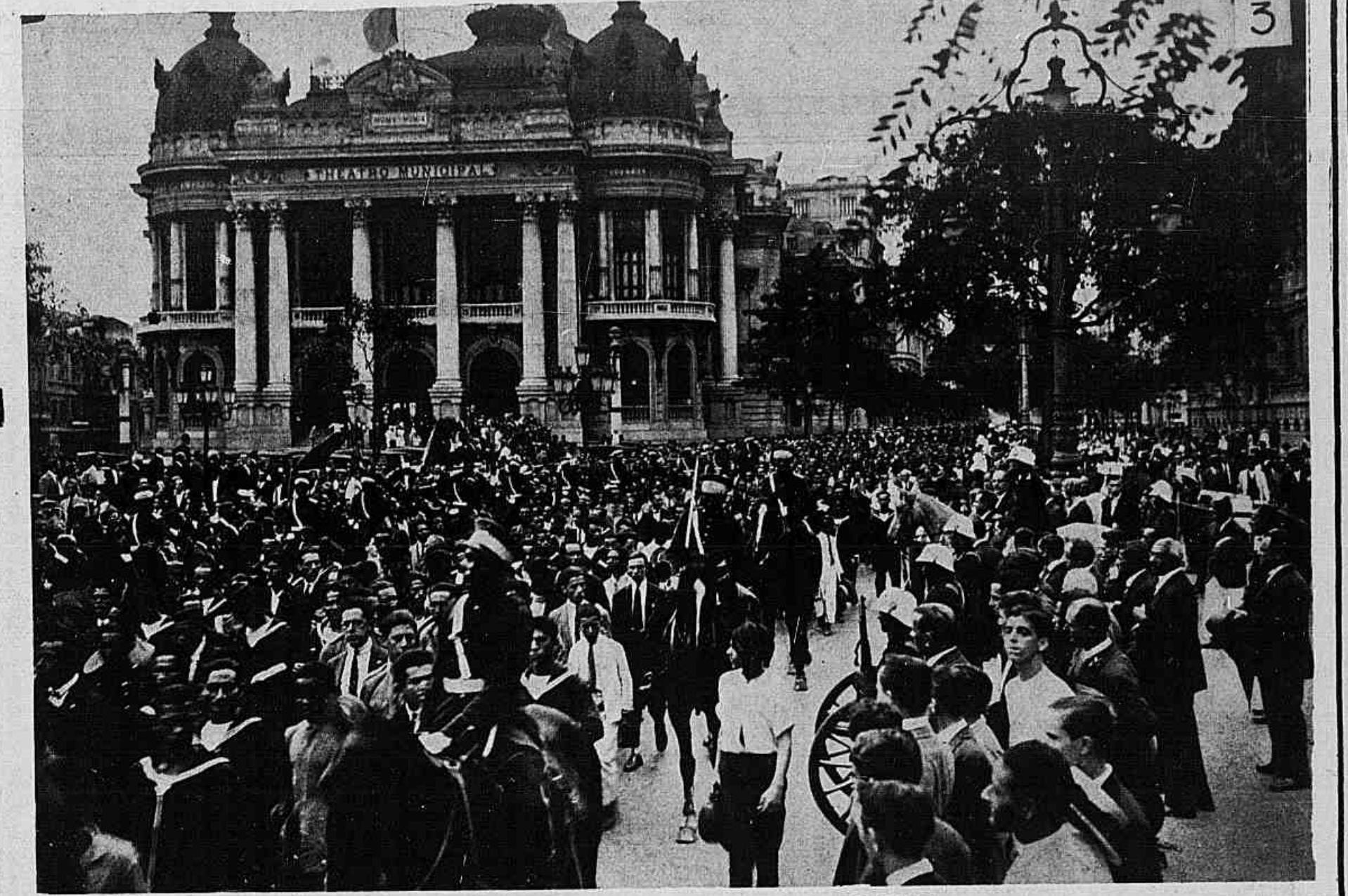
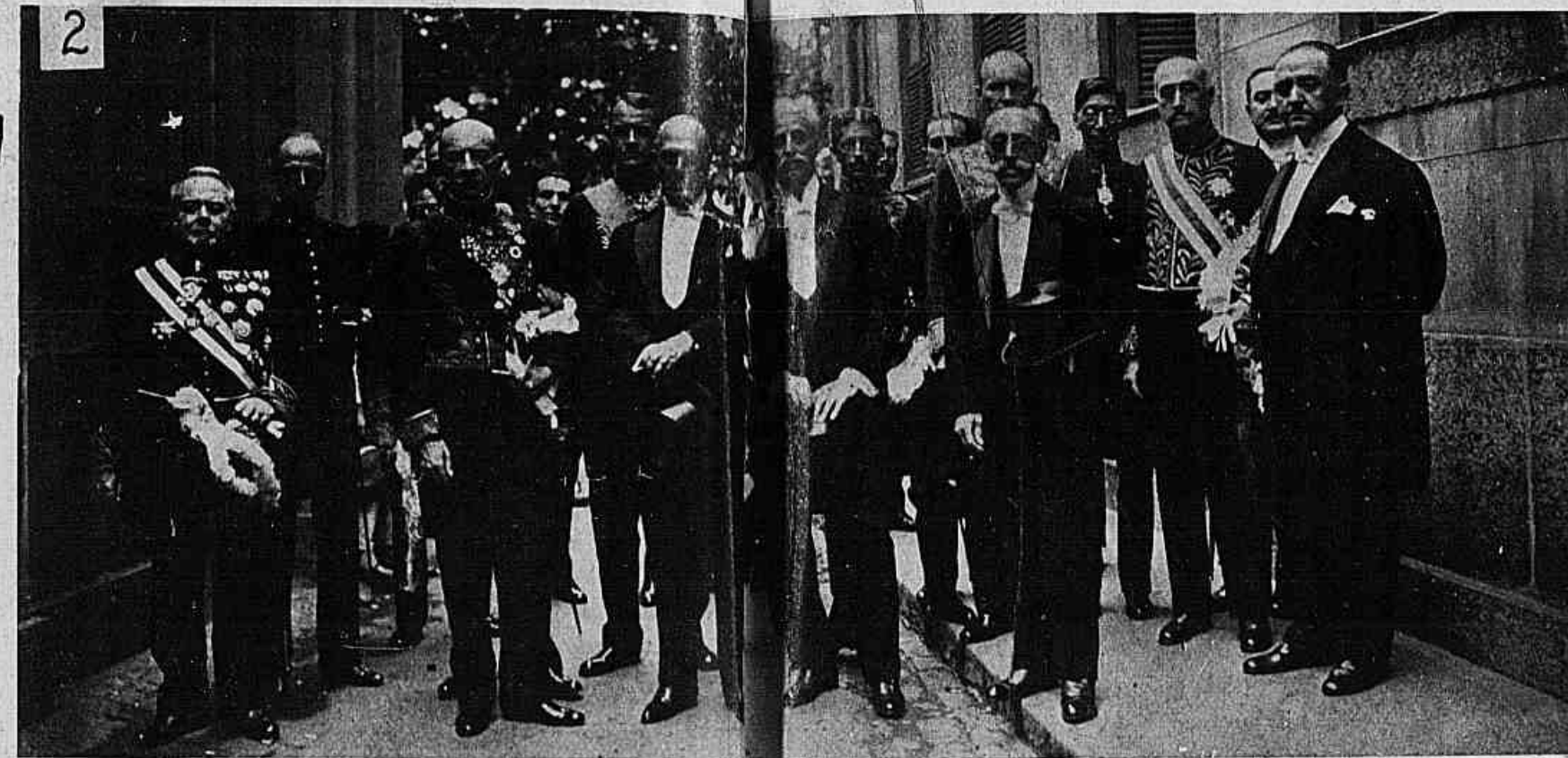
N'uma das paredes lateraes certa abertura, o logar do presepe, restos d'elle entre cotos de velas, um dos reis magos inclinado sem vertigem sobre um carneiro de madeira, de lanugem vermelha e incortavel.

Na parede opposta avultada cruz e Christo n'ella pregado. Quantos, mormente escravos, lhe teriam vindo trazer o sussurro de afflicções, duvidas, supplicas, desejos, remorsos e amarguras! Aos pés da cruz, sob corôa de espinhos, reluzente chapinha de prata, só com esta palavra: obrigado. Agradecer de mulher sem duvida, quando? como? por que? pouco importa. Basta conhecel-o o Crucificado, morto de esperança, alento e perdão para tantos vivos, a pender do madeiro redemptor, na velha capella de fazenda.

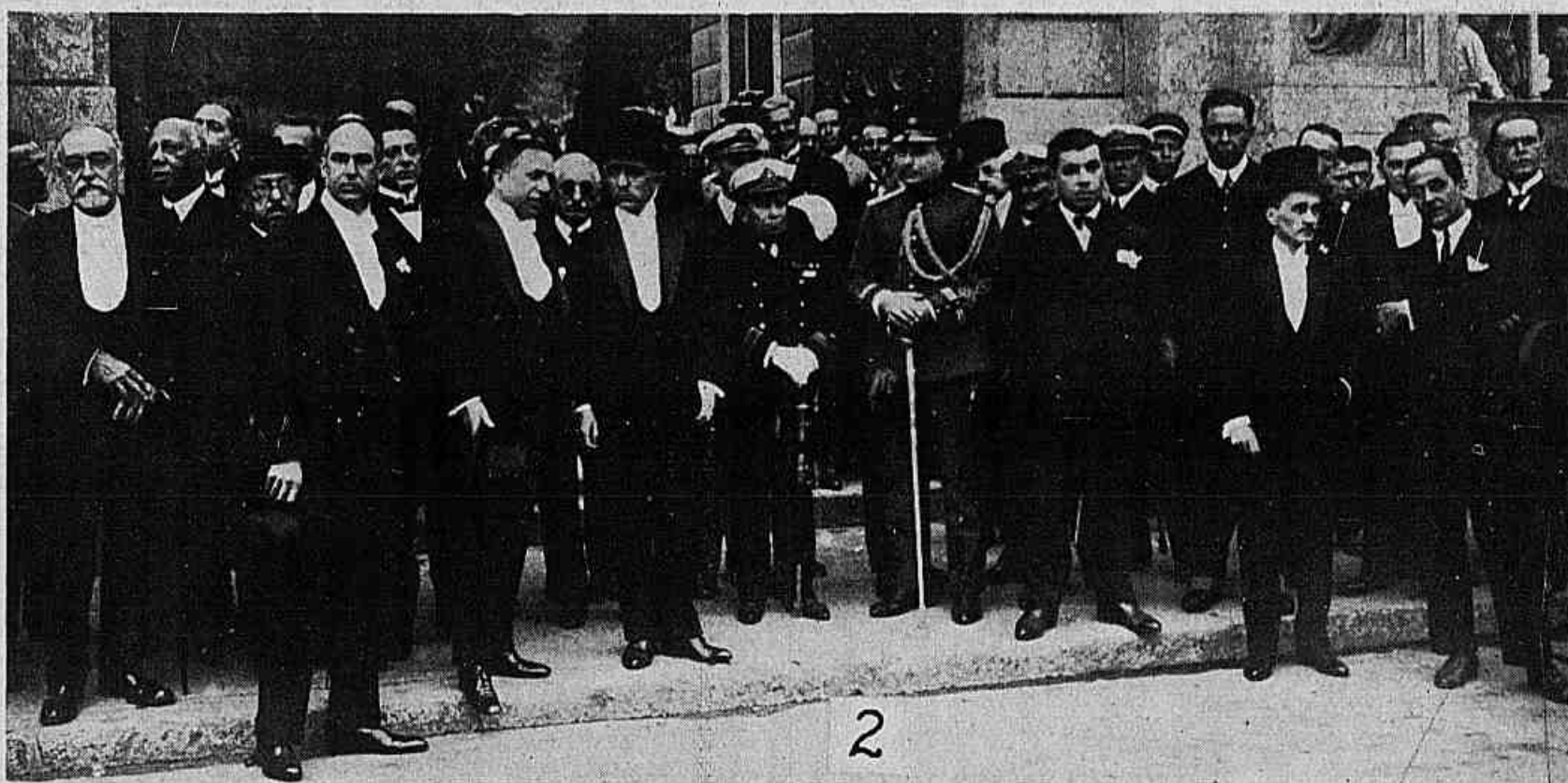
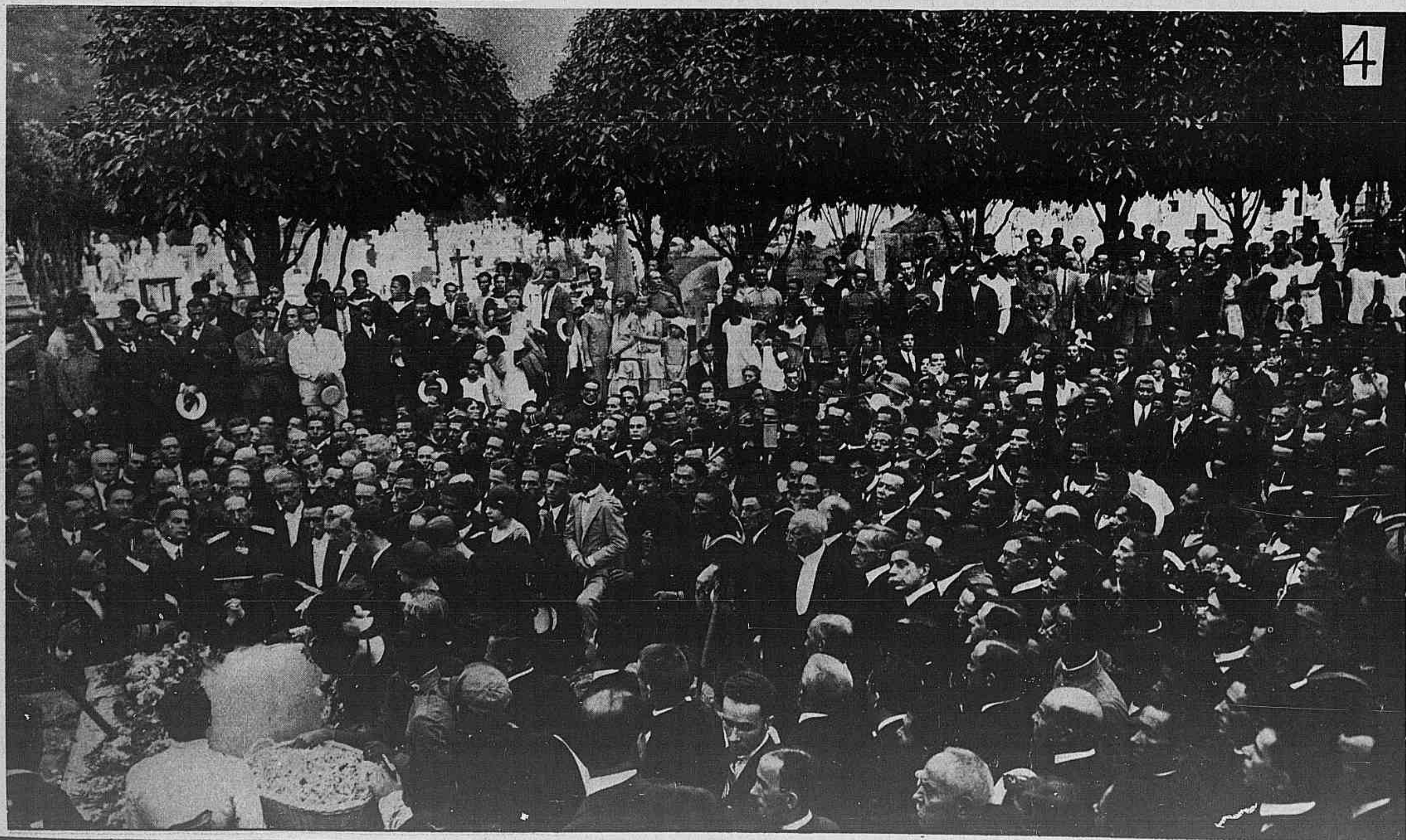
Escragnolle Doria

A MORTE DO MINISTRO DA MARINHA

A morte do almirante Alexandrino de Alencar, o illustre ministro da Marinha, teve, na madrugada do domingo ultimo, a mais dolorosa repercussão na nossa capital, de onde se propagou, por entre geral consternação, pelo paiz inteiro. Não era apenas o marinheiro brioso e audaz que desapparecia; era tambem o administrador adiantado que por longos annos, com a confiança dos presidentes Rodrigues Alves, Affonso Penna, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca e Arthur Bernardes, esteve á testa da pasta da Marinha, servindo aos interesses da Nação, com lealdade incontestavel e provada dedicação. O almirante Alexandrino era, na Armada Nacional, vulto de inconfundivel destaque, sendo pela sua bravura, attestada em episodios frequentes na sua carreira militar, uma reliquia nacional. O Brasil todo lamentou, com a Marinha Nacional, a perda enorme que acabou de soffrer, com o desapparecimento de uma das figuras mais sympathicas e conhecidas do paiz. 1 — O almirante Alexandrino no esquife mortuario, no Ministerio da Marinha. 2 — O almirante Alexandrino e sua exma. Familia. Photographia feita na sua residencia da rua do Aqueducto, onde o grande marinheiro deixou de existir. 3 — A camara ardente armada no Ministerio. 4 — A exma. Familia do almirante Alexandrino despedindo-se do illustre extincto, momentos antes de cerrar-se o esquife. Supra: um dos recentes retratos do almirante Alexandrino de Alencar.

ALEXANDRINO, O GRANDE MARINHEIRO

1 — A carreta conduzindo o corpo do almirante Alexandrino ao sahir do Arsenal de Marinha. 2 — O corpo diplomatico no Ministerio da Marinha. 3 — A passagem do cortejo funebre pela avenida Rio Branco, na altura do Theatro Municipal. 4 — O ataúde na avenida Rio Branco. 5 — Na praia

6 — A corôa offerecida pelo sr. Presidente da Republica. 7 — Aspecto parcial da avenida Rio Branco, na altura do Hotel Avenida, litteralmente cheia de povo, á passagem do prestito funebre. 8 — O carro funebre — que não transporrou a urna em razão de ter sido a mesma tirada á mão — ao passar pela

OS FUNERAES DO ALMIRANTE ALEXANDRINO

1 — A chegada da carreta com a urna funeraria ao cemiterio de São João Baptista. 2 — Grupo feito á porta do cemiterio, á chegada do cortejo funebre. 3 — O caixão ao baixar á sepultura. Vêem-se á esquerda os srs. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica; commandante Moraes Rego, representante do sr. Presidente da Republica; ministros Affonso Penna Junior, Felix Pacheco, marechal Setembrino de Carvalho e Annibal Freire; embaixador de Portugal, dr. Duarte Leite; prefeito Alaor Prata e dr. Arnolpho Azevedo, presidente da Camara dos Deputados. 4 — Aspecto tirado no momento em que, baixada á sepultura a urna, o sr. Felix Pacheco, illustre ministro do Exterior, em nome dos seus collegas de Ministerio, fazia a sua brilhante oração sobre o grande morto.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

JOÃO BAPTISTA DA COSTA

Em plena energia laboriosa e pleno prestigio artistico, falleceu o mestre da paizagem brasileira João Baptista da

Costa. Ninguem o diria tão prestes a succumbir. Ainda ha dias, bem poucos, elle dava aos amigos mais intimos uma impressão de saude perfeita e invejavel robustez. Era um homem são e forte, em toda a extensão das duas palavras magnificas. Trabalhava esforçada, heroicamente, sem ferias e sem mostrar a menor necessidade de descanso. E dava assim um raro exemplo, não só como caracter de homem, mas tambem como esperança e enthusiasmo de artista.

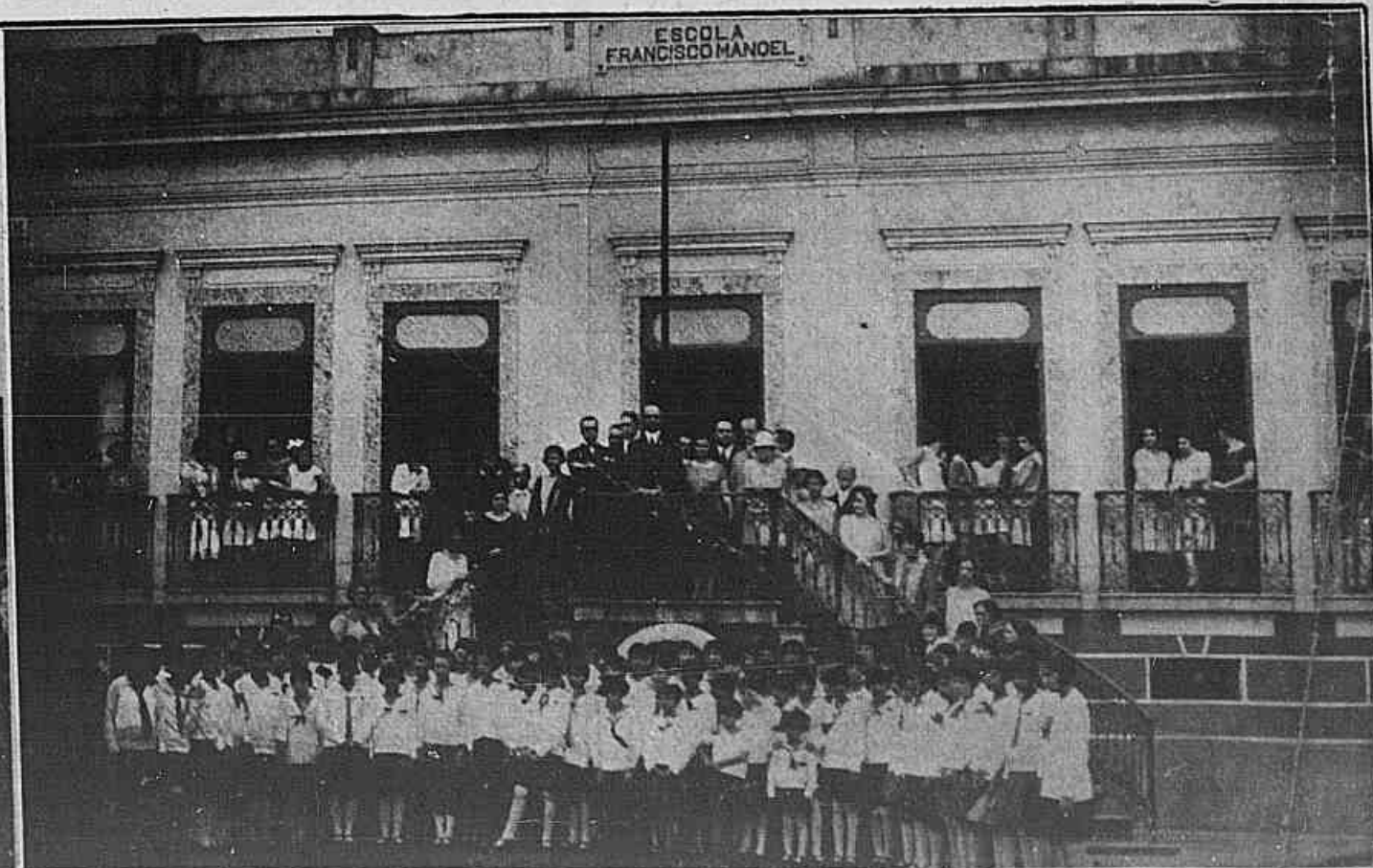
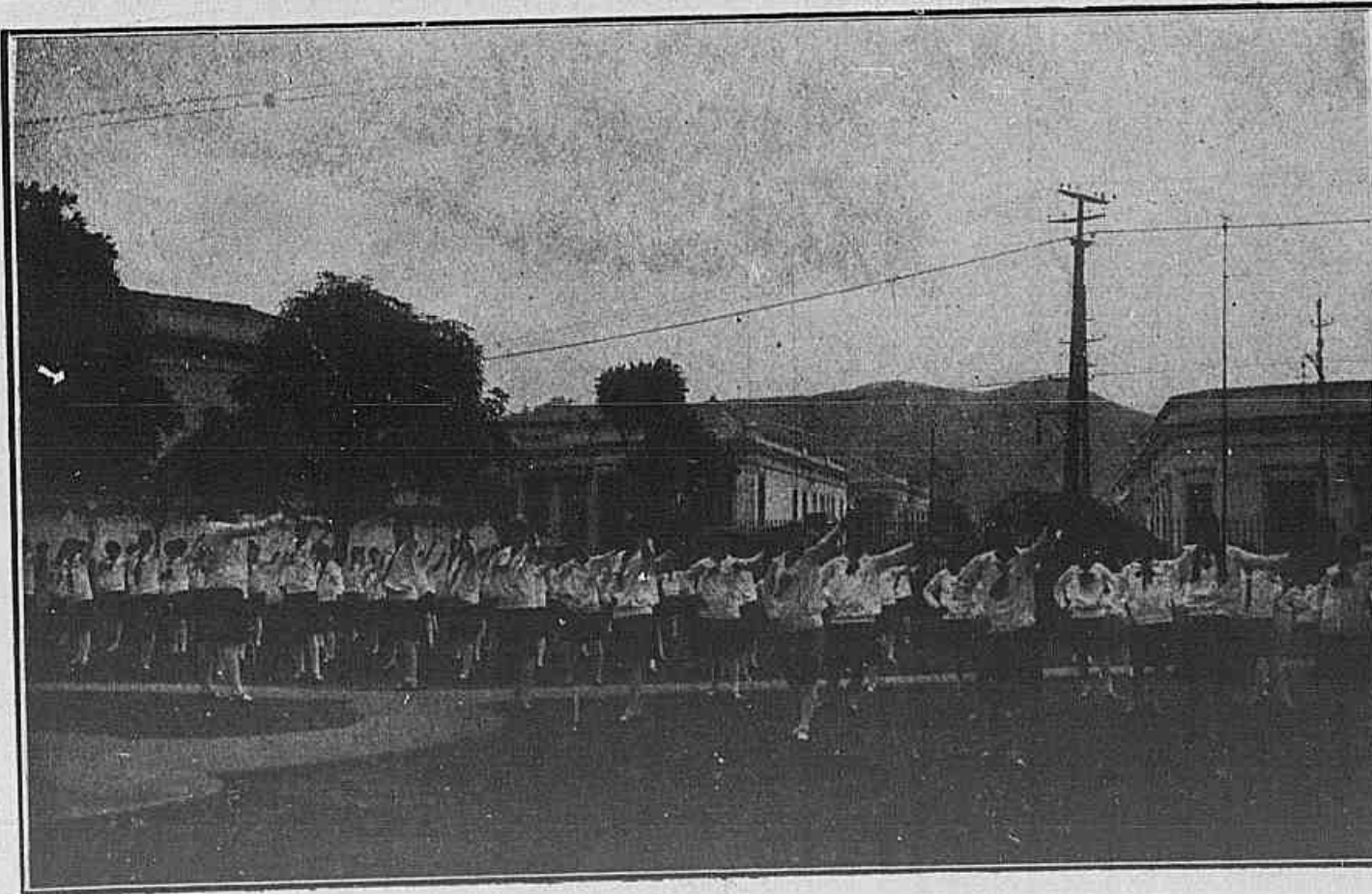
As paizagens que elle deixa compõem uma galeria feita de aplicação consciencioso, de apuro technico, de enlevo pantheista e, em summa, de talento. Os seus trabalhos acabados sempre com o esmero de quem dá tudo o que sabe, tudo o que tem, tudo o que pode — inspiravam um respeito profundo e, bem se pode dizer, incondicional. A sua obra não tinha adversarios e nunca a respeito della houve rigorosamente duas opiniões. Baptista da Costa pintava sobretudo senão exclusivamente para si — e eis porque tão pouco haviam de divergir, deante das suas telas, os juizos e os sentimentos dos outros.

Levava vida modesta e um tanto afastada. Os seus dias mais felizes eram de certo aquelles que, livre das preocupações do seu cargo official, ia passar no campo, sózinho com o seu cavallete e os seus pinceis, procurando o quadro suggestivo, colhendo a sensação de belleza, respirando o ambiente puro — e finalmente fixando tudo isso na tela, com a exaltação nova e o novo sonho de crear a obra de arte. Era bem o pintor da Natureza, que lhe pagava em inspiração o que elle lhe dava em amor.

Como director da Escola de Bellas Artes, o seu grande elogio está na veneração dos estudantes e na dedicação affectuosa de todos os companheiros. Nunca teve grupo, nem partido. Nunca profanou a sua elevada missão com as manobras e capciosidades da *politica*. Tratava sinceramente de ser justo e decerto sempre o conseguiu. E o que lhe sobrava da sua paixão de artista e da sua ternura de chefe de familia, generosamente o distribuia em amizades, sympathias, bondades de toda a sorte.

No cáes do porto. Instantaneo colhido por occasião do embarque do dr. Amaury de Medeiros, illustre director dos serviços de hygiene de Pernambuco, que se vê em palestra intima com o dr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica.

Aspecto da mesa do almoço offerecido pelos directores do Club de Regatas Boqueirão do Passeio aos campeões de *water-polo* dos primeiro e segundo *teams*.

Aspectos tirados na Faculdade de Medicina por occasião das homenagens prestadas pelos corpos docente e discente ao illustre professor Rocha Vaz, em razão da passagem do primeiro anniversario da sua administração no Departamento Nacional de Ensino. A' esquerda: flagrante tirado no momento em que, pelo corpo docente, orava o illustre professor Abreu Fialho; na outra gravura, o dr. Rocha Vaz tendo á esquerda os srs. marechal Setembrino de Carvalho, ministro da Guerra, e desembargador Ataulpho de Paiva, presidente da Côrte de Appellação, e em companhia de autoridades, professores e academicos.

Aspectos da festa realizada na Escola Francisco Manoel, na semana finda, por motivo das inaugurações do retrato do seu patrono e do gabinete dentario infantil. A' esquerda: exercicios pelas alumnas; á direita: grupo feito diante do edificio da Escola, vendo-se ao alto o sr. prefeito Alaor Prata ao lado da directora, senhora Felicidade de Moura Castro, e representantes do magisterio municipal.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 24 — as sras. Ruth Borges Leal, Levy Autran, Aura da Silva Netto Machado e Odette Bica de Almeida; as senhorinhas Odette Soares Costa e Ilma Couto; o deputado Carlos Maximiliano; os drs. Azurem Furtado (Edmundo), Carlos de Arruda Leite, Justiniano de Menezes e Alberto Nogueira Soares; o commandante Armando Ararigboia, aviador militar e chronista mundano.

*

Passa tambem nesta data o anniversario do deputado Francisco Valladares, politico de grande prestigio na Zona da Matta (Minas Geraes), antigo chefe de policia desta capital e um dos mais brilhantes membros da bancada do grande Estado na Camara Federal.

*

No dia 25 — senhoras Arthur Meirelles, Lindolpho Xavier e Luiza Lopes de Miranda; senhorinhas Monte Fusco, Maria Esther Morise, Stella de Carvalho e Giusa S. Martins; o major Mario Hermes; o professor Henrique Morise; o ex-presidente do Ceará, general Franco Rabello; o coronel Felippe Nery; o dr. Gastão França Amaral; monsenhor Pedro Ribeiro da Silva; o commandante Manoel da Silva Guimarães; a menina Helena da Rocha Miranda.

No dia 26 — senhoras Eduardo França, Candido da Assumpção e Jorge Figueira Machado; as senhorinhas Dulce de Vasconcellos, Zizi Nuno de Andrade e Acidalia Alves Pego; o senador Pedro Lago; o marechal Pedro de Assis; os drs. Arnaldo Tinoco, Joaquim de Oliveira Machado e Gastão Vandeck da Cunha; o coronel Mello Sampaio; o dr. Randolpho Chagas, nosso presado companheiro de direcção, distincto cavalheiro cujas virtudes lhe attrahem consideravel sympathia e lhe têm dado, a'ém do mais, o largo prestigio politico de que desfructa numa das mais ricas e populosas regiões de Minas, a Zona da Matta.

No dia 27 — senhoras Ramalho de Alencar, Edith de Castro Araujo e Carolina Machado Lapa e Silva; senhorinhas Elsa Campista, Adelaide Henrique Teixeira, Edith Gonçalves da Rocha, Dagmar Gomes de Paiva, Clotilde Rodrigo da Silva, Nair Pensard e Carmen de Castro Barbosa; o dr. Metello Junior, ex-deputado; os drs. João Pedro Vieira, director da secretaria do Senado; o barão de Peixoto Serra; os drs. Alvaro Rodrigues e Manoel Bezerra Cavalcanti; o joven Cid Honorio do Prado; o commandante Innocencio Vidal dos Anjos; o distincto advogado e censor theatral Gilberto Goulart de Andrade.

No dia 28 — senhoras Cicero Seabra e Marieta Luiz de Carvalho; as senhorinhas Octacilia Washington e Herminia Movado; o eminente poeta Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; os drs. Bento Ribeiro de Castro, Luiz Cirne Lima, Didimo da Veiga e Fausto Moreira.

No dia 29 — a exma. viuva Collatino Góes; as senhorinhas Adelina Ferrari, Fernandina Almeida Carneiro e Baby Barroso do Amaral; a galante Amelia Mendes da Silva; os drs. Alvaro Neves e Armando Duque Estrada.

No dia 30 — as sras. Celeste de Mattos Faria; senhorinhas Lucia Velloso de Lacerda, Nair Alvaro Zamith, Marina Tancredo Burlamaqui e Joaquim Pires de Albuquerque; o dr. Raul de Campos; commandante Leopoldo Bandeira de Gouvêa; o dr. Pereira Brasil; a senhora Thereza Lobo, virtuosa esposa do senador Pereira Lobo.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria Hilda Diniz e o dr. Antonio Carlos Lafayette de Andrade;
— a senhorinha Nancy da Silva Lemos e o jornalista Silvino de Azevedo Filho;
— a senhorinha Maria da Gloria Pinto de Castro e o dr. Arino Guimarães;
— a senhorinha Carolina Pereira da Costa e o sr. Mario Augusto da Silva;
— a senhorinha Juracy G. Madruga e o sr. Olindo Taveira Lelo;
— a senhorinha Almerinda Luiza Gonçalves e o sr. João Felippe dos Santos.

CASAMENTOS

— a senhorinha Edith de Castro e o sr. Adolpho Fernandes Coutinho;
— a senhorinha Elza Saldanha da Gama Chevalier e o sr. Antonio de Mello Pinho;
— a senhorinha Anna Victoria e o sr. Jorge Jacy de Carvalho;
— a senhorinha Gabriella Fernandes Solis e o sr. José Fernandes Tavares;
— a senhorinha Iolanda Aguiar e o dr. Roberto da Silva Leite;
— a senhorinha Dulce Pelegrino Machado e o dr. Adalberto Fernandes Senna;
— a senhorinha Esther Martins de Moraes e o industrial Euzebio Rodrigues de Carvalho;
— a senhorinha Maria de Lourdes Duque Estrada e o sr. Henrique O' Railly Pinheiro.

DIPLOMATAS

Acha-se no Rio, chegado da Europa, o official de artilharia e aviação sr. Pioto Sydlowsky, consul brasileiro em Varsovia.

*

Para o Norte do Brasil, onde vae em ex-

Grupo feito no Hotel Gloria após o banquete que o tenente-coronel Agustin Benedicto, addido militar á embaixada do Chile nesta capital, offereceu a um grupo de officiaes do exercito e da marinha. Ao centro, o offerente, tendo á direita o coronel Saturnino de Paiva, chefe do gabinete do sr. ministro da Guerra, e á esquerda o tenente coronel Palymercio Rezende.

Pelas creanças religiosas da Gloria

Aspectos interessantes do festival da C. Soares Fernano, realizado em beneficio das creanças da Doutrina Christã da Matriz da Gloria, no largo do Machado

O DR. EDMUNDO DA VEIGA no Supremo Tribunal Militar

A nomeação do sr. dr. Edmundo da Veiga, secretario da Presidencia da Republica, para o alto cargo de Ministro do Supremo Tribunal Militar echoou num ambiente geral de sympathias, mercê das peregrinas qualidades moraes e intellectuaes que fazem do illustre homem publico uma figura de accentuado relevo. A sua posse revestiu-se de immenso brilho. 1 — A posse. Vê-se o novo ministro Edmundo da Veiga, entre os srs. André Cavalcanti, presidente do Supremo Tribunal Federal, e marechal Caetano de Faria, presidente do Supremo Tribunal Militar, cercado de ministros dos dois tribunaes e personalidades de destaque. 2 — Grupo feito após a posse. O dr. Edmundo da Veiga está sentado, tendo á direita o sr. ministro André Cavalcanti e sua esposa, e vê-se cercado de familias, altas individualidades e pessôas gradas. No medalhão: o ministro dr. Edmundo da Veiga.

cursão de estudo, seguiu pelo *Affonso Penna* o dr. Shichita Tatsuke, embaixador do Japão junto ao governo brasileiro.

O distincto diplomata seguiu acompanhado dos srs. K. Awazu, J. Sekine, addido naval, e senhora e o engenheiro Egoshi.

*

Com destino a seu paiz, seguiu a semana ultima, a bordo do *Flandria*, o dr. Karel Dietrich, secretario da legação da Tchecoslovaquia.

O embarque do estimado diplomata, que seguiu acompanhado de sua senhora, foi grandemente concorrido.

*

Pelo *Avon*, seguiu para Praga, onde vae occupar o seu posto, o ministro Mario Belfort Ramos.

O seu embarque reuniu no Cáes Mauá os grandes nomes da diplomacia e da sociedade.

Os que viajam

Chegaram ao Rio: — os deputados Ubaldino de Assis e Simões Filho, procedentes da Bahia; o sr. Jayme Leal da Cunha, chegado da Europa; o sr. Clark H. Minor, que regressou de Nova York; o senador Manuel Borba, que regressa de Pernambuco; o deputado Antonio Monteiro de Souza, vindo do Amazonas; o dr. Agnello Bittencourt, tambem chegado do Amazonas; o deputado Ubaldino de Assis Filho, de regresso de Itaocára.

Deixaram o Rio: — o deputado Gilberto Amado, que vae á Europa; o dr. Sebastião Vianna de Souza, para Bello Horizonte; o industrial Haroldo Kolliger e familia, em viagem de recreio para os Estados Unidos; o dr. Lauro Carvalho de Vasconcellos e familia, para a Europa; o commandante José Maria Neiva e familia, que foram á Europa; o sr. Mauricio Gurnitz, em viagem de recreio para a Europa; o dr. Amaury de Medeiros, que regressou ao Recife; o deputado Souza Filho, tambem para Recife.

Musica

Segunda-feira passada, o salão do Instituto Nacional de Musica esteve brilhante. Realisou-se ali, conforme estava annunciado, a terceira audição de canções brasileiras do sr. Marcello Tupinambá. Renovou-se o grande exito dos recitaes anteriores tendo sido apenas substituido o barytono Sylvio Vieira pelo sr. Adacto Filho, cujos meritos de artista não é preciso encarecer. O programma desenvolvido foi optimo.

O salão do Instituto regorgitou do que ha de mais selecto na nossa sociedade, que vivamente applaudiu os apreciados artistas.

*

A Sociedade de Cultura Musical realisou, domingo ultimo, á tarde, no salão do Instituto Nacional de Musica, mais um dos seus magnificos concertos.

Esse recital trouxe seguramente novos louros á prestimosa sociedade, não só pelo esplendido programma como pelos seus interpretes.

Innocencia Rocha

Mais uma vez evidencia-se no extrangeiro o valor das nossas musicistas, com a consagração que acaba de receber a joven pianista patricia Innocencia Rocha.

Em *tournée* artistica pela Côte d'Azur, Innocencia obteve o mais brilhante exito em Lyon, Cannes, Monte-Carlo, Menton, Marseille e Toulon, epilogando a série dos seus concertos em Nice, com um salão tão cheio que foi crescido o numero de pessôas que perderam a audição por falta de logares.

Applaudida sempre com o mais franco enthusiasmo, a joven pianista foi forçada, em Nice, taes os reclamos da platéa, a executar, extra-programma, quatro numeros de musica, tornando-se, pela magia dos seus dedos, admirada sinceramente por todos os que a ouviram.

O Rio de Janeiro, onde Innocencia e sua irmã Valina cursaram o Instituto Nacional de Musica, verá em breve a brilhante musicista de regresso, enlevando a alma carioca, ao influxo peregrino da sua arte, com o mesmo enthusiasmo com que arrebatou a admiração dos selectos e numerosos auditorios que a consagraram no Velho Mundo.

Veranistas

Póde considerar-se finda a estação de aguas. Um ou outro deixar-se-á estar, um ou outro poderá ainda subir. Esses, porém, são os que necessitam do uso therapeutico das lymphas maravilhosas daquellas paragens. Os elegantes no entanto desertam aos bandos.

A semana ultima desceram:

De Caxambú: — o dr. Haroldo Valladão.

De Poços de Caldas: — o dr. Felippe de Souza Mattos e familia.

De S. Lourenço — o dr. Oscar Barbosa Rodrigues e familia; o sr. Alexandre Borges do Couto Sobrinho e familia.

De Aguas Virtuosas: — o dr. Oscar Pedemonte, a sra. Antonieta Pedemonte, a viuva Castello Branco, as senhorinhas Elisa de Sima e Yvonne Biolchine.

*

Para Caxambú: — o sr. Raul Villa.

Em Beneficio

Nos elegantes salões do Fluminense F. Club, realizou-se, quinta-feira da semana passada, uma formosissima festa de arte, em beneficio das obras da séde da Associação dos Escoteiros Catholicos do Coração de Jesus, promovida por um grupo de senhorinhas da nossa alta sociedade.

Foi completo o exito dessa festa, onde compareceu o nosso *grand-monde*.

*

Em homenagem á Marinha Nacional, pelo fallecimento do almirante Alexandrino de Alencar, foram transferidas do dia 21 para amanhã todas as festas commemorativas do 1.º anniversario da nossa Assistencia Dentaria Infantil, bem como o chá dansante, organisado pelas «Damas da Bondade» em beneficio dessa instituição de caridade e que terá logar nos salões do Hotel Gloria das 16 ás 19 1|2 horas.

Chá dansante

O Club Central de Nictheroy levará a effeito, amanhã, das 5 ás 10 da noite, um chá dansante, que promette revestir-se da maior animação.

Recepções

Foi incontavel o numero das pessôas de grande destaque em nossa sociedade que estiveram na residencia da brilhante *diseuse* senhorinha Maria Sabina de Albuquerque, sabbado ultimo, festa essa que a distincta senhorinha deu em homenagem ao poeta e jornalista Oswaldo Santiago.

Foi uma recepção formosissima.

A senhorinha Maria Sabina, com a graça e intelligencia que lhe são peculiares, encantou todos os seus convidados, offerecendo-lhes uma hora de arte, plena de belleza e emoções.

Bailes

Elegantissima a *soirée* que o Tijuca Tennis Club offereceu aos seus socios no ultimo sabbado.

Presentes á esplendida festa estiveram as familias de mais distincção do aprazivel bairro, que fartamente se divertiram até altas horas da noite.

Recepções de anniversario

No dia 14 — a sra. Dinorah Lassance Cunha;

No dia 15 — Nilza, filhinha do casal Antenor Soares Pereira.

No dia 17 — o dr. Mario Bulhão, o brilhante moço que allia as qualidades de fino escriptor á sua impeccavel figura de *gentleman*.

M. de D.

Carnet

Meu amigo:

Quando eu era pequena, uma velha que acompanhou a minha infancia e que supportou as minhas diabruras me dizia sempre:

— Menina, você vae ter muito que chorar, porque agora nem parece gente, é o proprio demonio.

— Cala a bocca, tia Maricas, Deus é quem sabe e você nem sabe ler, é tola mesmo.

Num dia, ella soube que eu tinha um namorado e veiu toda sorridente:

— Você vae se casar? Eu queria ir para a sua casa!

— Para a casa do diabo, tia Maricas? Não, você é muito santinha e muito contadeira das minhas artes, não vae, não. Pobre da tia Maricas, não veiu mesmo, porque morreu e as suas prophecias falharam: não tenho chorado muito, não gosto de choro, tenho horror. Mulher chorona é uma cousa enjoada mesmo; bem bastam as razões inevitaveis.

Depois, você já reparou como o choro enfeia as pessôas? Desfaz o "maquillage", tira a belleza dos olhos, tudo!

E a vida é tão bôa! O que não daria a tia Maricas para estar vivendo junto da sua amiga

Maria de Lourdes.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 24 — as sras. Ruth Borges Leal, Levy Autran, Aura da Silva Netto Machado e Odette Bica de Almeida; as senhorinhas Odette Soares Costa e Ilma Couto; o deputado Carlos Maximiliano; os drs. Azurem Furtado (Edmundo), Carlos de Arruda Leite, Justiniano de Menezes e Alberto Nogueira Soares; o commandante Armando Ararigboia, aviador militar e chronista mundano.

*

Passa tambem nesta data o anniversario do deputado Francisco Valladares, politico de grande prestigio na Zona da Matta (Minas Geraes), antigo chefe de policia desta capital e um dos mais brilhantes membros da bancada do grande Estado na Camara Federal.

*

No dia 25 — senhoras Arthur Meirelles, Lindolpho Xavier e Luiza Lopes de Miranda; senhorinhas Monte Fusco, Maria Esther Morise, Stella de Carvalho e Giusa S. Martins; o major Mario Hermes; o professor Henrique Morise; o ex-presidente do Ceará, general Franco Rabello; o coronel Felippe Nery; o dr. Gastão França Amaral; monsenhor Pedro Ribeiro da Silva; o commandante Manoel da Silva Guimarães; a menina Helena da Rocha Miranda.

No dia 26 — senhoras Eduardo França, Candido da Assumpção e Jorge Figueira Machado; as senhorinhas Dulce de Vasconcellos, Zizi Nuno de Andrade e Acidalia Alves Pego; o senador Pedro Lago; o marechal Pedro de Assis; os drs. Arnaldo Tinoco, Joaquim de Oliveira Machado e Gastão Vandeck da Cunha; o coronel Mello Sampaio; o dr. Randolpho Chagas, nosso presado companheiro de direcção, distincto cavalheiro cujas virtudes lhe attrahem consideravel sympathia e lhe têm dado, além do mais, o largo prestigio politico de que desfructa numa das mais ricas e populosas regiões de Minas, a Zona da Matta.

No dia 27 — senhoras Ramalho de Alencar, Edith de Castro Araujo e Carolina Machado Lapa e Silva; senhorinhas Elsa Campista, Adelaide Henrique Teixeira, Edith Gonçalves da Rocha, Dagmar Gomes de Paiva, Clotilde Rodrigo da Silva, Nair Pensard e Carmen de Castro Barbosa; o dr. Metello Junior, ex-deputado; os drs. João Pedro Vieira, director da secretaria do Senado; o barão de Peixoto Serra; os drs. Alvaro Rodrigues e Manoel Bezerra Cavalcanti; o joven Cid Honorio do Prado; o commandante Innocencio Vidal dos Anjos; o distincto advogado e censor theatral Gilberto Goulart de Andrade.

No dia 28 — senhoras Cicero Seabra e Marieta Luiz de Carvalho; as senhorinhas Octacilia Washington e Herminia Movado; o eminente poeta Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; os drs. Bento Ribeiro de Castro, Luiz Cirne Lima, Didimo da Veiga e Fausto Moreira.

No dia 29 — a exma. viuva Collatino Góes; as senhorinhas Adelina Ferrari, Fernandina Almeida Carneiro e Baby Barroso do Amaral; a galante Amelia Mendes da Silva; os drs. Alvaro Neves e Armando Duque Estrada.

Grupo feito no Hotel Gloria após o banquete que o tenente-coronel Agustin Benedicto, addido militar á embaixada do Chile nesta capital, offereceu a um grupo de officiaes do exercito e da marinha. Ao centro, o offerente, tendo á direita o coronel Saturnino de Paiva, chefe do gabinete do sr. ministro da Guerra, e á esquerda o tenente coronel Palymercio Rezende.

No dia 30 — as sras. Celeste de Mattos Faria; senhorinhas Lucia Velloso de Lacerda, Nair Alvaro Zamith, Marina Tancredo Burlamaqui e Joaquim Pires de Albuquerque; o dr. Raul de Campos; commandante Leopoldo Bandeira de Gouvêa; o dr. Pereira Brasil; a senhora Thereza Lobo, virtuosa esposa do senador Pereira Lobo.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria Hilda Diniz e o dr. Antonio Carlos Lafayette de Andrade;
— a senhorinha Nancy da Silva Lemos e o jornalista Silvino de Azevedo Filho;
— a senhorinha Maria da Gloria Pinto de Castro e o dr. Arino Guimarães;
— a senhorinha Carolina Pereira da Costa e o sr. Mario Augusto da Silva;
— a senhorinha Juracy G. Madruga e o sr. Olindo Taveira Lelo;
— a senhorinha Almerinda Luiza Gonçalves e o sr. João Felippe dos Santos.

CASAMENTOS

— a senhorinha Edith de Castro e o sr. Adolpho Fernandes Coutinho;
— a senhorinha Elza Saldanha da Gama Chevalier e o sr. Antonio de Mello Pinho;
— a senhorinha Anna Victoria e o sr. Jorge Jacy de Carvalho;
— a senhorinha Gabriella Fernandes Solis e o sr. José Fernandes Tavares;
— a senhorinha Iolanda Aguiar e o dr. Roberto da Silva Leite;
— a senhorinha Dulce Pelegrino Machado e o dr. Adalberto Fernandes Senna;
— a senhorinha Esther Martins de Moraes e o industrial Euzebio Rodrigues de Carvalho;
— a senhorinha Maria de Lourdes Duque Estrada e o sr. Henrique O' Railly Pinheiro.

DIPLOMATAS

Acha-se no Rio, chegado da Europa, o official de artilharia e aviação sr. Pioto Sydlowsky, consul brasileiro em Varsovia.

*

Para o Norte do Brasil, onde vae em ex-

Pelas creanças religiosas da Gloria

Aspectos interessantes do festival da C. Soares Fernano, realizado em beneficio das creanças da Doutrina Christã da Matriz da Gloria, no largo do Machado

O DR. EDMUNDO DA VEIGA no Supremo Tribunal Militar

A nomeação do sr. dr. Edmundo da Veiga, secretario da Presidencia da Republica, para o alto cargo de Ministro do Supremo Tribunal Militar echoou num ambiente geral de sympathias, mercê das peregrinas qualidades moraes e intellectuaes que fazem do illustre homem publico uma figura de accentuado relevo. A sua posse revestiu-se de immenso brilho. 1 — A posse. Vê-se o novo ministro Edmundo da Veiga, entre os srs. André Cavalcanti, presidente do Supremo Tribunal Federal, e marechal Caetano de Faria, presidente do Supremo Tribunal Militar, cercado de ministros dos dois tribunaes e personalidades de destaque. 2 — Grupo feito após a posse. O dr. Edmundo da Veiga está sentado, tendo á direita o sr. ministro André Cavalcanti e sua esposa, e vê-se cercado de familias, altas individualidades e pessôas gradas. No medalhão: o ministro dr. Edmundo da Veiga.

cursão de estudo, seguiu pelo *Affonso Penna* o dr. Shichita Tatsuke, embaixador do Japão junto ao governo brasileiro.

O distincto diplomata seguiu acompanhado dos srs. K. Awazu, J. Sekine, addido naval, e senhora e o engenheiro Egoshi.

*

Com destino a seu paiz, seguiu a semana ultima, a bordo do *Flandria*, o dr. Karel Dietrich, secretario da legação da Tchecoslovaquia.

O embarque do estimado diplomata, que seguiu acompanhado de sua senhora, foi grandemente concorrido.

*

Pelo *Avon*, seguiu para Praga, onde vae occupar o seu posto, o ministro Mario Belfort Ramos.

O seu embarque reuniu no Cáes Mauá os grandes nomes da diplomacia e da sociedade.

Os que viajam

Chegaram ao Rio: — os deputados Ubaldino de Assis e Simões Filho, procedentes da Bahia; o sr. Jayme Leal da Cunha, chegado da Europa; o sr. Clark H. Minor, que regressou de Nova York; o senador Manuel Borba, que regressa de Pernambuco; o deputado Antonio Monteiro de Souza, vindo do Amazonas; o dr. Agnello Bittencourt, tambem chegado do Amazonas; o deputado Ubaldino de Assis Filho, de regresso de Itaocára.

Deixaram o Rio: — o deputado Gilberto Amado, que vae á Europa; o dr. Sebastião Vianna de Souza, para Bello Horizonte; o industrial Haroldo Kolliger e familia, em viagem de recreio para os Estados Unidos; o dr. Lauro Carvalho de Vasconcellos e familia, para a Europa; o commandante José Maria Neiva e familia, que foram á Europa; o sr. Mauricio Gurnitz, em viagem de recreio para a Europa; o dr. Amaury de Medeiros, que regressou ao Recife; o deputado Souza Filho, tambem para Recife.

Musica

Segunda-feira passada, o salão do Instituto Nacional de Musica esteve brilhante. Realisou-se ali, conforme estava annunciado, a terceira audição de canções brasileiras do sr. Marcello Tupinambá. Renovou-se o grande exito dos recitaes anteriores tendo sido apenas substituido o barytono Sylvio Vieira pelo sr. Adacto Filho, cujos meritos de artista não é preciso encarecer. O programma desenvolvido foi optimo.

O salão do Instituto regorgitou do que ha de mais selecto na nossa sociedade, que vivamente applaudiu os apreciados artistas.

*

A Sociedade de Cultura Musical realisou, domingo ultimo, á tarde, no salão do Instituto Nacional de Musica, mais um dos seus magnificos concertos.

Esse recital trouxe seguramente novos louros á prestimosa sociedade, não só pelo esplendido programma como pelos seus interpretes.

Innocencia Rocha

Mais uma vez evidencia-se no extrangeiro o valor das nossas musicistas, com a consagração que acaba de receber a joven pianista patricia Innocencia Rocha.

Em *tournée* artistica pela Côte d'Azur, Innocencia obteve o mais brilhante exito em Lyon, Cannes, Monte-Carlo, Menton, Marseille e Toulon, epilogando a série dos seus concertos em Nice, com um salão tão cheio que foi crescido o numero de pessôas que perderam a audição por falta de logares.

Applaudida sempre com o mais franco enthusiasmo, a joven pianista foi forçada, em Nice, taes os reclamos da platéa, a executar, extra-programma, quatro numeros de musica, tornando-se, pela magia dos seus dedos, admirada sinceramente por todos os que a ouviram.

O Rio de Janeiro, onde Innocencia e sua irmã Valina cursaram o Instituto Nacional de Musica, verá em breve a brilhante musicista de regresso, enlevando a alma carioca, ao influxo peregrino da sua arte, com o mesmo enthusiasmo com que arrebatou a admiração dos selectos e numerosos auditorios que a consagraram no Velho Mundo.

Veranistas

Póde considerar-se finda a estação de aguas. Um ou outro deixar-se-á estar, um ou outro poderá ainda subir. Esses, porém, são os que necessitam do uso therapeutico das lymphas maravilhosas daquellas paragens. Os elegantes no entanto desertam aos bandos.

A semana ultima desceram:

De Caxambú: — o dr. Haroldo Valladão.

De Poços de Caldas: — o dr. Felippe de Souza Mattos e familia.

De S. Lourenço — o dr. Oscar Barbosa Rodrigues e familia; o sr. Alexandre Borges do Couto Sobrinho e familia.

De Aguas Virtuosas: — o dr. Oscar Pedemonte, a sra. Antonieta Pedemonte, a viuva Castello Branco, as senhorinhas Elisa de Sima e Yvonne Biolchine.

*

Para Caxambú: — o sr. Raul Villa.

Em Beneficio

Nos elegantes salões do Fluminense F. Club, realizou-se, quinta-feira da semana passada, uma formosissima festa de arte, em beneficio das obras da séde da Associação dos Escoteiros Catholicos do Coração de Jesus, promovida por um grupo de senhorinhas da nossa alta sociedade.

Foi completo o exito dessa festa, onde compareceu o nosso *grand-monde*.

*

Em homenagem á Marinha Nacional, pelo fallecimento do almirante Alexandrino de Alencar, foram transferidas do dia 21 para amanhã todas as festas commemorativas do 1.º anniversario da nossa Assistencia Dentaria Infantil, bem como o chá dansante, organisado pelas «Damas da Bondade» em beneficio dessa instituição de caridade e que terá logar nos salões do Hotel Gloria das 16 ás 19 1|2 horas.

Chá dansante

O Club Central de Nictheroy levará a effeito, amanhã, das 5 ás 10 da noite, um chá dansante, que promette revestir-se da maior animação.

Recepções

Foi incontavel o numero das pessôas de grande destaque em nossa sociedade que estiveram na residencia da brilhante *diseuse* senhorinha Maria Sabina de Albuquerque, sabbado ultimo, festa essa que a distincta senhorinha deu em homenagem ao poeta e jornalista Oswaldo Santiago.

Foi uma recepção formosissima.

A senhorinha Maria Sabina, com a graça e intelligencia que lhe são peculiares, encantou todos os seus convidados, offerecendo-lhes uma hora de arte, plena de belleza e emoções.

Bailes

Elegantissima a *soirée* que o Tijuca Tennis Club offereceu aos seus socios no ultimo sabbado.

Presentes á esplendida festa estiveram as familias de mais distincção do aprazivel bairro, que fartamente se divertiram até altas horas da noite.

Recepções de anniversario

No dia 14 — a sra. Dinorah Lassance Cunha;

No dia 15 — Nilza, filhinha do casal Antenor Soares Pereira.

No dia 17 — o dr. Mario Bulhão, o brilhante moço que allia as qualidades de fino escriptor á sua impeccavel figura de *gentleman*.

M. de D.

Carnet

Meu amigo:

Quando eu era pequena, uma velha que acompanhou a minha infancia e que supportou as minhas diabruras me dizia sempre:

— Menina, você vae ter muito que chorar, porque agora nem parece gente, é o proprio demonio.

— Cala a bocca, tia Maricas, Deus é quem sabe e você nem sabe ler, é tola mesmo.

Num dia, ella soube que eu tinha um namorado e veiu toda sorridente:

— Você vae se casar? Eu queria ir para a sua casa!

— Para a casa do diabo, tia Maricas? Não, você é muito santinha e muito contadeira das minhas artes, não vae, não. Pobre da tia Maricas, não veiu mesmo, porque morreu e as suas prophecias falharam: não tenho chorado muito, não gosto de choro, tenho horror. Mulher chorona é uma cousa enjoada mesmo; bem bastam as razões inevitaveis.

Depois, você já reparou como o choro enfeia as pessôas? Desfaz o "maquillage", tira a belleza dos olhos, tudo!

E a vida é tão bôa! O que não daria a tia Maricas para estar vivendo junto da sua amiga

Maria de Lourdes.

Concurso da Aspiração Feminina

A "REVISTA DA SEMANA" PERGUNTA A'S SUAS LEITORAS:

Que mulher desejaria a senhora ser?

E ESPERARÁ AS RESPOSTAS ATÉ 31 DE MAIO PROXIMO.

O CONCURSO DA ASPIRAÇÃO FEMININA obedecerá ás seguintes condições:

1.a — As concorrentes poderão designar qualquer mulher, tirando-a da Historia, da Lenda, da ficção litteraria ou da vida contemporanea.

2.a — A justificação da escolha não poderá ir além de doze linhas á machina em papel da largura geralmente usada pelos dactilographos.

3.a — As respostas deverão ser assignadas por uma phrase ou palavra qualquer; e em enveloppe separado e fechado deverá vir a mesma palavra ou phrase, acompanhada do nome da concorrente. No mesmo enveloppe, por fóra, se escreverá a phrase ou palavra em questão. Assim, o nome verdadeiro só será conhecido em caso de premio ou menção honrosa; e tal a razão da nossa exigencia que não serve senão para garantir ou favorecer as concorrentes.

4.a — A Revista da Semana reserva-se o direito de supprimir summariamente as respostas que lhe pareçam menos proprias para figurar nas suas columnas.

5.a — O jury deste concurso compor-se-ha de tres nomes notaveis nas letras brasileiras.

6.a — A Revista da Semana estabelece para as autoras das tres melhores respostas tres premios respectivamente constituidos por joias dos seguintes valores: — 1.° premio, Rs. 1:000$000; 2.° premio, Rs. 500$000; 3.° premio, Rs. 300$000. Essas joias poderão ser escolhidas em qualquer estabelecimento pelas proprias concorrentes premiadas. Além disso, haverá as menções honrosas que o Jury determinar e que consistirão na reproducção das respostas, com os nomes das autoras. E todas as recompensas comprehenderão retrato, na Revista da Semana, das senhoras ou senhorinhas contempladas.

Temos recebido varias cartas de candidatas a este concurso, perguntando se podem escolher uma figura alheia á série de mulheres celebres que temos publicado e continuaremos a publicar. A resposta, antecipadamente a démos na primeira das clausulas do concurso. As biographias ou louvores insertos nesta pagina servem apenas como exemplificação; mas as concorrentes podem designar qualquer celebridade historica feminina, uma heroina de romance ou de theatro, a inspiradora dum poema ou obra de arte em geral, e até uma figura de lenda. Ao demais, repetimos, o valor da resposta não está na natureza da escolha e sim na sua justificação. E' dizendo, no espaço limitado na 2.a clausula, as razões por que preferiram esta ou aquella mulher que as concorrentes podem fazer jús aos premios estabelecidos — pois não é este um certame de caprichos ou vaidades mas principalmente um prelio de intelligencia.

MARIA QUITERIA DE JESUS

Era uma joven, filha de paes portuguezes, do reconcavo da Bahia. De physionomia sympathica, sem nenhuma instrucção, applicou-se ás occupações domesticas, distrahindo-se ás vezes no exercicio da caça, em que se fizera bôa atiradora.

Vivia com seus paes em uma fazenda, não longe da então villa da Cachoeira, no sitio do rio do Peixe.

Influida por um emissario que angariava voluntarios para o exercito e que seu pai hospedou, foi por elle convencida das vantagens da independencia nacional. Seu coração inflammou-se de ideal patriotismo. E, uma noite, disfarçada em trajes de homem, abandonou a casa paterna, para assentar praça num regimento de artilharia, do que foi transferida para o batalhão dos Periquitos, por ser aquella arma muito pesada para o seu sexo.

E dahi fez-se a heroina que se conhece.

O dr. Franklin Doria, barão de Lorêto, distincto poeta e litterato, operoso ministro da guerra, que foi em 1881, em seu livro *Enlevos*, escreveu:

"Nos tempos em que a Bahia pugnava pela independencia, excitada por admiravel patriotismo, deixára o nosso feminino guerreiro a rudeza e a obscuridade da sua vida, desleixadamente vivida pelas varzeas do sertão, e com a espingarda ao hombro, com a farda conchegada aos seios, com o fogo do enthusiasmo no coração lá se fôra alistar nas fileiras da *brigada direita*.

Seria a Clorinda de Tasso, aquella Clorinda de cabellos de ouro desenovellados ao vento que campeiava na estacada, combatendo frente a frente com o piedoso Tancredo, que por ella bebia os ares, — mais animosa, mais valente que Maria Quiteria, em face dos espertos soldados do general Madeira?

Augustina, a gentil hespanhola, a quem Byron teve a dita de conhecer, e que, ao depois, cantou com tanto estro, no immortal *Child Harold*, faria, nos dois sitios de Saragoça, mais estupendas proezas que a brasileira amazona no pequeno campo de Pirajá? O que sei é que os seus feitos de armas, nas arduas pelejas, fazendo prodigios de honra durante aquella época de porfiadas luctas por nossa libertação, deslumbraram as vistas imperiaes a ponto de lhe grangearem, além da insignia dos cavalleiros da imperial ordem do cruzeiro, collocada no seu peito pela propria mão do primeiro imperador, a patente e o respectivo soldo de alferes de linha.

O batalhão em que a heroina combateu era denominado dos *Periquitos*, porque os seus soldados usavam a côr verde nas golas e canhões das fardas, trazendo ella esse uniforme modificado pelo appendice de um saiote de estofo escossez, similhante ao do *highlander*.

Este batalhão, commandado pelo major José Antonio da Silva Castro, revoltou-se a 25 de Outubro de 1824 contra o general commandante das armas Felisberto Gomes Caldeira, que ordenou a prisão do seu commandante por diversos actos de indisciplina do mesmo batalhão. Uma das suas companhias vae á casa do general, prende-o e fuzila-o.

Por sentença do conselho de guerra, foram fuzilados 4 dos soldados mais compromettidos, sendo o resto do batalhão confinado para Matto-Grosso.

Maria Quiteria de Jesus

Ignacio Accioli, em suas *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia*, transcreveu o decreto pelo qual conferiu o Imperador as honras a essa heroina e que é do theor seguinte: "Fazendo constar na minha imperial presença o commandante em chefe do exercito pacificador o decidido valor, denodo e intrepidez com que Maria Quiteria de Jesus, natural daquella provincia, se alistou nas fileiras do exercito, para debellar os inimigos da Patria, e se distinguiu em occasiões as mais arriscadas de combate, em que sempre se portara heroicamente; e porquanto feitos taes merecem um logar distincto na minha imperial consideração; hei por bem de conceder á referida Maria Quiteria de Jesus o soldo de alferes de linha, pago na sua respectiva provincia.

Manoel Jacintho Nogueira da Gama, do meu conselho de estado, ministro e secretario dos negocios da fazenda, e presidente do thesouro publico, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço, em 20 de Agosto de 1823, 2.° da independencia e do imperio. Com a rubrica de S. M. I. — João Vieira de Carvalho".

MARIA BARBARA

Em todo o sacrificio ha heroismo, sobretudo quando o sacrificio é o da propria vida, contra o qual se oppõe imperativa e soberanamente o "instincto de conservação", o mais poderoso dos instinctos e aquelle que domina commumente, no sêr humano, a propria vontade consciente. No homem, acostumado desde principio á lucta plena e constante, o heroismo é incomparavelmente mais frequente do que na mulher, especialmente quando o heroismo é o collectivo, isto é o das massas, o das batalhas, o da guerra. Mas quando a mulher é mãe e tem de defender o filho de ameaças e perigos ella sobreexcede consideravelmente o homem: nos outros casos, só o eguala ou transcende mui e muito especialmente, quasi sempre ou sempre quando ha grandes e elevados ideaes em jogo como os do patriotismo e os da liberdade humana.

Taes considerações nos occorrem a proposito desta humilde, plebéa, mas admiravel e abnegada Maria Barbara, que deu a vida em holocausto á fidelidade conjugal, á honra do seu thálamo, da familia, do lar.

Esse heroismo puramente individual é pouco commum no homem, quanto mais na mulher, maximé na mulher do povo, passando em geral a vida despercebida de todos, anonyma, sem estimulos, sem vaidades, sem ambições de ordem alguma.

Vejamos, porém, o caso pelo qual se sagrou a si mesma heroina essa sympathica e desventurada mulher.

Mas para isso melhor é cedermos a palavra a Felix Ferreira que, á pagina 111 do seu conhecido livro *Noções da Vida Domestica*, assim o conta:

"Maria Barbara, esposa de um simples soldado da provincia do Pará, accommettida em lugar êrmo por um malvado, que á viva força pretende macular-a, prefere a morte á deshonra, e acaba tristemente aos golpes do vil assassino:

"Um poeta distincto, seu comprovinciano, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, inspirado pela sublimidade do assumpto, dedicou á sua memoria este expressivo soneto:

"Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo, já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito,
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como do ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto e já sujeito
O tronco feio ao côrvo altivolante.

Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte,
Porem que allivio busque á dôr amára

Lembrando-se que teve uma consorte
Que por honra da fé, que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Maria Barbara parece-nos maior que Lucrecia, a linda e nobre patricia romana, que ficou celebre como modelo de virtudes conjugaes. E senão appellemos para a Historia, comparando os dois casos e vendo agora o de Lucrecia, narrado pelo eminente sociologo e historiador portuguez Oliveira Martins:

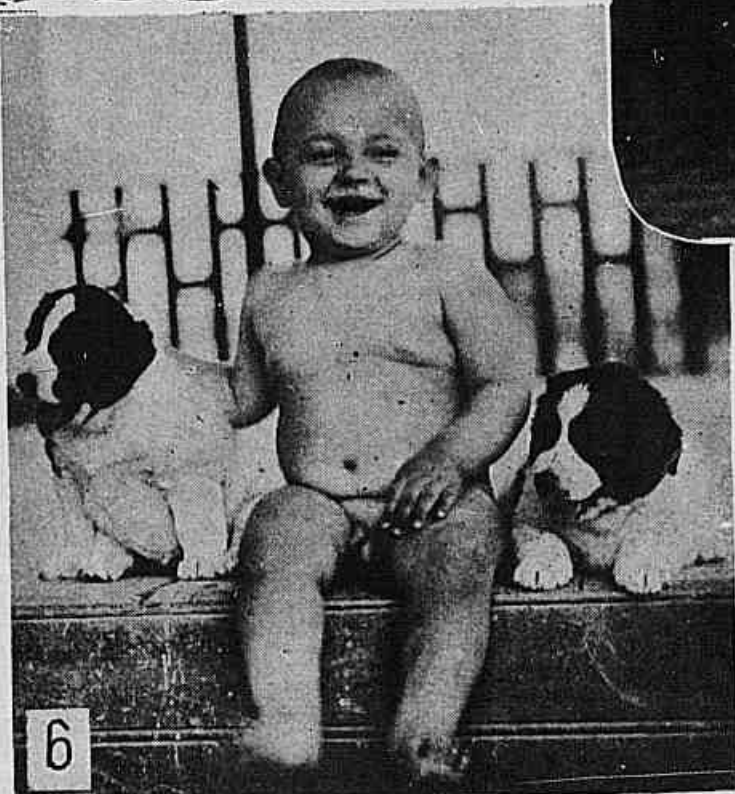
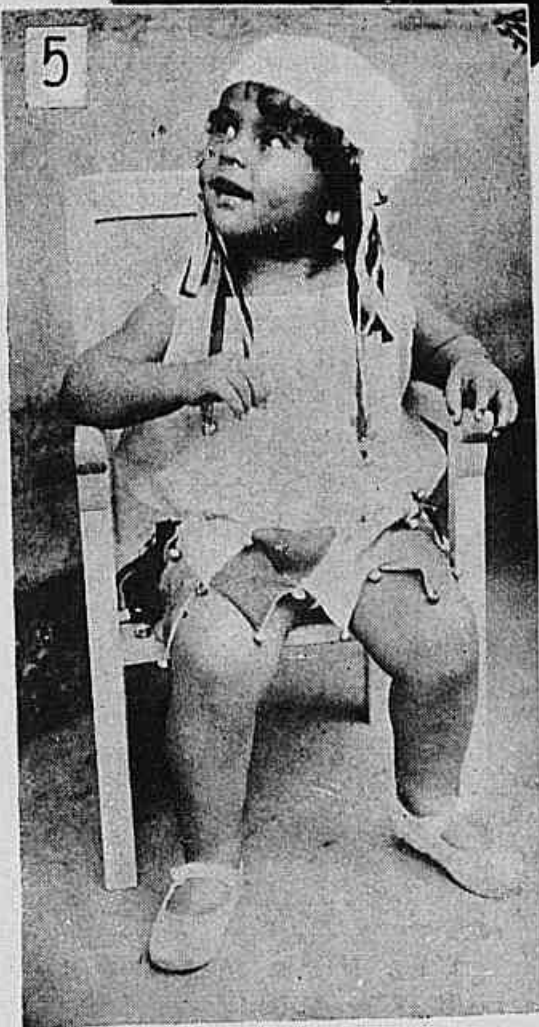
"Cercava o rei (Tarquinio-*o soberbo*) Ardéa, capital dos rútilos. Os nobres, nos tédios do cêrco, disputavam sobre o merecimento relativo das esposas de cada qual, e uma noite, por aposta, largaram a toda a brida para Roma a observar o que as mulheres faziam.

Todas ellas, ociosas, se divertiam: sómente Lucrecia, a mulher de Collacino, primo dos filhos do rei, que era a mais bella de todas, estava em casa á frente das suas domesticas fiando. O premio da aposta coube a Lucrecia: os maridos tornaram-se ao cêrco. Mas Sexto, filho do rei e primo do esposo de Lucrecia, ficou meditando, admirado da belleza e virtude da matrona. Aguçados os desejos criminosos, não pôde conter-se: voltou a Roma e como parente e amigo entrou em casa, mas como villão introduziu-se alta noite no leito da matrona ameaçando-a de proclamar em grandes vozes a deshonra d'ella, se não cedesse aos seus desejos. Lucrecia submetteu-se, mas de manhã, partido Sexto, mandou vir Collacino seu marido, mais seu pae Lucrecio, com os quaes vieram tambem Bruto e Publio Valerio, o que mais tarde chamaram *Poplicola*: deante de todos contou o caso e apunhalando-se cahiu para o lado morta. (*Historia da Republica Romana*, pags. 35-36)".

A deshonra de Lucrecia foi o pretexto para o explodir de uma antiga conspiração que depôz do throno e expulsou de Roma Tarquinio-o *soberbo* e toda a sua familia. Teve, por isso, um grande valor historico.

Mas no ponto de vista particular, no caso de honra propriamente dito, Maria Barbara, repetimos, parece-nos maior que Lucrecia, porque esta se *submetteu* ao miseravel que violou o seu thálamo embora no dia seguinte se matasse de vergonha.

Barbara, não. Preferiu a morte á deshonra!

CREANÇAS

1 — A senhora Martins Pinto, esposa do sr. Corintho Ferreira Pinto, e seu filho Affonso Carlos.
2 — Maria de Lourdes, filha do coronel Epiphanio Pereira Mascarenhas, negociante em Caravellas (E. da Bahia).
3 — Antonio, filho do dr. Alcebiades Fontes Leite, residente em Jaboticabal (E. de S. Paulo).
4 — Ricardo, filho do dr. Oduwaldo Dick.
5 — Neuza, filha do almirante Noronha Santos.
6 — Helio, o *gerente* da pensão «Mira-Serra», de Campo Bello.
7 — Josué, filho do sr. Euripedes dos Reis.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE CARICATURAS, HUMORADAS E FANTAZIAS DE RAUL

A gravura acima dá-nos um aspecto, no dia da inauguração, de um recanto da exposição de trabalhos de Raul no saguão do Lyceu de Artes e Officios.

Já dissemos, em o nosso ultimo numero, que a ceremonia inaugural deve ter sido bem grata ao muito querido Raul, que se viu rodeado de pessôas de distincção na sociedade e de senhoras e senhorinhas, como attesta a nossa gravura.

De então para cá, se a affluencia de visitantes não excede á espectativa é porque todos sabem que a fina arte e o espirito incomparavel de Raul Pederneiras fazem jús a todas as homenagens, como essa que lhe presta a nossa sociedade, comparecendo á sua exposição.

A "Revista da Semana", nesta ligeira nota, sem velleidades de fazer a analyse dos quadros de Raul, nada mais póde dizer do que repetir o que sempre tem dito sobre esse companheiro bonissimo e querido, de maneiras fidalgas de *gentleman*, cujo valor tanto se evidencia na cathedra de professor como no *atelier* de artista.

Raul creou em torno do seu nome uma aureola inconfundivel, sendo, sem favor, o nome mais representativo do humorismo indigena, ao qual empresta a leveza cheia de graça e de erudição do seu lapis privilegiado e do seu pincel cheio de inspiração.

Ao querido Raul, um abraço affectuoso de todos os da "Revista" que, em verdade, tal a excellencia de ambos, não sabe qual mais admirar: se o Raul artista ou o Raul amigo.

CORREIA DIAS

A cidade de S. Paulo, onde todos os nossos artistas vão buscar nova consagração e um imprescindivel apoio material, hospeda neste momento o fino, subtil, peregrino desenhista que é o sr. Correia Dias. Como illustrador, illuminurista, caricaturista, interprete de figuras e creador de symbolos, o sr. Correia Dias conquistou ha muito um prestigio excepcional. Nenhum intellectual ou estheta falla delle sem grande apreço e decidida affeição. Elle tem sido o collaborador predilecto de muitos dos nossos homens de letras, cujas obras illustra, dando-lhes nova preciosidade, nova graça, nova expressão. E a sua obra faz hoje honrosamente parte do patrimonio de arte do nosso paiz. O sr. Correia Dias preparou para esta visita a S. Paulo numerosas composições, algumas das quaes vão seguramente revelar novos tendencias e capacidades do seu poderoso e formoso talento. E assim, entre os desenhos, em numero superior a cincoenta, e as telas, em numero de vinte, que compõem a collecção referida, encontrarão os artistas e amadores paulistanos, não só trabalhos recentissimos e inéditos, como ainda uma inspiração e uma technica desconhecidas ainda dos velhos admiradores do artista.

ALICEDÓRA DE FRANÇA

Alicedóra é ainda uma creança, com a poesia de onze annos floridos pela Arte. Esta a torna aos olhos de quem a ouve arrancar harmonias ao seu violino uma pessôa grande... E ella realiza o verso do poeta: "Um pouco de menina e um pouco de mulher..."

Entre doze candidatos classificados no concurso para admissão ao setimo anno de violino do Instituto Nacional de Musica, Alicedóra conquistou o primeiro logar, mostrando as suas qualidades excepcionaes de musicista.

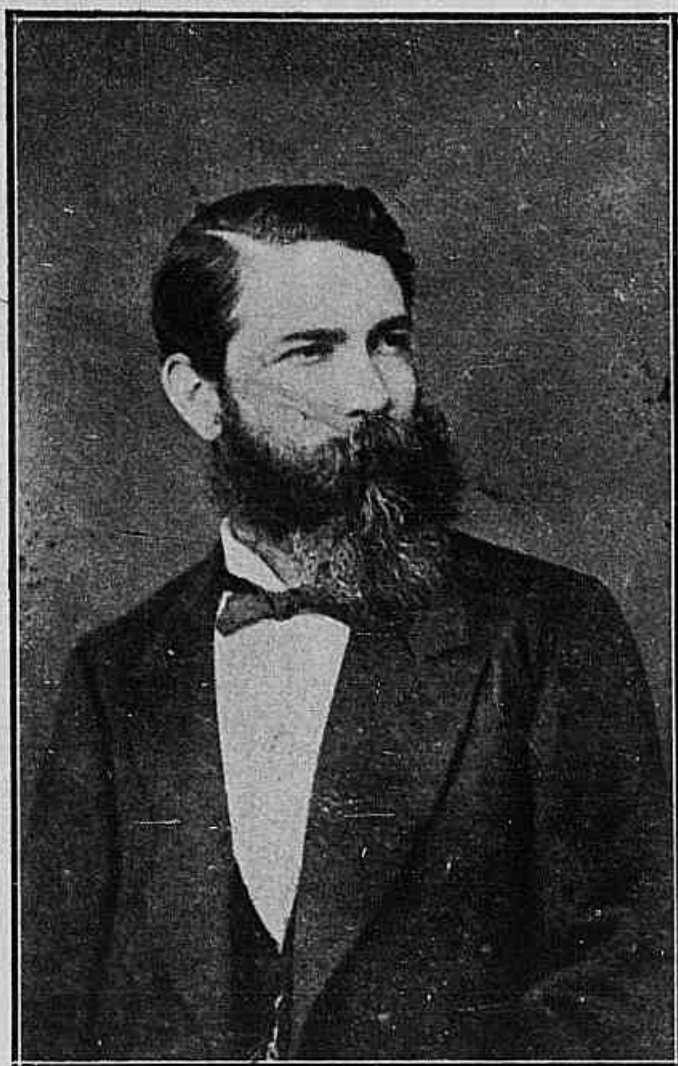
A galante filhinha do illustre deputado á Assembléa do Pará, dr. Arthur França,

Alicedóra de França.

vem mostrar mais uma vez o pendor da mulher brasileira para a musica.

Não nos enganaremos affirmando que Alicedóra de França será, em futuro não remoto, um nome de relevo extranho entre os violinistas patricios.

Um casamento tumultuoso

por Hermeto Lima

Dr. Theodoro Machado F. Pereira da Silva, chefe de policia por occasião do casamento tumultuoso.

Estamos em 1867, no periodo mais agitado da campanha do Paraguay e quando ainda estava nova pela cidade do Rio de Janeiro a noticia do que o almirante Visconde de Inhauma, á frente da esquadra brasileira, reconhecera á viva força as baterias de Curupaity.

O gabinete ministerial era o 22°, um dos mais illustres dos 36 que teve o Imperio. Presidia-o Zacharias de Goes e Vasconcellos, que occupava a pasta da Fazenda, tendo por companheiros o senador José Joaquim Fernandes Torres, que tinha a seu cargo a pasta do Imperio; Martim Francisco Ribeiro de Andrada, a pasta da Justiça; Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, a pasta dos Estrangeiros; o deputado Affonso Celso de Assis Figueiredo, a pasta da Marinha; o senador João Lustosa da Cunha Paranaguá, a da Guerra, e o deputado Manoel Pinto de Souza Dantas, a da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

O policiamento da cidade era feito pela guarda urbana, creada no anno anterior, guarda essa que não era sympathisada pelo povo e muito menos pelos soldados do Exercito, que com ella travavam constantes conflictos.

O povo chamava aos urbanos "morcegos" talvez porque á noite eram vistos com mais frequencia pela cidade, debaixo de suas fardas escuras.

O facto interessante que vamos relatar teve por inicio a rua da Alfandega, que em 1867 offerecia um aspecto muito variado, especialmente no ponto que vae ter á rua Direita, como era então chamada a rua 1.° de Março.

Aqui, negras com cestos vendendo os fructos colhidos nas chacaras de seus senhores; mais adiante o preto do ganho tecendo chapéos de palha até que alguem o chame para algum serviço; alem a mulata faceira, tagarelando com as outras.

Muito suja, muito estreita, muito mal calçada, a rua da Alfandega nesse trecho era uma das primeiras a encher nos dias de grandes chuvas, interrompendo assim o commercio que ahi era grande, especialmente de casas de consignações de todo o genero.

Entre os negociantes que ahi se achavam estabelecidos, era muito conhecido um titular portuguez, que havia enriquecido com a compra e venda de escravos que no tempo do trafico mandava buscar dos varios portos africanos.

Muito rico, nem por isso era um homem feliz. Sempre preoccupado em accumular o dinheiro que possuia, passava uma vida miseravel e de privações, para não gastar o que tinha. Morrendo quasi subitamente sem nunca ter feito testamento, os abutres cahiram sobre a sua fortuna, que de direito, era voz geral, pertencia a uma mulher com quem elle vivia e que durante a existencia lhe aguentava as mazellas e aturava-lhe as impertinencias. Levada a questão aos tribunaes, foram tantas as chicanas e as comezainas que a pobre mulher acabou na mais extrema miseria, sem que o caso tivesse decisão.

Largo de S. Francisco de Paula em 1867

Não é aqui, porém, o logar de tratarmos dessa historia, que constituirá assumpto para um futuro artigo nosso. Hoje queremos tratar do caso de um casamento que, em virtude de contrariedades, deu logar a que a cidade ficasse em estado de guerra por algumas horas.

Narremos os acontecimentos.

No dia 2 de Junho de 1867, a policia teve conhecimento de que os irmãos Custodio e Candido José da Costa Figueiredo mantinham em carcere privado no estabelecimento commercial de seu pae, á rua da Alfandega 28, sua irmã, d. Amelia Adelaide da Costa Figueiredo, em virtude desta senhora querer casar-se com um senhor que não era da sympathia dos referidos Figueiredos.

Immediatamente o 1° delegado tomou providencias, mandando soltar d. Amelia e processar os seus algozes, que, em virtude de lei, prestaram fiança para, soltos, se defenderem.

A imprensa, porém, adulterando os factos, affirmava que os irmãos Figueiredos não só não tinham sido detidos, como continuavam a manter d. Amelia em carcere privado, fazendo-a mesmo passar pelas torturas da fome e da sêde.

Indignado o povo com as taes imaginarias torturas infringidas á pobre senhora e referidas pelos jornaes, resolveu tirar uma desforra, atacando a casa da rua da Alfandega n. 28.

E assim fez. Pessoas de differentes classes agruparam-se em frente á referida casa e em altas vozes exigiram a prisão immediata dos dous irmãos.

O grupo, que era mais ou menos de 20 pessoas, dentro de meia hora ascendia a 500.

Ninguem mais podia passar pela rua da Alfandega, que se achava toda convulsionada.

Para poder conter a ordem, e explicar ao povo que os indigitados criminosos estavam soltos sob fiança, sahiu de sua secretaria o chefe de policia, dr. Theodoro da Silva.

Chegado em frente á casa em questão, o chefe saltou de seu coupé, entrou no edificio e, para garantir a vida de um dos Figueiredos, pois o outro já se havia evadido pelos fundos da casa, metteu-o em seu *coupé* e mandou tocar para a Secretaria de Policia, nesse tempo á rua Visconde do Rio Branco, esquina da do Regente.

O povo, sempre irreflectido, achou que aquillo era uma grande honra que o chefe de policia estava dando a um criminoso e, prorompendo em assuada, acompanhou o *coupé*, debaixo de vaias, gritos e até de pedradas.

Chegado o chefe á sua secretaria, continuou o povo em frente ao edificio, aos gritos de — Morra a policia!... abaixo o chefe!...

E a onda dos amotinados cada vez crescia mais, sendo que a maior parte das pessoas que lá se achavam nem mesmo sabiam qual tinha sido a origem do motim.

Era preciso dispersar o povo que tumultuariamente se juntava nos largos de S. Francisco e do Rocio.

Foram incumbidos disso, por ordem do chefe, meia duzia de soldados de policia.

Ao vêl-os, cresceu a furia do povo e a desordem tomou novo vulto. Já se não tratava mais dos Figueiredos. Era com a policia que o povo queria ajustar contas.

Entrincheirando-se no perimetro do gradil do largo do Rocio, o povo formou barricadas, invadiu o quartel do 1° Corpo de Artilharia, então na rua do Espirito Santo, tirou de lá quasi todo o armamento e pôz-se em guerra aberta com a policia.

Crescia cada vez mais o numero de combatentes; o conflicto tomava proporções assustadoras; familias já se dispunham a retirar-se da cidade; um padeiro do largo do Rocio, chamado Lima, e uma mulher conhecida por "Chica Polka" forneciam ao povo tócos de lenha para, das barricadas, atirar sobre os soldados.

Reuniu-se o Ministerio para tomar providencias. Foi decidido que se mandasse desembarcar uma força de 200 imperiaes marinheiros, devidamente armados, para se bater contra os amotinados.

O commandante do 6° Batalhão da Guarda Nacional, Lazaro José Gonçalves, recebendo ordens para formar o seu batalhão e dispersar o povo, recusa-se a fazel-o.

Afinal, sob o commando do capitão tenente Menezes, saltam os marinheiros. Tomam posição e rompem a primeira descarga e depois a segunda e o povo sem ceder.

Então, os amotinados, quando não tinham mais nenhum cartuxo a queimar, dispersaram-se pela rua do Espirito Santo a fóra. Acabada a lucta, lá estavam 26 individuos feridos e um morto. Esse era o negociante Manoel Pinto de Azevedo, socio da alfaiataria Guanoch & C., estabelecida á rua do Ouvidor.

E eis como de um simples casamento contrariado nasceu um conflicto que deixou em panico, durante horas, a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no dia 4 de Junho de 1867.

Hermeto Lima

Trecho do largo do Rocio em 1867

"Wagner e o "Jazz"..."

por Sebastião Fernandes

HA tempos, quando esteve pela segunda vez no Municipal, o incomparavel Brailowsky, deu uma entrevista a jornal carioca. Que disse ao publico o maior interprete de Chopin? Falou do idolo? Falou de viagens? Disse algo a respeito das marcas dos pianos em que toca? Falou de algum rival? Nada disso, senhores. O famoso pianista — que sem receio de exageros poder-se-ia denominar á norte-americana "the great of the world" — não falou absolutamente do que toda a gente esperava: falou sim, meus caros leitores, disso que acode ao nome estrambotico de "jazz-band"!

Parabens aos modernistas.

Disse a nova alma de Chopin: — "O *jazz-band* é um repositario de immensa possibilidade artistica. Venha o homem de genio que o engrandeça e teremos, talvez, a mais fiel tradução da mentalidade humana nesta hora cahotica do planeta".

Creio que não terá um fedelho, apreciador de outro genero de musica, competencia bastante para contrariar tal conceito, filho da sensibilidade profundamente artistica do grande Alex. Ao observador cauteloso e desprovido de paixões, era evidente que a estabilidade com que se mantinham as ultimas formas das artes tendia a desapparecer. A ultima guerra apressou a nova orientação a tomar. E a evolução não demorou. Mas o que não demorou tambem foi a turba de criticos que apaixonadamente tentam oppor-se á marcha da vida, defendendo esta ou aquella época: tal como se num dique, cujas paredes pouco resistentes a agua tentasse aluir, os vigias corressem tontos para todos os lados tentando impedir a invasão...

A ruptura é fatal.

Quem na época actual vir a reproducção de uma caricatura da revista allemã *Fliegende Blatter*, de 1860 mais ou menos, com a epigraphe — *O esculptor do concerto* — em que o cyclopico Richard Wagner, considerado hoje um dos genios da musica, uma das maiores capacidades de synthetizador do rythmo, um homem que por si faz lembrar um paiz — só poderá sorrir ante a ignorancia do critico-caricaturista. O

Ricardo Wagner

poeta-musico é representado nessa caricatura, que pretende ser engraçada e perversa, e desnuda o espirito da época em completa opposição á polyphonia do musicista a esculpir colossal mascara, a fortes golpes. Puro symbolismo de facil comprehensão. Os numerosos estilhaços de marmore que chovem, arremessados com violencia a cada martellada, e fazem os assistentes se esconderem e fugirem como a fugir e a esconder obriga uma erupção vulcanica o povo das cercanias, são as notas de suas producções.

Outra *charge* igualmente curiosa é uma satyra de André Gill no "Elipse". Wagner, em figura liliputiana, está de pé, na concha de uma orelha (que se suppõe do publico) tendo numa das mãos um martello e noutra uma nota como se um prego de ponta agudissima. A cada martellada, da pobre orelha do publico jorram grossas gottas de sangue. André Gill era apoiado e tido como homem sensato, o genio de Bayreuth repellido e considerado maluco.

O' ironia do destino! Tempos depois Gill morria, encerrado num manicomio, completamente esquecido, e Wagner é hoje, simplesmente isto: — WAGNER!

Mas os tempos tambem mudaram, e a época não comporta em sua integridade uma obra wagneriana. Se já foi acceita na integra, hoje quando muito se ouve com agrado a *Cavalgada das walkyrias* ou o *Murmurio da floresta*, que ainda empolga, fazendo-nos esquecer muito presente pelo passado, mas noutras trechos dormir é satisfação!

O tempo presente não admitte a palavra calma.

Admitte a velocidade, mas velocidade de extremos — ou *records*. Ainda ha quem nessa epoca os critique. Aliás criticos encontramos no momento presente como se encontram em todos os tempos. Pesquiza-se uma época, remeta que seja, paterteiam-se nos maravilhas que encontram admiradores e, no entanto, vamos encontrar escribas contemporaneos áquellas maravilhas que as enchem de defeitos. E' a mesma ogeriza dos criticos pela actual. Em 1860, Wagner era maluco, hoje é genio. Em 1925, o *jazzband* é um amontoado de doidos e, no emtanto, em 1990 o *jazz* será consagrado!!! Sempre os incontentaveis.

Os adeptos do *jazz* devem sentir-se satisfeitos: ha muita gente de igual gosto.

Si Wagner correndo Paris, Londres, Berlim e Munich só teve desillusões, o *jazz* póde observar que quantos o ouvem, salvo raras excepções, sorriem, se remexem e acabam por agarrar o primeiro parceiro para tremerem, tremerem no meio da sala suppondo que estão dançando!...

Se musica passada era ouvida nos salões entre bocejar, a de hoje é recebida com tremedeiras...

Wagner, dando novo aspecto á musica, foi o ponto visado pela critica. O *jazz* representa o fructo da evolução da musica nos tempos de hoje, porque não se conhece o autor do novo estylo musical, do contrario o pobre do homem seria o alvo dos remoques e criticas que lançam á nova melodia. E o conjuncto dessa exotica orchestra só porque sáe do academencismo é o ponto fraco por onde se lhe deve pegar.

O *jazz* traz no bojo a ironia do presente com os instrumentos passadistas...

Quando existe a discordancia, os espiritos concentrados lhes lançam a pecha de malucos...

Malucos para elles é uma especie de gente que parece andar de cabeça para baixo!...

O *jazz* foi mais feliz que a musica de Wagner, porque não precisou da protecção do *rei da Baviera*...

E hoje até as proprias operas teem já cunho mais leve, quer dizer mais rapido e divertido, pois já não se vai ouvil-as sómente para dormir...

Ha tempos os *habitués* do Municipal pasmaram diante de uma opera moderna que mais parecia uma opereta.

Influencia...

Influencia, aliás, que se adapta perfeitamente á época. Já disse alguem que o *jazz* é "positivamente a synthese acustica do senso moral de uma época". E seremos nós que com uma pretenção estupida iremos contrariar a evolução desse senso moral? Absolutamente não.

O *studio* de Wagner em Bayreuth

O theatro de Wagner em Bayreuth

Tanto para elevar-se como para degradar-se, de que valem os censores? Contra o cinema, o beijo, a moda e a dança, tanta delicia misturada com peccado, de que têm valido essas ligas de moralidade, pró e contra qualquer cousa?

E' tão conhecida a anecdota de certa senhora que sem querer definia tudo isso ao saborear um sorvete:

— Mais delicioso seria si fosse peccado tomal-o...

E esse tan-tan que veiu lá de Havaii e com a evolução se adaptou tão bem á nossa época para que o havemos de contrariar? Não produzirá um certo contentamento em uns e admiração em outros o telegramma avisando a acceitação, nos Estados Unidos da America do Norte (na celebre U.S.A.!), da introducção do *jazz-band* nas igrejas!!!... Até agora o telegramma não foi desmentido... Por acaso ao escutarmos um "*Oh! Peter, Oh! Peter*" "*Chorão*" ou "*Somebody is wrong*" não sentimos o desejo de dansar ou ao menos de sorrir? E com a velocidade do tempo, outros que parecem *velhos* como esse oriental *When Bhuda smiles*, esse assustador *Fremitos de peccado* ou esse mavioso *Whispering* ou mesmo *June night* ou o alegre e nacional *Quem quer comer quimgobô?* que nos faz ficar alegres ou mesmo felizes por alguns instantes, como a outros de antanho as valsas e as polkas?

Por acaso a valsa e a polka não tiveram quem as ridicularizasse?

E não é que a apurada sensibilidade desse slavo, de Brailowsky já encontra predicados no *jazz-band*"! Tão cedo?...

E o velho e tradicional Theatro Lyrico, que o não menos velho Rio em tantas noites deliciosas poude apreciar, já não recebeu no velhusco bojo aquelle estridente *jazz* que tantos nos deliciou com o ironico *Yes, we have no bananas...*?

Tenho o presentimento — tão diverso do presentimento de tantos — que sob a cupula da sala de espectaculo do official palacio ouro e rosa do nosso Municipal ainda ouviremos um delicioso *jazz*!...

SEBASTIÃO FERNANDES

ANIMAÇÃO DOS NOMES
Décima dóse. E' impossivel fugir a' febre de pedidos
ENRIQUETA
ZULMIRA
GERTY
CUNEGUNDES
RAUL

A MODA

Não é sufficiente ter um vestido bonito para ser-se chic; isso seria muito facil. Bastaria ir a uma bôa costureira, e sem esforço ficar-se-ia bem vestida. Mas lembrara os ricos interiores concebidos e guarnecidos por esses decoradores que meticulosamente põem tudo nos seus lugares, mas de que resulta um ar pesadão e sem graça.

E' porque tanto na toilette como em todo o individuo como em toda a casa é preciso que haja uma alma, uma personalidade, calor; e isso não se adquire em blocos, já feito e em series.

Em que consiste o encanto de uma toilette? Sómente na maneira de a usar, em um quê que se lhe junta, que lhe dá vida e graça, tanto assim que não se poderia mais imaginal-a em uma outra pessôa.

No entanto, podem dizer que um vestido de um grande costureiro não precisa que se lhe junte mais nada. Está acabado na sua perfeição e modifical-o seria mesmo estragalo-. Sim, mas a maior parte das pessoas não póde ter esses vestidos maravilhosos. Temos que nos contentar com mais modestos, mais simples. E' ahi justamente que intervem a personalidade.

Ha mil coisas encantadoras que guarnecem, que completam, que *assignam* um vestido.

Por exemplo: sobre um vestido de seda azul marinha, aberto em ponta, junte-se uma frente de tela de seda branca com applicações de renda guipure; os revers e os punhos podem tambem ser no mesmo tecido mas guarnecidos com renda valenciennes *ecrées*.

As guimpes de *linon*, outra vez em moda, podem ser de um grande auxilio para corrigir uma golla mal talhada ou fóra de moda. Sobre um vestido simples em lãzinha, póde-se pôr uma golla-*écharpe* e punhos em lingerie ou em renda.

Para as pessoas que usam o cabello cortado o genero *chemisier* convem maravilhosamente.

Por exemplo, uma d'essas bluzas em tela de seda branca listada de verde sobre uma saia plissada em seda ou lã azul marinha.

Um vestido preto, sobrio de linha e um pouco austero, póde ser alegrado juntando-lhe um *plastron* em crêpe de Chine ou em mousseline de seda rosa pallido. Os punhos do mesmo tecido formam uma linda transição entre a manga escura e a mão branca.

Um vestido em kasha

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido em crêpe de Chine *bleu pervenche* com desenhos pretos. Faixa e guarnições em fita do mesmo tom de azul. 2 — Vestido em *foulard* de fantasia *beige*, com desenhos *tête de negre*. Manteau em drapella beige, golla e punhos em setim *tête de negre*. 3 — Um *trois-pièces* elegante, feito de um vestido em *poplavella* parma, ligeiramente *en forme* e de um casacão *trois quarts* a dizer. 4 — Vestido em *popeline* de bois rose com guarnição do mesmo tecido de fantasia.

COMO SE PODE ABSORVER UMA CUTIS VELHA

(Da Revista "Popular Monthly")

Uma jovem que se assigna "Desconsolada" nos escreve: "Experimentei de tudo para minha pobre e horrivel cutis que é muito aspera e cheia de manchas". E nos pergunta "se realmente existe alguma cousa que possa remediar efficazmente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos crêmes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtem com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que se pode encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse cold cream, todas as noites, retirando-a pela manhã com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louçã e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum: pelo contrario, offerece a vantagem de não deixar transparecer sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

ou em jersey tête de nêgre, verde ou marron, pede guarnições — punhos e golla em mousseline de seda ivoire.

Emfim a moda eterna dos jabots suggere um duplo jabot de mousselina e de renda crúa e dá a sua nota chic n'um vestido escuro.

E' tambem a guarnição preferida para os vestidos tailleur, repetindo-se nas mangas os plissados do jabot.

De certo poderia se objectar que todos estes detalhes de lingerie acabam por representar uma grande despesa.

Sem duvida. Mas supprimem a obrigação de mudar muitas vezes de vestido, ao passo que, se sobre um vestido de sarja azul marinha — a mais simples do mundo — se põe uma guipure antiga, guarnições de couro dourado, de musselina de seda côr de rosa, de linon branco ou de tecido de fantasia, se terão cinco vestidos differentes que com uma verba limitada não se poderiam adquirir.

O essencial é ter diversos *jogos* d'essas guarnições para não se ver obrigada no ultimo minuto a ter de as lavar e passar a ferro.

MODA INFANTIL

1 — Camisa calção, muito pratica, simplesmente bordada com um ponto de festão. Com uma flôrinha bordada com linha azul no peito, e uma fita de faille azul faz o lacé.
2 — Corpinho colete em fustão branco, formado por uma tira, cujas extremidades passam por casas feitas de cada lado e abotoam na frente, é sustentada por bretelles de fita.
3 — Vestidinho e chapéu combinando em crêpe de Chine côr de rosa. O vestido termina na golla por casas de abelhas. E a touca amarrada com uma fita é guarnecida com pregas.
4 — Camisinha e vestido para encobrir o cueiro em linon branco, bordado com linha branca brilhante.
5 — Touca e capa em *zénane* branca; são guarnecidas com fita franzida em setim branco franzido, e fitas pregadas lizas e unidas por pontos russos formam o enfeite.

Para as pessôas que trabalham fóra e que dispõem de pouco tempo, as guarnições em pelica ou camurça recortada ou em *shantung* de fantasia são mais praticas que os jabots plissados e as gollas brancas.

A moda não marca de uma maneira definitiva as suas preferencias. Tudo o que ella pede é um esforço gracioso para compôr uma linha austera, ou dar vida a uma côr apagada ou escura. Esforço que não custa nada a uma mulher faceira.

Accrescentaremos que ha uma outra guarnição que não precisa de muito esforço nem de muita procura. E' a fita passada em duas ou tres casas, em volta de um decote ou n'um punho, pousado com vivo. Ella encontra o seu logar em quasi todos os vestidos.

A fita! Herança de todo um passado de elegancias, entre tantas outras que desappareceram, a fita pode sobreviver e florescer no nosso seculo de sciencia e de sport.

E' um sorriso de outr'ora que vem dar graça aos nossos vestidos de hoje.

Os fabricantes souberam mui bem adaptal-a ás exigencias de agora, e os costureiros empregal-a com muito tacto, e as chapeleiras sobretudo não esgotam a imaginação para guarnecer ou compor com ellas os seus pequenos chapeus.

Feminizae os vossos vestidos com fitas, e tambem com essas frescas guarnições de lingerie que são como um florescimento da primavera.

Conselhos Sociaes

EDUCAÇÃO DOS FILHOS

A questão de que vamos tratar hoje diz mais respeito á educação dos paes que mesmo á dos filhos.

Isso parecerá paradoxal. Mas, para bem educar os seus filhos, não é preciso dar em tudo o exemplo?

Trataremos hoje das relações que devem existir entre as pessoas que se occupam da educação das creanças e os seus paes, assim como das relações entre as creanças e os seus professores.

Muitas pessoas teem uma opinião completamente errada a respeito da maneira como devem ser tratadas as professoras a quem confiaram os seus filhos.

Para ellas implica num rebaixamento o terem de receber um salario pelos ser-

A gentil senhorinha Corina Rigaud, filha do dr. Rigaud de Souza, com a sua linda fantasia de *pythonisa indiana* no ultimo carnaval.

viços que prestam. Mesmo que essas pessoas sejam de familia e educação igual e na maioria dos casos de instrucção muito superior á sua.

Não percebem que as creanças, vendo seus paes não tratarem com deferencia os seus professores, não poderão ter-lhe todo o respeito e a consideração necessaria para receber d'elles a instrucção e a educação.

Infelizmente é commum hoje o snobismo entre nós (a grande simplicidade e hospitalidade da mulher brasileira não está acabada ainda, graças a Deus) e contamos muita gente que se envergonha de fallar com uma pessôa que não está vestida na ultima moda, receiando perder junto ás suas amigas o prestigio de uma pessoa chic, podendo ter, já não direi amigas, mas simples conhecidas que não se vistam pelos ultimos modelos de Paris. Então se tivessem de apresentar ou ter na sua mesa juntamente com as suas visitas uma professora achar-se-iam completamente diminuidas.

Nos paizes velhos da Europa onde durante seculos houve a grande separação de castas ainda se admitte isso, mas aqui é profundamente ridiculo, porque não é uma questão de aristocracia e plebe, mas apenas uma questão de ter mais ou menos dinheiro.

Já se vê que nos referimos aqui apenas ás pessoas de educação igual e não a governantes ou criadas de uma posição social inferior.

E' preciso que as creanças sejam não sómente respeitosas em todas as occasiões com os seus professores, mas ainda cheias de deferencias para com elles.

Os paes deveriam não esquecer nunca que a professora os representa e os substitue junto dos seus filhos, e que portanto merece toda a consideração e distincção que gostariam que tivessem para com elles no caso que se encontrassem no seu logar.

NÃO DEIXE O SEU ROSTO TOCAR NO TRAVESSEIRO ANTES QUE A SUA PELLE TENHA SIDO INTEIRAMENTE LIMPA

... Quando ella indagou o segredo de minha belleza eu lhe disse: Consigo-a seguramente em 5 minutos...

A conversa desviou-se do eternamente fascinante assumpto de vestidos da primavera, para o problema da compleição do corpo. E ella olhou-me, e gracejando disse:—Mas você, por certo, encontrou o segredo do proprio cuidado da pelle.

Então falei-lhe dos meus "5 aureos minutos" antes de me deitar, os quaes me communicavam á pelle aquella brancura, macie a setinea, pois encontrei o creme RUGOL, que limpa e descança a pelle naquelle lapso de tempo, tão puro que os medicos o receitam.

"Nunca deixei meu rosto tocar no travesseiro á noite antes que minha pelle estivesse inteiramente limpa com RUGOL, esse creme perfeito. Ao surgir do dia ella está cheia de vida e radiante. Minha pelle é macia e gosa das longas horas do somno que dá descanço real á belleza".

Si se lhe faz preciso use RUGOL. Com seus "5 aureos minutos" depois de uma semana notará a differença: um ponto novo de doçura e de belleza

NOSSA ALIMENTAÇÃO

O REGIMEN ALIMENTAR NAS DOENÇAS DA PELLE

O regimen alimentar é de uma importancia capital no tratamento das doenças da pelle. Junta-se á acção dos medicamentos e, sem a sua observação methodica, não se pode esperar a cura. Mas o doente esbarra muitas vezes com uma difficuldade. Quaes são os limites do regimen? Que permitte elle? O que prohibe elle? Se é muito severo, não se segue; se não o é bastante fazem-se imprudencias e a pelle é quem paga.

Para responder a tudo isso, vamos dar uma lista completa do regimen das dermatoses. Isso que vão ler applica-se a todas, salvo alguns casos especiaes, correspondendo ao estado pathologico de alguns doentes.

Vejamos primeiro o que é prohibido. Os temperos. Todos ou quasi todos. Entre as carnes, todas as salgadas e de lata, a charcuteria e o presunto. Todos os peixes, quer sejam do mar ou de agua doce. Entre os legumes, não comer nem repolhos, as-

pargos, nem azedinha ou agrião. Tomates nem a todos fazem mal. Experimenta-se e vê-se. Todos os queijos fermentados são mais que nocivos. Quanto ás fructas, poucas são prohibidas, apenas os morangos e o abacaxi. E as bebidas? Sómente agua. Agua pura. Nada de vinhos, nem de alcool, nem de licores.

O café e o chá, sem ser particularmente nocivos, não são recommendaveis, sobretudo nas affecções cutaneas com comichão. Tambem é util reduzir o pão e as gorduras, estas ultimas eliminando-se pela pelle. Supprimir a carne do jantar.

E agora passemos para os alimentos permittidos. Verão como ainda são numerosos e são sufficientes ainda para estabelecer menus apetitosos. Primeiro todas as carnes grelhadas e bem cozidas, porque o cozimento diminue a toxicidade. A gallinha e o frango.

Os ovos feitos de qualquer maneira, mas com a condição de serem muito frescos. As massas são alimentos vantajosos n'esse caso. Mas deve-se sobretudo insistir sobre os legumes que são quasi todos permittidos, salvo aquelles que já citámos. Os doces offerecendo a vantagem de serem bastante nutritivos, não devem receiar abusar d'elles. No dominio dos queijos só os frescos são permittidos. Todas as fructas, mas de preferencia as cozidas ou assadas.

Mas não é tudo seguir um regimen: é preciso digerir o que se come e a pessoa doente de uma affecção da pelle tem necessidade mais que qualquer outra de uma boa digestão que não deixe atrás d'ella nenhuma toxicidade. Para isso, é preciso comer lentamente e mastigar muito os seus alimentos. Estes primeiros actos da digestão são de tal utilidade e precisam ser tão bem feitos que damos como uma prova que os desdentados que teem uma dermatose não se curam nunca.

MENU

SOPA DE CALDO DE GALLINHA COM SELGAS

PASTEIS DE ARROZ

ALMONDEGAS

NABOS ENSOPADOS

FILET ASSADO

SALADA DE ALFACE

PUDIM DE ABOBORA

SOPA DE CALDO DE GALLINHA COM SELGAS

Põe-se para cozinhar a gallinha em bastante agua e um pouco de sal até que que a gallinha fique bem tenra.

Picam-se, bem junto, salsa, folhas de alface e de selgas, põe-se n'uma panella um pouco de manteiga e refogam-se n'ella as verduras alguns minutos, juntando depois o caldo de gallinha que se engrossa com um pouco de farinha de arroz e se serve com os miudos da gallinha bem picados e torradinhas fritas na manteiga.

PASTEIS DE ARROZ

Põe-se para cozinhar 250 grs. de arroz em agua e sal com uma colher de manteiga; junta-se depois tres colheres de queijo ralado, quando o arroz estiver bem cozido, e deixa-se ainda no fogo por mais cinco minutos. Põe-se depois o arroz n'uma travessa, extendendo-se na grossura de tres centimetros, e logo que esteja bem frio, cortam-se os pasteis com a bocca de um copo pequeno, tira-se um pouco da massa do centro, passam-se por ovos batidos

e põe-se para frigir na manteiga de ambos os lados. Põe-se no meio um recheio feito com um pouco de gallinha ou de carne. Deve-se já ter prompto e quente o recheio para se irem arrumando depressa os pasteis logo que acabam de fritar, porque não devem voltar ao fogo.

E' preciso que o arroz seja muito bem cozido e bem frio.

Senhorinha Margarida Noschese, professora da escola de commercio José Bonifacio, de Santos.

ALMONDEGAS

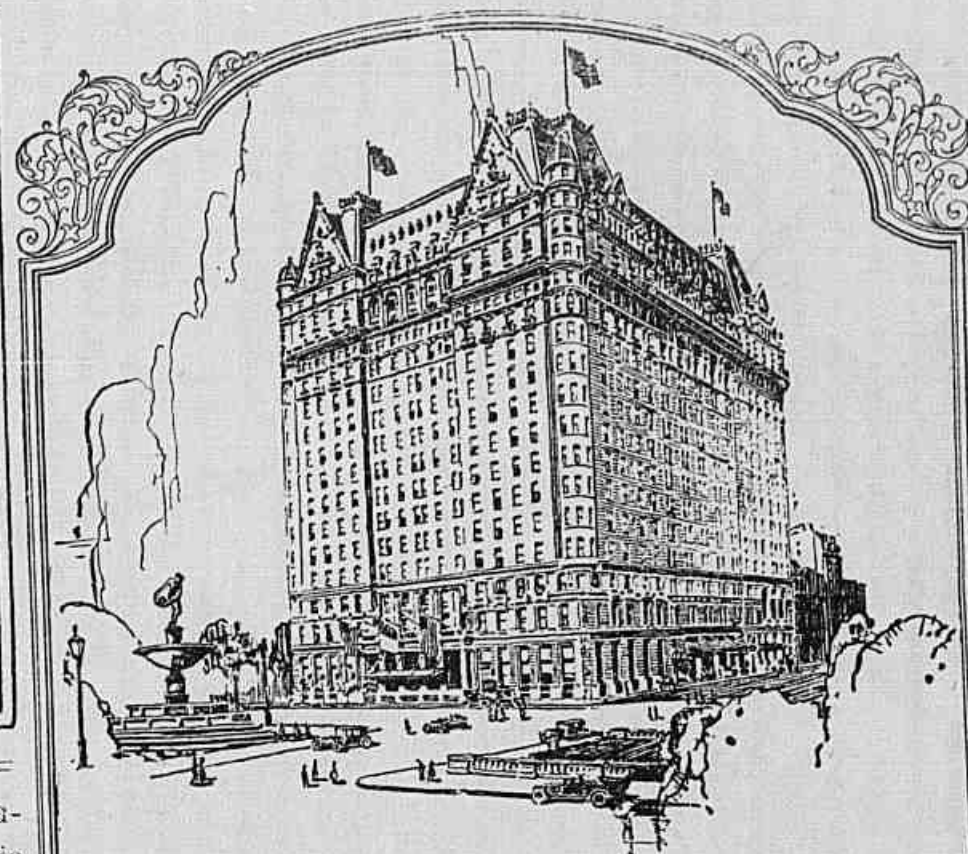
Passa-se na machina duzentas e cincoenta grammas de carne de vacca e um pouquinho de toucinho; juntam-se-lhes dois ovos inteiros e um pouco de miolo de pão embebido em leite ou caldo, sal e salsa picada muito miudinho. Em seguida enrolam-se as almondegas, que devem ser envolvidas em farinha de trigo. Faz-se um refogado com cebola, tomates, sal e um pouco de manteiga ou mesmo de banha, juntando depois um litro d'agua ou um pouco menos, para fazer uma especie de caldo. Quando o caldo estiver fervendo põe-se dentro as almondegas para cozinharem. Retira-se de dentro do caldo com uma escumadeira as almondegas depois de promptas e engrossa-se o môlho com uma gemma de ovo desfeita n'um pouco de caldo. Retira-se logo do fogo para que a gemma não talhe. Despeja-se o môlho sobre as almondegas.

NABOS ENSOPADOS

Tomam-se alguns nabos; depois de descascal-os põe-se para refogar n'um pouco de manteiga, com cebola, tomates, cheiros e uma colherinha de assucar; mexe-se tudo para que tome uma bonita côr; em seguida polvilha-se com uma colher de farinha de trigo, deixa-se frigir um pouco e depois junta-se-lhe um copo de caldo ou agua. Tampa-se a caçarola e deixa-se cozinhar em fogo brando. No momento de ir para a meza desengordura-se e tira-se o bouquet de cheiros.

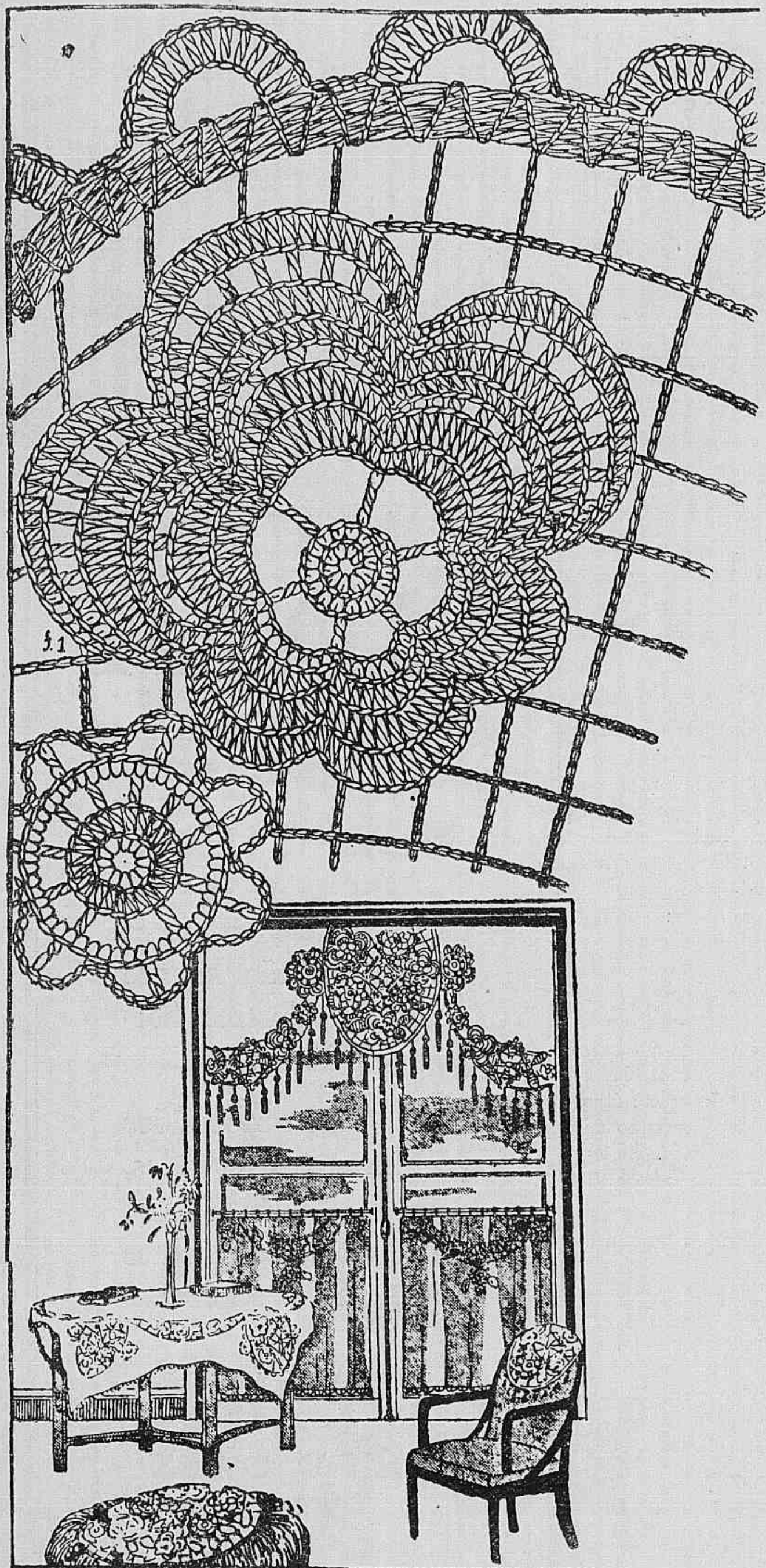
PUDIM DE ABOBORA

Põe-se para cozinhar uma abobora ou um pedaço de abobora que pese 600 grs. sem casca e com uma pitada de sal.

Depois de bem cozida deixa-se escorrer a agua e passa-se na peneira; batem-se cinco gemmas com 200 grs. de assucar e mistura-se a massa de abobora, juntando-se depois 50 grs. de manteiga e 40 grs. de farinha de trigo e por ultimo cinco claras muito bem batidas. Põe-se para assar em fôrma untada com manteiga.

PENSAMENTO

As horas de felicidade completa não são senão segundos.

P. BOURGET

Guarnição em crochet para sala de jantar

Esta guarnição, em crochet de linha de linho ocré sobre linon do mesmo tom um pouco mais claro, enfeita lindamente uma saleta ou sala de jantar. A mesma guarnição póde ser feita em diversos tons a dizer com o papel ou pintura do aposento que vae guarnecer.

Preceitos de hygiene

A FEBRE

A febre é uma reacção de defesa do organismo. Este, para luctar contra o invasor toxico, mobilisa todos os seus meios de defesa; activa a sua circulação sanguinea, leva ao maximo as trocas que se fazem na intimidade dos tecidos, fazendo funccionar todos os seus pequenos laboratorios, resultando d'essa actividade uma elevação de temperatura, como nos prova a escala thermometrica acima de 37° numero que indica a temperatura normal do nosso corpo, quando não ha febre.

Uma questão que vem sempre á baila quando ha doentes com febre é a questão da alimentação. Tem-se quasi que constantemente uma tendencia para querer alimentar o doente com alimentos solidos sob pretexto que a febre o está enfraquecendo. Nos meios medicos as opiniões a esse respeito divergiam d'antes, mas agora a opinião geralmente admittida é que o doente com febre deve ser alimentado com liquidos, sendo o leite o alimento indicado. Mas se elle é mal supportado pelo doente substitue-se pelo caldo de legumes.

A vantagem da alimentação liquida é de activar a eliminação pelos rins dos productos toxicos que obstruem o organismo.

Por essa razão um doente que tem febre, n'uma doença aguda, deve beber

abundantemente agua, infusões, chá. A temperatura das bebidas é tambem uma questão de duvidas e hesitações. Deve-se dar a bebida quente ou fria? Podem dar as bebidas frias; não ha n'isso o menor inconveniente. As bebidas frescas em geral são mais bem acceitas pelo doente que está com febre.

A febre tendo uma acção deprimente (porque todo o trabalho que ella provoca no organismo é uma causa de fadiga), é bom tonificar o doente, levantar o seu estado geral, estimular e ajudar o seu coração, que está fazendo um serviço duplo. O alcool em alguns casos dá ás vezes bons resultados. O champagne tem sido empregado com muito bons resultados na grippe.

Mas o que é mais util ainda ao doente que qualquer outro medicamento é deitar-se na cama. Quem tem febre precisa forçosamente de ir para casa. Esta receita é de todos os medicos: a cama descança, evita todos os pequenos esforços musculares da posição em pé e mesmo sentada, poupa a resistencia. Tem todas as vantagens.

Bem entendido, cada doença febril comporta um tratamento especial. A febre provindo de um abcesso dentario não tem as mesmas indicações therapeuticas que a febre no sarampo. O que quizemos dizer foi sómente que a febre não é em si uma doença, que ella é apenas um symptoma, o signal de um organismo que lucta. Que é preciso dar de beber abundantemente aos doentes com febre para facilitar a eliminação dos toxicos e que o repouso na cama é obrigatorio n'essas occasiões. São esses pequenos conhecimentos que todos devem possuir para tratarem intelligentemente os seus. Não se faz bem senão o que se comprehende e, muitas vezes, o tratamento indicado pelo medico não é bem feito devido á ignorancia d'aquelles que devem applical-o.

A ASPIRINA

Tantas pessoas usam e abusam da aspirina que não é inutil chamar a attenção sobre alguns inconvenientes d'esse medicamento.

A aspirina é sobretudo consumida pelo publico (fóra de qualquer receita medica) pela sua acção calmante.

Infelizmente, a acção calmante não vem só e muitas vezes accidentes a acompanham, observando-se commumente grandes suores. Mas o que é mais importante é a acção depressiva da aspirina sobre o coração. Os que sentem essa depressão não devem tomar a aspirina senão com um pouco de cafeina (cafiaspirina) sendo garantido o seu effeito tonico cardiaco.

Mas tambem os que soffrem de palpitações e sobretudo tendo um pouco de febre não podem tomar senão a aspirina simples, sendo-lhes nociva a cafeina.

Muitas pessoas não podem tomar a aspirina sem sentir uma violenta dôr no estomago, zoeira nos ouvidos e ás vezes mesmo vomitos. Outras vezes, observa-se uma enterite consecutiva com dores intestinaes. Mas está-se tão confiante na inocuidade d'este medicamento que ra-

Variedades

O PRIMEIRO THERMOMETRO MERCURIAL

O primeiro thermometro mercurial foi inventado por Gabriel Fahrenheit, que falleceu em 16 de Setembro de 1736, dez annos depois de ter immortalisado o seu nome com o aperfeiçoamento d'este instrumento para registrar o calor.

Antes d'elle já tinham inventado thermometros — mas imperfeitos — Galileo, Drebbel, Paoli Sarpi e Sanetorio, mas sómente este celebre negociante de Dantzig soube fazer um instrumento verdadeiramente perfeito.

Fahrenheit fez o seu primeiro thermometro com espirito de vinho, mas muito depressa descobriu que este methodo era pouco satisfactorio e então adoptou o do mercurio, que é o meio empregado ainda hoje.

O uso do seu instrumento espalhou-se rapidamente por todo o mundo e, apezar do thermometro centigrado offerecer um methodo de graduação mais razoavel, os medicos inglezes e americanos adoptam ainda os da escala Fahrenheit.

E' hoje o thermometro um objecto indispensavel em toda a casa de familia.

Sempre que se suspeite estar alguem com febre, deve ser posto o thermometro.

Julgar que uma pessoa tem mais ou menos febre sómente tomando com a mão o calor do pescoço e das mãos é um grande erro.

ramente se lhe attribuem essas perturbações. Apezar do seu apparecimento corresponder á absorpção da aspirina, não se estabelece a relação da causa com o effeito. Mas sendo assim é preciso que se saiba. Não se fallando das erupções, especie de urticaria, tão desagradavel que ella acarreta muitas vezes. Um outro perigo é a permeabilidade imperfeita do rim.

A aspirina, agindo sobre elle, o expõe a albuminuria passageira.

Tudo isso vale bem a pena que se reflicta antes de tomar uma pastilha de aspirina. No entretanto, como esses accidentes podem produzir-se é prudente tomar-se precauções para evital-os. Para isso bebe-se muito liquido, tisanas quentes, e deita-se.

Damos aqui mais alguns conselhos para evitar os accidentes da aspirina.

Primeiro não usar senão aspirina de muito bôa qualidade. E, em lugar de tomar uma dóse forte de uma vez, fraccional-a.

Por exemplo, dividir a pastilha em dois ou mesmo em quatro pedaços. Mas se o coração e os rins não estão funccionando bem, e se a pessôa é sujeita a enterite, deve antes sujeitar-se a soffrer a dôr que tomal-a. E sobretudo (é este o ponto mais importante), tomem a pastilha acompanhada por muito liquido. Tome-se desfazendo-a n'um copo de agua quente na qual se poz ou uma colherinha de cognac ou um pouco de sumo de limão.

Um grande erro, que é muito commum e muito prejudicial, é tomar a aguas mineraes ou ao bicarbonato de soda. Com a pastilha de aspirina não se deve juntar nunca nenhum alcalino. Prestem bem attenção a estes conselhos que evitarão muitos d'esses accidentes.

Para conseguir chegar ás regiões da luz, precisa-se de passar pelas nuvens. Uns param, ali outros sabem passar além.

Conselhos Praticos

PREPARO PARA LIMPAR O MARMORE

Faz-se uma massa misturando-se 2 partes de bicarbonato de soda com uma parte de pedra pomes pulverisada e uma parte de giz tambem finamente reduzido a pó. Passam-se esses tres ingredientes por uma peneira fina, para eliminar todas as particulas grossas que possam riscar a superficie de pedra. Junta-se depois agua sufficiente para formar uma massa pastosa. Esfrega-se vigorosamente o marmore com esta pasta e termina-se o processo de limpeza por meio de uma applicação franca de sabão e de agua.

MANEIRA DE COBRIR COM CHOCOLATE OS BONBONS E PASTILHAS

Toma-se uma quantidade de chocolate que não contenha nem vestigios de assucar e põe-se para derreter em banho-maria. Não se deve pôr agua no chocolate. Quando está derretido fórma um liquido consistente e mergulham-se n'elle os bonbons e pastilhas que se deseja cobrir com chocolate. Collocam-se depois em papel gordurento até seccarem.

PARA DAR A UMA ESTATUETA A APPARENCIA DO BRONZE

Prepara-se primeiro a superficie do objecto com colla forte que se esfrega em seguida para estendel-a igualmente. Mistura-se em seguida azul de Prussia e ocre em pó que se desfaz em essencia de terebinthina de maneira a obter o tom desejado e passa-se esta mistura sobre a estatua. Termina-se clareando as saliencias dos vestuarios, os angulos e as figuras com pó de bronze no tom apropriado.

O amor tem por inimigos: o odio, a inconstancia, o ciume, a saciedade.

FAGUET.

Consultorio Medico

F. H. (Recife) — A mulher e o homem são dois seres profunda e essencialmente differentes, que não são governados pelas mesmas leis e necessidades psychologicas; em particular certos caracteres de homem e certas naturezas de mulher são inconciliaveis, antitheticas, e sua união não póde crear a paz e a felicidade.

Ha sêres que nunca amaram ou desejaram o amor, sendo, no entretanto, capazes de devotamento, affeição e piedade.

Como ha tambem mulheres não amorosas dos homens, mas. amorosas do amor, a mulher para a qual os cuidados, a adoração e a paixão — mais a que inspira do que a que sente — são tão necessarios quanto o calor e a nutrição.

Em certos momentos da vida isto acontece a todas as mulheres, que estendem as azas do sonho sobre as banalidades tristes da vida! Como são temiveis as exigencias do coração!

Bem-me-quer (Santos) — E' impossivel responder á sua consulta. Só ha um meio infallivel: evitar o outro séxo.

Magda Moura (Pelotas) — São inveridicas as informações que lhe foram prestadas. O defeito organico não altera em nada a physiologia e sensibilidade de outros orgãos. Póde ficar tranquilla.

Martiniano (Cuyabá, Matto Grosso) — Ha albuminurias que se acompanham de perturbações cardio-renaes (retenções, impermeabilidade renal, hypertensão,perturbações cardiacas) e ha ainda as albuminurias chronicas benignas (que me parece ser o seu caso).

Algumas indicações therapeuticas são communs ás albuminurias chronicas benignas e outras são aconselhadas devido ao estado do tubo digestivo, do figado, do metabolismo cellular, do estado florescente ou debil do individuo. Regime lacto-vegetariano. Opotherapia renal. Chloreto de calcio — 0,50 a 2 grs. por dia.

Annita Carvalho (Tres Corações, Minas) — A anesthesia sexual é quasi sempre temporaria. A frieza intima é uma pseudo-frieza, motivada pela fraca excitação do homem. Etiologia: diabetes, alcoolismo chronico, morphinismo, atrophia dos ovarios, onanismo exagerado etc. Trat. Injecções de Tonofosfan forte e de *Sôro lipotrophico Feminino* (minha formula). A's refeições dois comprimidos de Hormotone.

Adelia Dias (Bahia) — Aconselho injecções subcutaneas, um dia sim outro não, de Sthéno-Sedans Silva Araujo.

Tomar todos os dias uma a tres colherinhas de café dissolvidas com agua de Sédosine. Exame de urinas e de sangue.

A. Rudge (Rio) — Injecções de *Yo-pyronal*. Só com exame.

Maria da Graça (Rio) — Soffremos a sociedade commum; nossa vida segue a vida geral. E' um movimento natural, sem encanto. Para se chegar á vida espiritual é preciso um choque violento: paixão, miseria ou soffrimento. Aquelle que não tiver medo de soffrer recolherá da vida emoções preciosas! Já dizia Gœthe: transforma a tua côr num poema!

Amair de Moraes (S. Paulo) — Insisto pelo tratamento indicado. Não ha necessidade do auxilio de outra pessôa.

Gil Blas (S. Paulo) — Aconselho o licôr de Burow. Uso externo: — Alumen, 1 gr.; Acetato de chumbo, 5 grs.; Agua de rosas, 500 grs.

Para loções em todo o corpo. Póde passar no corpo a seguinte composição:

Uso externo: — Acido picrico, 1 gr.; Formol do commercio, 10 grs.; Agua, 200 grs.;

A's vezes produz ligeira dermite.

Amalia (Rio) — Póde usar tres ou quatro vidros de *Urolithigo*, com espaço de uma semana entre um vidro e o outro. Regime: pouca carne, de preferencia carnes brancas (gallinha, carneiro e vitella). Legumes e leite. Si possivel, exercicio.

Desejava, outrosim, um exame de urinas (urina de repouso e de movimento).

A. Annibal (Rio) — Tenho obtido excellentes resultados no tratamento da blenorrhagia chronica com a vaccina anti-gonoccica — *Gonotrobina*, associada á proteinotherapia, injecções intra-musculares de leite ou intra-venosas de Novo-protin.

E' preciso exame da prostata.

Alice Ribeiro (Petropolis) — Emprégo no tratamento da furunculose a vaccinotherapia associada á opotherapia thyreoidiana. Pó de glandula thyreoide (0,02 a 0,03), de dois em dois dias. A cura se obtem no espaço de 20 a 30 dias.

Estherano (Bahia) — Veja a resposta anterior, a Alice Ribeiro (Petropolis).

A. A. V. (Rio) — Aconselho na asthma bronchica a seguinte formula:

Uso interno: — Extr. fluido de grindelia, 30 grs.; Tintura de belladona, Tintura de lobelia, ãã 5 grs.; Iodeto de sodio, 5 grs.; Xe. de polygala, 150 grs.

Para tomar uma colher de café 3 a 4 vezes por dia.

Curioso (Rio) — Aconselho a seguinte formula, que evita qualquer contagio. Uso externo: — Calomelanos (dissociavel) 16 grs.; Thymol, 75 centgrs.; Lanolina, Banha fresca, ãã 15 grs.

Lucilia R. S. (S. Paulo) — Recommendo-lhe Placentodose Fraysse e capsulas de pó de glandula mammaria.

Zéca (Santos) — A incontinencia de urina é uma nevróse urinaria. E' preciso operar o adenoidêo. Pensar na epilepsia. Hygiene. Regime vegetariano. Beber pouco á noite. Comer e mastigar com cuidado. Fricções seccas. Banho frio rapido pela manhã. E' preciso despertar a contractilidade quando se trata de um esphincter vesical atonico. Int. Sulfato de estrychinina (1/4 de millgr. por dia). Quando se trata de um espasmo do cóllo vesical (tint. de belladona, 5 gottas á noite).

Interno: — Extr. fluido de rhus radicans, 10 gottas tres vezes por dia, em seguida 15 e 20 gottas.

A's vezes dá resultado o sulfato de atropina.

Interno: — Sulfato neutro de atropina, 1 centgr.; Agua fervida, 10 grs.

Para tomar 5 gottas á noite ao deitar-se. Augmentar de uma gotta por dia até 15 gottas. Interromper em caso de intolerancia.

Pratica-se tambem a acidificação das urinas, após verificação da sua alcali-

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Dalva — Envie-me o seu endereço para que lhe possa mandar um prospecto com as indicações necessarias ao tratamento da sua cutis. O uso da *Loção Adstringente* e da *Loção dos Cravos* fará desapparecer a oleosidade da pelle e evitará a propagação dos cravos.

Olga — Não pode haver uma perfeita hygiene intima sem as lavagens. Use o *Feminol* empregando em ½ litro d'agua morna uma colher de chá do *Feminol*. O regimen de 2 banhos tepidos por dia é debilitante.

Mme. Rosalina Camargo — Aconselho o tratamento das espinhas indicado á pag. 9 do meu prospecto, para fazer desapparecer a erupção. As cicatrizes das espinhas atenuam-se com o simples tratamento d'uma applicação diaria do *Crême de Massagem*, que é um poderoso nutritivo da pelle.

Mme. N. D. — O seu tratamento está certo, com a unica substituição do *Crême de Massagem* pela *Pomada dos Cravos*.

Para alisar e fixar o seu cabello passe a escova todos os dias, humedecida com o *Tonico n. 10*.

Maria Alves Penna — Envie-me o seu endereço para que possa mandar-lhe o prospecto onde encontrará todas as indicações necessarias para a massagem correcta. A massagem com *Crême de Massagem* é o unico tratamento efficaz da ruga.

Mãe amorosa (Campinas) — O medico deve ter razão. Esse estado é proprio da crise da edade. Minha opinião é que lhe désse, em vez dos remedios, uma gemma de ovo batida com assucar n'um calice de vinho do Porto. Uma vida ao ar livre lhe será proveitosa.

Alina — Para fazer desapparecer os cravos faça o seguinte tratamento: lave o rosto de manhã e á noite com agua de *Pó de Massagem* tepida e sabonete *Sylkale*, misturando na agua 1 colher de chá do *Tonico da Pelle*. Applique ao deitar-se depois da lavagem a *Pomada para os Cravos*. Humedeça diversas vezes ao dia com a *Loção dos Cravos*. Ha pelles delicadas que não supportam esta *Loção* pura. Neste caso deve addicionar-se agua. Aconselho-a a usar o *Pó de Arroz Hygienico*.

Diabrete — O uso da *Loção de Embellezar a Pelle* em redor dos olhos muito depressa corrigirá a secura da sua cutis, derivada de chorar tanto. Massagens com *Crême de Massagem* restituirão o vigor e elasticidade da sua pelle como tambem extinguirão as sardas. Empregue a *Loção Adstringente* como fixativo do *Pó de Arroz Hygienico*, que branqueia a pelle conservando a frescura.

Mme. J. M. — Parar immediatamente com a brilhantina que está usando. Para corrigir a excessiva oleosidade de seu cabello, fazer desapparecer rapidamente a caspa e suspender a queda, lave a sua cabeça de 8 em 8 dias com *Shampoo-Pó*. Diariamente deve friccionar bem a cabeça com o *Tonico n. 9*. Todos os importunos males de que se queixa cessarão sem demora.

C. M. — O mesmo tratamento que aconselho a Mme. J. M. Garanto-lhe sem hesitação que o seu cabello, assim tratado e escovado duas vezes por semana com a escova humedecida no *Tonico n. 10*, será lindo, limpo, forte e saudavel.

Mlle. Afflicta (Bello Horizonte) — Posso enviar-lhe um prospecto de meus preparados e a pagina 23 encontra o regimen de tratamento para a belleza e rigidez do seio.

Nair — Cada senhora que vela a conservação da sua belleza devia ter em sua casa o *Perfume Selda* e usal-o no banho de todas as vezes que se sentisse fatigada, nervosa, exhausta. Não é como um simples preparado de luxo para perfumar o seu banho que lhe aconselho o uso do *Perfume Selda*, mas sim como um remedio efficaz para corrigir a flacidez de seus tecidos.

Mme. C. B. (Petropolis) — Sendo sua pelle aspera, aconselho-a a lavar o rosto com agua de *Pó de Massagem* e sabonete *Sylkale*. E' indispensavel adoptar como adhesivo do pó de arroz a *Loção de Embellezar a Pelle*. Meu rouge *Poziomka* dá um esplendor de rosa á epiderme.

Mme. Bloch — Quem tem o seu espirito e a sua belleza não envelhece aos quarenta annos. Leia com attenção as pags. 7 e 8 do meu prospecto e se adoptar o tratamento hygienico da pelle seguindo-o com perseverança verá que a hora da sua velhice não chegou ainda.

SELDA POTOCKA.

nidade. Acidificam-se pela Solução de Joulie:

Acido phosphorico officinal, 17 grs.; Phosphato de sodio, 34 grs.; Agua distillada, 250 grs.

Para tomar duas colheres ás refeições. Recorrer, excepcionalmente, a injecção de sôro physiologico do perineo (40 a 60 cm3) Injecção epidural de sôro physiologico (5 a 10 c. c.)

Maria da Graça (Rio) — — A syndrome anemica póde ter varias causas: impaludismo, vermes, lues e influencias endocrinicas. Recommendo-lhe injecções sub-cutaneas de *Pairol* e após as refeições uma colher das de sôpa da seguinte formula:

Uso interno: — Sol. de peptonato de ferro, 75 grs.; Agua de flôres de laranjeira, Alcoolato de melissa, ãã 15 grs.; Elixir de Garus, 200 grs.; Xe. simples, q. b. 500 c. c.

Injecções de ferro colloidal. Comer feijão preto, aveia, espinafres e lentilhas, que contêm ferro.

Crespo (S. Paulo) — Mediante endereço certo enviarei todas as indicações necessarias.

Alvaro Lemos (Bahia) — O coração se dilata em duas condições: 1.° quando é submettido a um excesso de pressão, brusco ou lento, transitorio ou permanente: é a dilatação por obstaculo ou por hypertensão; 2.° quando o myocardio pede a energia e se acha atacado de asthenia, cedendo a uma pressão normal: é a dilatação por asthenia myocardica. Na maioria dos casos as causas pathogenicas se associam (factores de hypertensão e de asthenia cardiaca).

A percussão mostra o augmento da area de massicez cardiaca, acrescida transversalmente.

A escuta comprova a fraqueza das bulhas cardiacas, sôpros dôces de insufficiencia funccional tricuspida ou mitral.

O prognostico depende da causa. Trat. Diminuir o trabalho do coração; augmentar sua energia contractil. Repouso, regime lacteo, etc.

Int. Aguardente allemã e xe. de abrunheiro, na dóse de 20 grs.

Interno: — Santhéose, 50 centgrs. para 1 capsula, 3 capsulas por dia.

Tomar 40 a 50 gottas da sol. millesimal de digitalina Natinelle. Vida calma.

DR. VEIGA LIMA.

P. S. — *Toda a correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA. — *Cons: 5, Rua Uruguayana, 1.° andar — Rio de Janeiro — Tel. 5763 Central.*

Consultorio Odontologico

Arthur Vianna de Britto (Minas Geraes) — Deve fazer tres applicações diarias.

Carlos da Silva Lima (Rio Grande do Sul) — Bochechos de 2 em 2 horas.

Vicente Torres Magalhães (Alagôas) — Applique o iodo 3 vezes por semana.

Collega (Rio Grande do Sul) — Faça uso de

Acido phenico crystallisado 1,0
Alcool a 90° 10,0
Agua 100,0

Romeo Quintaes Velho (Minas Geraes) — Não seja por isso.

Bandeira de Mello (Rio Grande do Sul) — Deve usal-o diariamente, antes de deitar-se.

Delmito de Moraes (Minas Geraes) — Applicações do cauterio farão desapparecer em pouco tempo.

Salustiano de Medeiros (Minas Geraes) — Não deve abusar. De oito em oito dias, nunca mais.

Almerio dos Santos Cunha (S. Paulo) — Applicações na região inflammada de compressas de agua gelada.

Para bochechos frios:

Acido tannico 2,0
Tintura de iodo 4,0
Agua de hortelã 500,0

Mme. Murta de Moraes Sarmento (Rio Grande do Sul) — A sua filhinha necessita muito de cuidados dentarios.

Deve leval-a ao dentista e mandar obturar os dentes cariados e extrahir as raizes.

Quanto aos grossos molares dos seis annos, pode mandar extrahir, si estiverem muito cariados, pois em nada será prejudicada a articulação futuramente.

Carlos Coimbra de Souza (Rio) — O chlorato de potassio, por exemplo, na percentagem de uma gramma para cada copo com agua.

Paulo Sá Fortes (Minas Geraes) — Uma obturação a ouro 22 K.

Maria Miranda da Silva (Minas Geraes) — Uma limpeza de bocca com remoção do tartaro dentario de 4 em 4 mezes.

Quintino Lopes (Rio) — O acido chlorhydrico.

D. D. S. (Alagôas) — Com solda 20 K.

Stella de Almeida (Rio) — Mande remover o tartaro e faça bochechos diarios com agua e iodo.

Massagens nas gengivas com o dedo de borracha.

Escreva-me 30 dias depois.

Ferreira da Costa (Minas Geraes) — Cafiaspirina de Bayer, Guarafeno ou Cessatyl.

Alice M. (S. Paulo) — Não importa o tempo que o canal está obturado.

Acho conveniente mandar remover a obturação, muito embora a minha consulente nada sinta que faça pensar numa infecção dos radiculares.

O canal desobstruido facilitará o tratamento.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

CRIANÇAS NERVOSAS

São muito communs as crianças nervosas, de somno agitado e que rangem os dentes quando dormem. Em muitos casos trata-se de vermes intestinaes, os quaes convém serem eliminados, pelos perigos que representam.

• Entre os vermes mais communs no nosso paiz, destacam-se os oxyuros, responsaveis por coceiras no anus, por perturbações nervosas e por outras desordens de maior ou menor gravidade. O tratamento usual da oxyurose é complicado, consiste em clysteres caseiros e são quasi sempre inefficazes, pois os parasitas permanecem, em grande parte, no *coecum*.

Felizmente foi descoberto, pelos scientistas dos laboratorios Bayer, o especifico contra os oxyuros. Trata-se dos comprimidos de Butolan, sem gosto e inoffensivos, mesmo ás crianças apenas de mezes.

Em todos os casos, em que se suspeite de oxyuros, convém ensaiar o Butolan. Como elle não offerece o menor perigo e é bem acceito pelas crianças, representa um optimo recurso para combater as perturbações que se julgam devidas a estes vermes.